



UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física

De Principiante a Experto ou... Simplesmente Experto?!...



***Conseguirá a Prática Deliberada explicar a
Expertise no Futebol?***

- A perspectiva do Professor Vítor Frade –

Filipa Dias

Dezembro de 2005



UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física

De principiante a Experto ou... Simplesmente Experto?!...

***Conseguirá a Prática Deliberada explicar a
Expertise no Futebol?***

- A perspectiva do Professor Vítor Frade -

Monografia de Licenciatura realizada no âmbito da
disciplina de Seminário, Opção de Futebol, ministrada
no 5º ano da Licenciatura em Desporto e Educação
Física da Faculdade de Ciências do Desporto e de
Educação Física da Universidade do Porto

Trabalho realizado por: Filipa Dias

Trabalho orientado por: Mestre José Guilherme Oliveira

Dezembro de 2005

Palavras-chave: Futebol – Expertos – Expertise – Prática Deliberada

DEDICATÓRIA:

*“A beleza do futebol é difícil de explicar, mas é muito
fácil de descobrir.”*

Valdano, J. (2001: 20)

*A todos os que, como eu, descobriram o Futebol
e aprenderam a viver, com e para ele...*

*“Pequenas histórias e grandes paixões; o futebol
é a vida, dando lições.”*

Valdano, J. (2001: 51)

AGRADECIMENTOS:

Ao Professor José Guilherme Oliveira, pela competência e disponibilidade com que orientou esta monografia mas, acima de tudo, por ter estado na origem da minha relação com o futebol. Obrigada por tudo o que me ensinou ao longo destes anos.

Ao Professor Vítor Frade, por me ter ajudado a olhar o Futebol e a vida de outra forma. Os poucos momentos em que tive a possibilidade de o escutar foram alguns dos mais significativos, por tudo o que me proporcionaram, destes 5 anos de curso universitário.

Aos meus jogadores, pelos desafios colocados, pelo que me ensinaram e, sobretudo, pelos horizontes que me ajudaram a abrir.

Aos amigos, especialmente: à *Ana*, pela disponibilidade, apoio e colaboração prestada durante a realização deste trabalho; à *Mara* e ao *Miguel*, que comigo viveram e sentiram de perto o futebol – muitas foram as conversas, as discussões, os desafios, as dúvidas partilhadas...

Ao Raul, pela cedência de alguma bibliografia importante.

À minha família, especialmente aos meus pais, ao meu irmão e à minha avó, por serem um parágrafo à parte na minha vida, por serem únicos. Pelo apoio e confiança incondicional. Sem eles, certamente, não seria quem sou, nem conseguiria o que consegui. Desculpem o tempo que não passámos juntos!...

Ao Toni, pelo amor e compreensão que sempre revelou, mesmo quando eu (“*tão ocupada*”) não retribuía como ele merecia. Obrigada por teres acreditado em nós e no nosso futuro, não foi em vão...

RESUMO:

Tentando explicar os desempenhos de expertise, a teoria da *Prática Deliberada* (Ericsson, Krampe & Tesch-Romer, 1993) acredita que o sucesso numa determinada área, nomeadamente o desporto, está relacionado com a qualidade e a quantidade de horas de prática a que os jogadores são submetidos, ao longo da sua vida, desde que as actividades por eles realizadas exijam esforço e concentração, ainda que pouco ou nenhum prazer.

Tendo em consideração estes aspectos e reportando-se especificamente ao futebol, o presente estudo teve como objectivos: (i) identificar as principais características dos expertos no futebol; (ii) perceber como eles se formam e; (iii) saber se a Prática Deliberada é potenciadora da qualidade dos desempenhos de expertise na referida modalidade.

O trabalho consistiu num Estudo de Caso tendo-se realizado uma entrevista ao Professor Vítor Frade, depois de uma aprofundada revisão da literatura, na tentativa de perceber o seu ponto de vista relativamente à problemática em questão. A análise e discussão dos resultados obtidos permitiram-nos concluir: (i) o futebolista experto evidencia-se sobretudo nos domínios cognitivo e técnico da expertise, destacando-se a necessidade de ser encontrado a Top e de possuir um adequado Entendimento de jogo (Inteligência Funcional), ainda que não exista só um jogador de elite mas vários; (ii) o Processo ao qual os jogadores são submetidos, em oposição à componente biológica inata, exerce fundamental influência nos seus desempenhos de elite no futebol, desde que privilegie um determinado Entendimento de jogo e; (iii) a Prática Deliberada não parece ser a potenciadora da expertise no futebol, pelo menos não totalmente, dado não contemplar a especificidade da referida modalidade.

Índice:

DEDICATÓRIA	III
AGRADECIMENTOS	IV
RESUMO	V
ÍNDICE	VI
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DA LITERATURA	3
2.1. Do “Talento” de Ontem ao “Experto” de Hoje	3
2.1.1. Principiante ou Experto?... Eis a Questão...	5
2.1.1.1. Domínio Cognitivo	6
2.1.1.2. Domínio Técnico	11
2.1.1.3. Domínio Emocional	13
2.1.1.4. Domínio Fisiológico	15
2.2. Os Porquês da Expertise?!...	17
2.2.1. Prática Deliberada e Futebol... Será?!...	19
2.2.1.1. Esforço e Concentração? Porque não o Prazer?!...	24
2.2.1.2. “Quanto mais Melhor” mas... que Quantidade?!...	29
2.2.1.2.1. Do Futebol de Rua à Alta Competição	31
2.2.1.3 Há espaço para a Qualidade mas... que Qualidade?!...	37
2.2.1.3.1. A Importância da Especificidade no Futebol	40
2.2.2. Faltará mais Qualquer Coisa?!...	46
2.2.2.1. O Ambiente Sócio-Cultural	46
2.2.2.2. O Apoio dos Pais e dos Pares/amigos	48

3. MATERIAL E MÉTODOS	51
3.1. Caracterização da Amostra	51
3.2. Metodologia de Investigação	51
3.2. Recolha de Dados	52
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA ENTREVISTA	53
4.1. Os Melhores Jogadores... ..	53
4.2. O Destaque à Prática mas... Que Prática?!... ..	58
4.2.1. A Qualidade pela Qualidade?!... ..	60
4.2.1.1. Treinar e Jogar Futebol	63
4.2.2. Quantidade mas... em Qualidade	66
4.2.2.1. Começa-se Assim... ..	67
4.2.3. O Esforço, a Concentração e... o Prazer... ..	72
4.3. Não nos Esquecemos de Nada?!... ..	76
5. CONCLUSÕES	79
6. CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS	83
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
ANEXOS	89

1. INTRODUÇÃO:

“O bom futebol existe e a matéria-prima são os jogadores.”

Valdano, J. (1997: 17)

Pele, Cruyff, Maradona e, mais recentemente, Zidane, Lampard, Raul ou Figo, entre outros, são exemplos de futebolistas destacados pela qualidade dos seus desempenhos no futebol. Daí certamente já nos termos questionado acerca do que estará na origem da supremacia das suas prestações no futebol: será esse sucesso baseado em pressupostos biológicos (talentos inatos) ou, pelo contrário, dever-se-á à qualidade e à quantidade de actividade na área específica, ou seja, o futebol?

Ultrapassando controvérsias existentes entre perspectivas genéticas e ambientalistas, a teoria da Prática Deliberada (Ericsson, Krampe e Tesch-Romer, 1993) é uma das que, actualmente, mais tem tentado explicar os desempenhos de expertise, atribuindo à prática (esforçada e concentrada (ainda que realizada sem esforço), em quantidade e de qualidade) um papel de destaque.

Assim, sendo já alguns os estudos que diferenciam expertos e não expertos no desporto, parece-nos deveras importante tentar perceber porque é que essas diferenças acontecem, isto é, como se formam os expertos, Especificamente no futebol. Para isso, temos como objectivos: (i) identificar as principais características dos expertos no futebol; (ii) perceber como eles se formam e; (iii) saber se a Prática Deliberada é potenciadora da qualidade dos desempenhos de expertise na referida modalidade.

Atendendo ao elevado número de crianças/jovens que se relacionam desde logo com o futebol, nomeadamente inserindo os escalões de formação de

muitos clubes, parece-nos bastante pertinente esclarecer como pode/deve ser encarado e potenciado o seu processo de formação no futebol. Daí a importância de conhecer um pouco melhor como se formam os melhores jogadores.

Para concretizar os nossos objectivos, começaremos por realizar uma revisão aprofundada da literatura relativamente à problemática em questão. Depois, elaboraremos um questionário que nos auxiliará na recolha dos conhecimentos transmitidos pelo nosso entrevistado, o professor Vítor Frade, os quais nos permitirão, posteriormente, efectuar uma análise e discussão dos resultados. Finalmente, apresentaremos as respectivas conclusões bem como algumas considerações e recomendações finais para futuros estudos.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Do “Talento” de Ontem ao “Experto” de Hoje

“Zidane deveria patentear o mapa do genoma futebolístico. É verdade que não alcançou o nível de milagres genéticos como Di Stéfano, Pelé, Cruyff ou Maradona, mas em Zidane há um apontamento de todos eles, porque tem um século de futebol na sua cabeça. Não partiu, como os quatro deuses, com uma vantagem natural definitiva, mas pelo caminho conseguiu completar uma sabedoria integral, que o eleva à condição de maestro”

Valdano, J. (2002:71)

Di Stéfano, Pelé, Cruyff, Maradona ou Zidane, são exemplos de futebolistas frequentemente associados à palavra “talento” mas... Será que esta associação é a mais correcta?

Vários autores (Léger, 1986; Pérez, 1993, in Costa, 2005) referem que os indivíduos talentosos são aqueles que possuem um conjunto de capacidades e habilidades intrínsecas que lhes permitem obter sucesso numa determinada área. Limitam/excluem, portanto, a importância do experienciar em todo o processo.

Reportando-se especificamente ao contexto do desporto, Zatsiorski (1989) reforça as ideias anteriores encarando o talento desportivo como uma combinação de capacidades que potenciam bons resultados em determinado desporto. Parece que Valdano (2002:201) corrobora um pouco desta opinião afirmando: *“Há jogadores que nascem a saber jogar futebol; há jogadores que são homens quando têm idade de juvenis; há jogadores que são vencedores antes de ter ganho; há jogadores que continuam a aprender depois do êxito. Todos estes casos estranhos coincidem em Raul, um tipo que, em cima, parece normal”*.

Sendo assim, poderíamos então dizer que o desportista talentoso nasceu para este ou aquele desporto e, como tal, o processo de selecção e identificação de talentos, como actualmente o conhecemos, faria todo o sentido pois bastaria

procurar determinadas características genéticas (habilidades inatas) para se identificarem os desportistas de elite (Hodges & Starkes, 1996).

Contudo, Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) reivindicam que as diferenças de atributos aparentemente físicas, com excepção da altura, podem ser explicadas através da prática prolongada dentro de um domínio específico. Esta adaptabilidade de atributos fisiológicos evidencia, desde logo, a importância da prática. A este respeito Cruyff (2002:45) afirma: *“Sempre pensei que cada desvantagem tem as suas vantagens. Se sou pequeno, tenho que ser mais espetado. Se não sou forte, tenho que ser mais rápido, não tenho outro remédio”*.

Percebe-se assim a importância cada vez maior atribuída à aprendizagem. Aliás, Eusébio (in Melo, 2005:27) refere mesmo: *“Chego a convencer-me de que, enquanto os outros bebés aprenderam a andar, eu aprendi a chutar”*.

Parece então necessário reequacionarmos as definições de “talento”, ou melhor, substituí-las pelas de “experto”, reforçando assim o papel da aprendizagem e da prática. É o que actualmente acontece.

Durand-Bush & Salmela (1996:88, in Costa, 2005) definem o experto como “alguém experimentado, ensinado a partir da prática, habilidoso, ágil, disposto; com facilidade para render a partir da prática”. Também o dicionário de Língua Portuguesa – 2006 (2005: 1595) corrobora desta definição, encarando o experto como alguém “experiente, perito, versado, entendido”.

Daí que, verificada a importância da prática na formação dos jogadores de elite, importará esclarecer, que tipo de prática (este assunto será tratado posteriormente).

2.1.1. *Principiante ou Experto?... Eis a questão*

“Não é muito rápido, nem muito forte, nem muito goleador, nem muito nada. É distinto porque sabe jogar segundo os valores clássicos: travar, pensar, clarificar, essas coisas que fazem respirar um futebol cada vez mais estouvado.”

Valdano, J. (2001:135)

Para Valdano (1994, in Martin, 1994), um grande jogador é aquele capaz de unir os pés à cabeça, sem esquecer determinadas condições físicas. Utilizando como exemplos Cruyff, Maradona, Pelé, e Di Stéfano, chega mesmo a afirmar que *“são necessárias uma grande dureza psicológica, grandes condições físicas – fundamentalmente, velocidade e coordenação –, inteligência para entender o jogo, fantasia para surpreender e assustar e, finalmente, técnica. Isto é, dito sem respeitar uma ordem, o que se requer para ser um grande jogador”* (Valdano, 1994, in Martin, 1994: 102).

Também Cruyff (1997), tendo como referência vários jogadores de elite, enumera um conjunto de características que lhes devem estar associadas. Entre elas destacam-se:

- enorme qualidade técnica (Romário) – joga, faz jogar e marca golos;
- muitos títulos, defendendo sempre o futebol (Pelé);
- inteligência – jogar fácil (Franz Beckenbouer);
- responsabilidades em jogo, potenciando ao máximo as suas capacidades (o que falta a Michael Laudrup);
- disciplina táctica (o que falta a Rijkaard);
- polivalência (Gullit);
- grande capacidade de concentração (Baresi);
- grande personalidade, rapidez de pensamento e boa colocação em campo (Guardiola);

- ânsia de vencer (Amor).

Nuno Valente (2005, in Costa, 2005), prefere simplesmente realçar a necessidade do jogador de alto nível apresentar condições táticas, técnicas e psicológicas (saber lidar com a pressão).

No mesmo sentido, embora não se reportando especificamente ao futebol, Janelle & Hillman (2003), depois de reconhecerem a importância do treino/experiência prática na obtenção de um desempenho superior, acreditam que a excelência desportiva deve ser alcançada em quatro domínios: cognitivo (tático - estratégico; perceptual - de tomada de decisão), técnico, emocional e fisiológico. Vejamos mais especificamente cada um deles.

2.1.1.1. Domínio Cognitivo:

Referindo-se a Zidane, Valdano (1997) considera que o aspecto físico do jogador (grande e pesado) não pode ser encarado como uma desvantagem dada a sua capacidade de pensar antes dos demais. Tal capacidade parece relacionar-se com a preocupação do jogador em tentar perceber e interpretar o jogo, preocupação essa que, aliada (e talvez sustentada) à sua vasta experiência futebolística, permite-lhe analisar as situações e encontrar as soluções mais adequadas para os problemas antes da maioria dos seus colegas, que quase se limitam a olhar o jogo (ou partes, isoladas, deste) e reagir no momento, sem enquadrar as suas acções no próprio jogo (o Todo). Isto é, Zidane não se limita a correr, a jogar por jogar, tentando, pelo contrário, adequar as suas acções ao próprio jogo. Aliás, Valdano (1997: 143) afirma mesmo: *“Há um tipo de jogador que sempre está onde deve, que sempre leva um movimento de vantagem, que*

sempre resolve com simplicidade; que sempre, em definitivo, encontra a solução antes que chegue o problema”.

Janelle & Hillman (2003) vão, de certa forma, ao encontro do que acabámos de referir, relacionando o domínio cognitivo da expertise com a habilidade para determinar qual a estratégia mais adequada para uma situação (tático/estratégico), sem esquecer, contudo, os constrangimentos exigidos pela mesma situação (perceptual/de tomada de decisão). Isto é, não basta identificar a melhor solução para o problema, importa também saber se somos capazes de a executar com sucesso.

A este respeito, Jensen (2002) acredita que o experto é aquele que possui uma maior abrangência de conhecimentos, os quais o ajudarão a resolver os diferentes problemas mais facilmente. Importa então, antes de mais, esclarecer: que conhecimento?

Guilherme Oliveira (2004:90) fala-nos de conhecimento específico, definindo-o como *“o conhecimento necessário para a realização de determinada acção, dentro de um domínio particular que engloba a interacção do conhecimento declarativo, com o conhecimento processual, com as memórias e as emoções a eles associadas e que está configurado sob a forma de imagens mentais”.*

Parece então que a qualidade da prestação dos jogadores é potenciada pelos seus conhecimentos declarativos e processuais específicos. Os primeiros, relacionados com “o que fazer”, são fundamentais na interpretação, quer da situação (para posterior escolha da decisão), quer do resultado dessa decisão. Isto é, estando acessíveis de forma consciente (Cohen, 1984; Eysenck & Keane, 1994; in Guilherme Oliveira, 2004), os conhecimentos declarativos permitem fazer

associações e interpretações de decisões efectuadas ou possíveis, ou seja, perceber o que se passou e quais as consequências, facilitando assim as escolhas dos jogadores nos diferentes momentos de jogo (Guilherme Oliveira, 2004). Daí a maior abrangência do conhecimento declarativo específico dos expertos ser considerada uma vantagem. Relativamente aos conhecimentos processuais, ao estarem relacionados com o “como executar” uma acção, são também fundamentais na qualidade dos desempenhos, na medida em que permitem decidir e reagir rapidamente, sem necessidade de recorrer a processos conscientes (Cohen, 1984; Eysenck & Keane, 1994; in Guilherme Oliveira, 2004). Isto é, executa-se uma acção mas não se sabe explicar como se fez. Talvez por isso nos pareça que os jogadores de elite, contrariamente aos principiantes, resolvem mais rápido e eficazmente os problemas que surgem em jogo, sendo que, quanto mais abrangente for este tipo de conhecimento, maior a diversidade de soluções para determinada situação (Ennis, Mueller & Zhu, 1991; Marina, 1995, in Guilherme Oliveira, 2004).

Em relação a esta capacidade de resolução de problemas, Chase & Simon (1973, in Guilherme Oliveira, 2004) acreditam que as diferenças verificadas entre principiantes e expertos, estão relacionadas com a maior capacidade dos últimos para reconhecerem e representarem padrões de jogo, estando estes relacionados e identificados com o conhecimento específico daqueles. Ou seja, parece que a experiência adquirida ao longo dos anos, numa determinada área, origina conhecimentos específicos que são depois transformados em padrões de reconhecimento, facilitando assim a resolução de problemas semelhantes (Chi & Glaser, 1992, in, Guilherme Oliveira, 2004). A este respeito, Guilherme Oliveira (2004: 98) refere mesmo: *“Quando esses padrões são transformados em hábitos,*

isto é, passam a ser reconhecidos não conscientemente e também mais rapidamente que os processos conscientes, o conhecimento declarativo é transformado em conhecimento processual e este assume uma importância muito grande na qualidade do desempenho”.

Pensando em Raúl, Valdano (1997:147) também realça esta importância atribuída aos hábitos, dizendo-nos que a inteligência de todos os grandes futebolistas *“actua tomando o atalho da intuição e que não necessita, não tem porquê, e talvez até não se explique de outra maneira que não a muscular. (...) criatividade urgente e acossada que elege uma solução entre mil dúvidas sem passar pela consciência”.*

Poder-se-á então dizer que o experienciar sistemático, devidamente estruturado e enquadrado com uma ideia de jogo, permite aos jogadores criar conhecimentos não conscientes, que lhes facilitarão depois a resolução das diferentes situações. Isto é, *“eles vão criando imagens mentais não conscientes que vão ser reproduzidas no cérebro por representações mentais, ou seja, por padrões potenciais de actividade (Damásio, 2000). Quanto maior for a actividade desses padrões, mais refinada, adaptativa e rápida se torna a sua recuperação”* (Guilherme Oliveira, 2004:104). Daí vemos frequentemente os grandes jogadores solucionar tão rapidamente os problemas que aparecem em jogo. Valdano (1997: 130) afirma mesmo: *“(...) a jogada aparece e desaparece; antecipar-se ao tempo um instante e decidir a acção dentro do mesmo instante é um atributo dos grandes futebolistas”.*

Aliás, relativamente à capacidade de antecipação e à análise da tomada de decisão, French & Thomas (1987) e McPherson & Thomas (1989, in Guilherme Oliveira, 2004), apresentam algumas das características dos expertos:

1 – Reconhecem padrões de jogo com maior rapidez e precisão. Valdano (1997: 107) parece estar de acordo com tal característica afirmando que *“o jogador de categoria vive na emboscada, à espera do momento. Está relaxado e, de imediato, conecta com a quinta velocidade (mental) para encontrar uma solução à medida da dificuldade”*.

2 – Detectam e localizam os aspectos mais relevantes que acontecem no seu campo visual, com maior rapidez e precisão. Na sequência do que antes afirmou, Valdano (1997: 107) completa dizendo: *“Nunca um movimento em falso nem um gesto inarmónico nem uma decisão cómoda: (...), elegem os atalhos e, então sim, usam a técnica como ferramenta”*.

3 – Antecipam as acções dos adversários, baseando-se em pistas visuais, mais eficazmente. Segundo Cruyff (1997: 95), Guardiola parece ser disso um bom exemplo: *“Rapidíssimo pensando, sabe sempre o que deve fazer com a bola. Antes de receber já tem um par de opções e só elege a melhor”*.

4 – Revelam um conhecimento superior em situações mais prováveis de acontecer. A este respeito, Valdano (202: 70) refere: *“Há jogos que são aborrecidos porque têm pouca velocidade e outros que são caóticos porque têm um excesso de velocidade. O único relógio que dá a hora certa é o de Zidane”*.

5 – As decisões tácticas são mais ajustadas à situação. De acordo com tal afirmação está Valdano (1997: 161) quando diz: *“Há jogadores capazes de fazer tudo bem (controlar, passar, fintar, tirar...) mas não sabem o que procuram ou não sabem o que querem. Os grandes talentos sabem eleger e executar e são uma bênção para as equipas lineares”*.

6 – Têm um conhecimento declarativo (matérias específicas) e um conhecimento processual (acções) mais estruturado e aprofundado. Referindo-se

a Raúl, Valdano (2002: 203) vai de encontro ao que se acabou de afirmar: *“É fácil de definir. Primeiro: faz tudo bem. Segundo: cada dia o faz melhor”*.

7 – Possuem capacidades superiores de auto controlo. Valdano (1997: 107) acredita que *“O jogador de talento atravessa com serenidade qualquer situação. É uma segurança profunda que vence a pressão e o erro”*.

Para além de tudo o que atrás foi dito, importa não esquecer que as memórias estão também relacionadas com o conhecimento. Willians, A.; Davids & Willians, J. (1999, in Guilherme Oliveira, 2004) acreditam mesmo que os atletas de elite, contrariamente aos principiantes, apresentam um armazenamento de memórias mais completo e diferenciado, o que lhes permite recuperar mais rápido e eficientemente as informações.

Aliás, para que os problemas sejam resolvidos com sucesso é fundamental os conhecimentos estarem bem organizados e estruturados. Ericsson & Kintsch (1995, in Costa, 2005) chegam mesmo a referir diferenças relativamente ao modo como expertos e menos expertos codificam o conhecimento: os primeiros, fazem-no à volta dos conceitos chave e dos conhecimentos de resolução que permitem uma recuperação rápida e de confiança sempre que o conhecimento armazenado é relevante; os outros, parecem utilizar conceitos diários, dificultando assim a recuperação do referido conhecimento.

2.1.1.2. Domínio Técnico:

Reforçando a importância da técnica para a qualidade de jogo no futebol, Cruyff (2002: 19) assegura: *“A bola pode chegar-te aos pés, a meia altura, ao peito ou à cabeça, por isso é muito importante acumular a técnica suficiente para*

poder controlá-la do modo mais eficaz, em função das circunstâncias específicas derivadas do jogo”.

De facto, se em alguns desportos, como a ginástica ou a patinagem artística, os aspectos técnicos da habilidade ditam o nível global de desempenho, noutros, como é o caso do futebol, apenas contribuem para a qualidade global do movimento, isto é, só fazem sentido quando contextualizados com o próprio jogo.

Em qualquer dos casos, Janelle & Hillman (2003) acreditam que o treino prolongado e sistemático promove o reconhecimento, a recordação e a retenção de modelos de movimentos coordenados, refinados e eficientes. Relacionam, portanto, o domínio técnico da expertise com o grau de coordenação sensório-motora.

Parece então que, em função dos anos de treino, os expertos utilizam os referidos modelos de movimentos para armazenar conhecimento (Chase & Simon, 1973, in Costa, 2005). Esse conhecimento será depois utilizado na realização de acções em situações semelhantes, fazendo com que sejam executadas, mais eficientemente, com maior grau de automatismo.

Não esqueçamos porém que, no caso do futebol, é fundamental ter em consideração o Todo, isto é, um determinado jogo, uma vez que realizar acções por realizar (de forma isolada) pode não satisfazer as exigências/necessidades desse jogo, por não estarem enquadradas com o mesmo – daí não falarmos de um futebol mas de vários “futebóis”, sendo muitas e diferenciadas as acções contextualizadas nuns e noutros. Ou seja, os modelos de movimentos de que nos falavam Janelle & Hilman (2003) têm efectivamente que estar contextualizado com o jogo, com um determinado futebol, para que as acções que os caracterizam tenham significância dentro do mesmo jogo.

2.1.1.3. Domínio Emocional:

As emoções parecem estar relacionadas com todos os momentos da nossa vida. Aliás, são elas que lhe dão cor e sentido (Damásio, 2000).

São várias as situações que nos mostram que as emoções (e a capacidade para as regular) exercem grande influência nos desempenhos desportivos. Por exemplo, Lampard (2005: 37) reconhece: *“Sou bom a motivar-me e sou o meu pior crítico. Se recordo determinado encontro, é mais fácil lembrar-me de um passe mal efectuado do que de algo bom”*. Parece, de facto, que as emoções ajudam a seleccionar e a direccionar as informações importantes, associando-as a estados positivos ou negativos, para que possamos compreender e reagir ao mundo. Aliás, Damásio (2003: 71) acredita mesmo que *“As emoções são um meio natural de avaliar o ambiente que nos rodeia e reagir de forma adaptativa”*.

Relativamente à expertise, Janelle & Hillman (2003), referem que o domínio emocional encontra-se dividido em duas áreas: a regulação emocional (habilidade para influenciar e exercer algum controlo sobre a emoção) e as perícias psicológicas (factores que podem influenciar a prontidão emocional).

Os estados emocionais em contextos desportivos devem, portanto, ser considerados, uma vez que se manifestam e exercem bastante influência em domínios nos quais os expertos revelam superioridade relativamente aos principiantes, como sejam:

- *aprendizagens e respectivos conhecimentos*: parece que as aprendizagens são mais facilmente recordadas quando existem estados emocionais (LeDoux, 1996, in Guilherme Oliveira, 2004), principalmente se estes forem fortes, sendo assim maiores as possibilidades de recordação perante estados semelhantes. Isto é, se os momentos de aprendizagem forem marcados por estados emocionais

significativos/fortes, é mais fácil que nos lembremos do que aprendemos, sobretudo quando vivenciarmos emoções idênticas. Jensen (2002) fala mesmo de uma hiper estimulação do cérebro quando estão presentes as referidas emoções fortes. Damásio (2000) salienta aliás que, para se conseguirem determinados objectivos é necessário intervir com emoções diferenciadas perante os comportamentos realizados. Por exemplo, no caso do futebol, o treinador deve evidenciar emoções positivas ou negativas, perante comportamentos correctos ou menos correctos dos jogadores, tentando assim que estes se aproximem da sua ideia de jogo (do seu futebol), ou seja, através de uma aprendizagem condicionada, os jogadores vão-se identificando com um determinado futebol, recordado com maior ou menor facilidade, o que é mais ou menos correcto.

- *memórias*: a capacidade de memorização é melhorada na presença de estados emocionais (Oatley & Jenkins, 2002, in Guilherme Oliveira, 2004). Jensen (2002) acrescenta que as memórias serão tão mais fortes quanto mais intensas forem as emoções a elas associadas.

- *tomada de decisão*: Damásio (2000) acredita que as emoções facilitam o processo de decisão, afirmando mesmo que quando essa decisão está associada ou provoca emoções agradáveis é mais facilmente requerida do que outras associadas a emoções desagradáveis. Por exemplo, se um jogador falha consecutivamente determinada acção em jogo (o que lhe provoca emoções desagradáveis), é provável que, com o tempo, essa acção deixe de fazer parte das suas decisões preferenciais, isto é, quando confrontado com situações semelhantes, ele decidirá de forma diferente, procurando obter sucesso e, conseqüentemente, emoções mais agradáveis. De facto, parece que os estados emocionais influenciam a construção de significados que vão depois ter

implicações nas decisões tomadas (Jensen, 2002), podendo mesmo acelerar o processo de tomada de decisão, caso sejam adequados.

- *concentração*: as emoções permitem uma maior concentração no essencial, ajudando assim a estabelecer prioridades (Jensen, 2002).

Assim, ainda que até ao momento seja reduzido o conhecimento científico sobre as emoções nos expertos, parece necessário atender aos contextos emocionais nos quais estão inseridos tais jogadores, dadas as implicações das emoções na consecução de desempenhos de elite.

2.1.1.4. Domínio Fisiológico:

Apesar deste ser um domínio específico do desporto, as necessidades fisiológicas para realizações de expertise são extensas e variadas, quer entre desportos, quer dentro do mesmo desporto.

Wilmore & Costill (1991, in Janelle & Hillman, 2003) acreditam que os factores morfológicos e os tipos de fibras musculares podem modificar-se através de uma prática extensa e sistemática. Esta ideia é contudo refutada pelos fisiologistas do desporto que defendem que os limites impostos são geneticamente determinados.

Dada a controvérsia, este domínio da expertise não será alvo de muita atenção da nossa parte. Valdano (1997: 29) parece, aliás, estar de acordo com esta posição ao afirmar: *“Dizemos que jogar bem não tem a ver com ser alto nem forte nem rápido. Joga bem Zola: um pequenino, (...), e Zidane: um vagaroso, e Gascoigne: um gordito, e Donadoni: um senhor maior. A única medida é a estatura e o peso do talento”*.

Estão, desta forma, apresentadas as principais características dos expertos no futebol, isto é, daqueles jogadores que evidenciam desempenhos superiores nos domínios cognitivo, técnico, emocional e, se quisermos, fisiológico.

Importa, contudo, não esquecer que os futebolistas, os “grandes” futebolistas não são todos iguais. Logo, ainda que de forma variada, jogadores com características diferentes podem evidenciar desempenhos de elite no futebol – se não há só uma forma de jogar futebol, não seria lógico afirmar que só um tipo de jogador (sempre com as mesmas características) o consegue fazer!... Daí não termos apresentado uma definição única e estanque de “experto” no nosso trabalho. Aliás, o jogador de elite *“Pode ser mágico como Kiko ou lógico como Guardiola, abrir passagem com um slálon como Ronaldo ou esclarece-lo com um toque como Suka, ser austero como Guerrero ou gostar do adorno como Rivaldo”* (Valdano, 1997: 158).

Parece então que, se algum jogador apresentar debilidades num dos referidos domínios de expertise, não deve deixar de ser considerado experto pois: *“No futebol o talento tem mil maneiras de se expressar e só harmonizando virtudes distintas se consegue o equilíbrio”* (Valdano, 2001: 174). Ou seja, os jogadores de elite não têm necessariamente que mostrar supremacia em todos os domínios da expertise, aliás, é provável que uns sejam melhores nuns domínios enquanto outros, também expertos, o sejam noutros. O importante é que os grandes jogadores, cada um à sua maneira, têm sempre algo de especial a acrescentar ao jogo.

2.2. Os Porquês da Expertise!...

“ (...) o grande futebolista nasce e não se faz. Aperfeiçoar-se-á com o conselho, a emulação e a prática; melhorará o inteligente (pensado) e o intuitivo (olfateando), mas nada influiu tanto na formação como a própria natureza”

Valdano, J. (1997: 156)

Depois de apresentadas as principais características dos expertos, seria interessante tentar explicar os seus comportamentos excepcionais, isto é, perceber como é que os jogadores de elite se formam.

Quando questionado acerca do que contribuiu para que alcança-se um nível superior, Costinha (2005, in Costa, 2005: XXXI) responde: *“ (...) um jogador, à partida, tem que nascer como é óbvio, porque senão toda a gente era jogador. Depois tem que se fazer, porque há certas regras que têm de ser implementadas e educadas para que o jogador se torne cada vez mais forte e melhor”*. Também Nuno Valente e Maniche (2005, in Costa, 2005) partilham desta opinião, reforçando a ideia de que o grande jogador nasce e faz-se.

Esta combinação de interacções genéticas e ambientais é, aliás, defendida por Janelle & Hillman (2003). Os autores acreditam que a expertise pode ser explicada tendo em consideração factores hereditários (talento ou natureza) mas também as influências do meio (prática/treino sistemático). Contudo, este ponto de vista não tem sido muito considerado até então, preferindo dar-se maior ênfase a perspectivas mais restritivas, isto é, ou se defende a perspectiva genética ou a ambientalista.

Durante muito tempo, atribuiu-se grande importância à componente biológica inata, considerando-se que o sucesso, numa determinada actividade, dependia de certos “dons” ou “talentos” (Howe, Davidson & Sloboda, 1998, in

Costa, 2005). Os desempenhos de qualidade eram assim explicados pela *perspectiva genética* tendo em consideração as habilidades inatas dos jogadores.

Mas, tal como vimos no capítulo anterior, a prática e a aprendizagem foram ganhando cada vez maior destaque. Daí que, acreditando que os desempenhos de elite, numa área específica, dependem da quantidade e da qualidade das actividades práticas realizadas (Ericsson, 1996), mantidas durante vários anos, a *perspectiva ambientalista* tem-se apresentado como a mais válida na tentativa de explicar como se formam os expertos. Reportando-se especificamente ao futebol, Cruyff (1997: 18) chega mesmo a afirmar: “ (...) *até os maiores do futebol tiveram que trabalhar muito duro para, primeiro, chegar a cima e, depois, manter-se lá durante anos*”.

Assim, a teoria da Prática Deliberada (Ericsson, Krampe & Tesch-Romer, 1993) é uma das que, actualmente, mais tem realçado esta importância da prática na obtenção da expertise, excluindo, pelo contrário, qualquer participação do talento (habilidades inatas) em todo o processo. Importa portanto tentar perceber um pouco melhor em que consiste tal teoria, para saber se se adequa, de facto, ao futebol.

2.2.1. Prática Deliberada e Futebol... Será?!...

“A mão dura prestigia muito, por isso os presidentes, treinadores e jogadores mais demagogos abusam da palavra trabalho. A última moda é repeti-la três vezes: «A solução é trabalho, trabalho e trabalho.». Trabalho bem feito ou mal feito? Porque se se trabalha muito e mal eu rio-me, rio-me e rio-me.”

Valdano, J. (1997: 156)

Verificada a importância da prática na obtenção de desempenhos de elite, é necessário esclarecer que tipo de prática. Daí a questão: será suficiente considerar o tempo dispendido em actividade, qualquer que ela seja (brincadeira, jogo ou treino), ou, pelo contrário, os conteúdos de uma prática (altamente estruturada) devem também, e acima de tudo, ser considerados?

Contrariamente a Starkes (2000), que defende que a prática, por si só, quando estendida por cerca de 10.000 horas, permite a obtenção de desempenhos de elite, Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) acreditam que só o empenhamento em actividades de Prática Deliberada, isto é, em actividades que exigem altos níveis de esforço e concentração e que não são necessariamente agradáveis, possibilita a expertise.

A Prática Deliberada deve, assim, ser entendida como uma prática altamente estruturada e direccionada para um objectivo relevante, que tem em vista a melhoria do desempenho mas que não é necessariamente agradável, apesar do grande esforço e concentração que lhe estão associados.

Parece então que, segundo esta teoria, a quantidade e a qualidade do processo às quais os jogadores são submetidos exerce grande influência sobre os desempenhos de expertise (Ericsson, Krampe & Tesch-Romer, 1993): a primeira, porque se acredita que são necessários pelo menos 10 anos de prática intensiva para se adquirirem habilidades e experiências específicas em

determinado domínio (para se poder ser chamado de experto); a última, por se considerar que os expertos participam, durante grande parte desse tempo de prática, em actividades específicas, consideradas essenciais para a obtenção de desempenhos de elite no domínio em causa (daí a importância da estrutura e da operacionalização do processo).

A este respeito Ericsson (2003, in Guilherme Oliveira, 2004) sublinha mesmo a importância da Prática Deliberada na alteração dos mecanismos cognitivos e das estruturas cerebrais, realçando que estas se adaptam às exigências específicas decorrentes da experiência, isto é, parece que a vontade em evoluir, o empenhamento e a concentração dos jogadores, durante tantos anos, num domínio específico, induz alterações que lhes permitem melhorar substancialmente o seu desempenho, por exemplo, (i) a nível da tomada de decisão – os expertos têm maior facilidade em antecipar os acontecimentos (Tenenbaum, 2003, in Guilherme Oliveira, 2004) e, (ii) da memória – os comportamentos dos jogadores de elite são mais controlados processualmente, o que lhes permite dedicar mais atenção e consciência a outros aspectos da actividade (Beilock, Wierenga & Carr, 2003, Oliveira, 2004).

Mas, apesar da teoria da Prática Deliberada (Ericsson, Krampe & Tesch-Romer, 1993) ser uma das que, actualmente, mais tenta explicar os desempenhos de expertise, não podemos deixar de nos questionar: será que as conclusões obtidas por Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (a expertise só é alcançada com empenhamento, durante pelo menos 10 anos, em actividades que exigem altos níveis de esforço e concentração, não sendo agradáveis), nos seus estudos com músicos, são válidas também para o desporto?

Bem sabemos que música e desporto são domínios consideravelmente diferentes, principalmente devido aos constrangimentos físicos relacionados com o último, os quais podem também influenciar a expertise. Por exemplo, o tempo de prática no desporto pode ser afectado: pela necessidade de treinar em equipa ou com um colega (e não só individualmente), pela utilização de instalações especializadas (por exemplo, um campo de futebol), pela ocorrência de uma lesão ou fadiga, ou então pela necessidade de simplesmente manter a condição física.

De facto, parece que uma das principais fraquezas da teoria da Prática Deliberada, no desporto, está exactamente relacionada com o não reconhecimento desta variedade de constrangimentos. Para além disso, outras lacunas são apresentadas à referida teoria (Davids, 2000):

- ignora os aspectos genéticos, acreditando que os atributos fisiológicos, com excepção da altura, podem ser modificáveis com o treino;

- utiliza estimativas retrospectivas para perceber a quantidade de tempo gasto em Prática Deliberada em vez de saber, efectivamente, qual é esse tempo (gastou mesmo ou diz que gastou?): Starkes (2000) tenta contrariar esta ideia dizendo que o facto dos jogadores terem que relembrar aspectos já acontecidos, algum tempo depois de serem considerados expertos, não deve ser encarado como uma limitação pois, como essa prática fez parte das suas rotinas diárias, a recordação é facilitada;

- não recorre a grupos de controlo para prover uma evidência experimental forte. Estes grupos teriam que demonstrar níveis semelhantes de prática acumulada que um grupo especialista mas níveis mais baixos de desempenho, ou níveis baixos de prática acumulada em relação a níveis altos de desempenho. Caso assim não seja, como explicar aquelas situações em que se alcança a

expertise com pouca prática ou então aquelas em que, mesmo com muita prática, não se consegue alcançá-la?!...

- não clarifica o que os jogadores devem fazer, efectivamente, durante o tempo de prática.

A juntar a tudo isto está a complexidade relacionada com os desempenhos de elite nos desportos colectivos, entre os quais o futebol.

Neste tipo de modalidades a equipa é, normalmente, o centro das atenções o que faz com que, tanto o tempo dispendido na prática, como as actividades práticas realizadas, sejam encaradas em função do grupo, como um todo, e não do jogador, individualmente (Helsen, Starkes & Hodges, 1998), sendo por isso mais difícil quantificar a prática acumulada em termos individuais e, consequentemente, saber se há alguma relação entre essa quantidade de prática e o desempenho alcançado (ideia sustentada pela teoria da Prática Deliberada).

Daí que, nos desportos colectivos, a prática individual e a prática de equipa, têm sido encaradas separadamente, acreditando-se que a contribuição de cada uma pode alterar-se ao longo do percurso da carreira do jogador, ou mesmo durante uma época competitiva. Helsen, Starkes & Hodges (1998) tentaram perceber isso mesmo num estudo realizado com jogadores de futebol (internacionais, nacionais e regionais), onde comparavam o número de horas semanais dispendido em prática individual e em prática de equipa. Constataram que (i) os jogadores internacionais eram os que despendiam mais horas semanais em prática, tanto individual como de equipa; (ii) por volta dos 12/15 anos os jogadores internacionais diminuían o número de horas gastas em prática individual e (iii) aos 10 anos começavam a notar-se maiores diferenças quanto ao total de horas gastas em prática de equipa, com vantagem para os jogadores

internacionais, sendo que, por volta dos 18 anos essas diferenças eram extremamente significativas. Ou seja, parece que com o tempo os jogadores de elite dedicam mais horas à prática, nomeadamente à de equipa.

Apesar de tudo, encarar a prática individual e a prática de equipa como componentes (quando se fala de jogos desportivos) não parece ser a forma mais correcta de calcular o total de prática acumulada por um jogador, pelo menos de acordo com a definição original de Prática Deliberada de Ericsson.

Para além disso, não nos podemos esquecer que cada jogador tem um determinado papel dentro da equipa, que é diferente do dos colegas (por exemplo, pode ser guarda redes, jogador “mais defensivo” ou “mais ofensivo”), apesar dos objectivos comuns, o que também pode fazer com que haja alterações no desempenho dos jogadores (Ericsson & Starkes, 2003), isto é, consoante a sua maior ou menor intervenção em jogo (que pode variar consoante os jogos), o total de prática acumulada, fundamental aos desempenhos de elite, pode também ser afectada.

Assim, apesar de até então a Prática Deliberada ser encarada como uma teoria geral de expertise, parece fundamental alargar a sua definição de forma a clarificar as noções de prática: individual, com os outros e de equipa.

Embora conscientes destas limitações e porque, apesar de tudo, esta continua a ser a teoria que melhor explica os desempenhos de elite, vamos explorar os princípios a ela associados para tentar perceber até que ponto se aplicam ao futebol.

2.2.1.1. Esforço e Concentração? Porque não o Prazer?!...

“ (...) ele [Ruud Gullit] sempre se sacrificou para ser cada dia um pouco melhor”

Cruyff, J. (1997: 81)

“ Parecia-me um futebolista excepcional [Franco Baresi], bem dotado tecnicamente, e mentalmente fortíssimo porque tinha uma capacidade de concentração assombrosa”

Cruyff, J. (1997: 84)

“ (...) temos a sorte de fazer o que gostámos e quando o fazemos desfrutando, normalmente, a equipa ganha”

Cruyff, J. (1997: 84)

Tal como vimos anteriormente, a teoria da Prática Deliberada (Ericsson, Krampe & Tesch-Romer, 1993) acredita que só o empenhamento em actividades que exigem altos níveis de esforço e concentração, não sendo necessariamente agradáveis, possibilita a expertise. Como tal as referidas actividades devem permitir um equilíbrio entre os períodos de treino e de recuperação, ocorrendo apenas quando as faculdades mentais dos jogadores forem as adequadas para o seu empenhamento na referida actividade, ou seja, não vale a pena praticar só com o intuito de acumular horas de prática sendo, antes de mais, fundamental evidenciar resistência física e mental para o fazer, podendo assim dedicar-se mais esforço e concentração à mesma.

Relativamente às questões do **esforço e da concentração**, Nuno Valente, Maniche, Costinha, Aloísio e Bandeirinha (in Costa, 2005) parecem estar de acordo com os autores da referida teoria. Aliás, Maniche (in Costa, 2005: XV) refere mesmo: *“Hoje em dia só consegue ganhar títulos ao mais alto nível quem se esforçar mais e quem estiver o mais tempo possível concentrado. Basta uma pequena descontração para todo o trabalho de um ano ir por água abaixo”*.

Contudo, apesar de Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) considerarem o esforço e a concentração como igualmente importantes, parece que, no futebol, pelo menos na opinião dos jogadores e ex-jogadores entrevistados por Costa (2005), a concentração supera o esforço, destacando-se as suas vantagens nos treinos e as consequentes repercussões nos jogos. Costinha (in Costa, 2005: XXV) afirma mesmo: *“Se estamos desconcentrados nos treinos, a probabilidade de estarmos concentrados nos jogos é menor”*.

A importância da concentração no futebol é, aliás, muito explorada por Freitas (2005). O autor acredita que actualmente, o futebol de Top requer jogadores inteligentes, rápidos e fortes, capazes de manter níveis elevados de concentração durante um período prolongado de tempo. Esta concentração, relacionada com a capacidade de prestar atenção à informação pertinente, ignorando o irrelevante e os estímulos perturbadores, bem como com a capacidade de manter a atenção durante um longo período de tempo (Silvério e Srebo, 2002, in Freitas, 2005), deve aparecer, não de forma descontextualizada mas antes enquadrada com uma ideia de jogo, isto é, não devemos falar da “concentração pela concentração” mas antes atender à sua Especificidade, estando esta associada a uma cultura de jogo. Freitas (2005) fala-nos mesmo de “Concentração Tática”, acreditando que esta não deve perder de vista a realidade do Modelo de Jogo perspectivado pelo treinador.

Mas, para que a referida concentração seja potenciada é fundamental operacionalizá-la no treino, isto é, *“É necessário adoptar uma atitude interventiva imbuída de emoção, fazendo sobressair um comportamento específico que se deseja, através da orientação sentimental”* (Freitas, 2005: 17). Assim, parece que utilizando exercícios Específicos e orientação emocional/sentimental nos treinos,

o treinador conseguirá diminuir a ocorrência de desvios de concentração (e consequentemente, os erros daí advindos) durante a competição.

Aliás, referindo-se à melhor forma de potenciar a “Concentração Tática” nos treinos, Mourinho (2004, in Freitas, 2005: 56) afirma mesmo: *“é a construção de exercícios que exigem essa mesma concentração (...) são exercícios não analíticos, mas sim exercícios onde os jogadores têm que pensar muito, comunicar muito e exercícios de complexidade crescente que os obriguem a uma concentração permanente”*.

Por tudo, fica clara a importância da concentração no futebol, tal como a teoria da Prática Deliberada também preconiza.

Quanto aos aspectos relacionados com o *prazer*, Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) são peremptórios a afirmar que as actividades de Prática Deliberada não são necessariamente agradáveis. Acreditam portanto que o nível de desempenho será melhorado através de actividades que não proporcionem prazer (o importante é o esforço e a concentração).

Contudo, Scanlan, Carpenter, Schmidt, Simons & Keeler (1993), na sua teoria (Modelo de Compromisso Desportivo), apressam-se a contrariar este aspecto defendendo que o prazer na actividade é fundamental e decisivo para o compromisso com o desporto (juntamente com as alternativas e as oportunidades de envolvimento e os investimentos e constrangimentos pessoais). Também Helsen, Starkes & Hodges (1998), num estudo realizado com jogadores de hóquei e de futebol, puderam verificar que as actividades consideradas como mais importantes pelos jogadores eram, simultaneamente, aquelas com as quais se sentiam mais agradados.

Aliás, relativamente a estas questões do prazer, Damásio (2000, in Guilherme Oliveira, 2004) acredita que as pessoas procuram, de forma consciente ou não consciente, sentimentos que lhes causem prazer, afastando-se, pelo contrário, dos que lhes tragam dor ou tristeza. Transpondo estas ideias para o futebol, Guilherme Oliveira (2004: 110) afirma: *“No jogo de futebol, acontece o mesmo, quando determinado projecto colectivo de jogo envolve os jogadores de tal forma que lhes produz sentimentos conscientes de prazer relativos ao jogo colectivo. A procura permanente desses sentimentos colectivos permite o desenvolvimento do projecto colectivo de jogo. Por outro lado, se o projecto colectivo de jogo produz sentimentos negativos, existem barreiras que perturbam o desenvolvimento do projecto de jogo”*. E conclui: *“Esta ideia do sentimento consciente que promove o prazer ou a tristeza não acontece apenas no que se reporta ao projecto colectivo de jogo, também acontece a um nível individual”*. Ou seja, parece que quando sentimentos de prazer estão associados a determinadas acções/actividades, estas tendem a ser realizadas mais frequentemente e de forma convicta.

As resposta dos jogadores e ex-jogadores entrevistados por Costa (2005) parecem, de certa forma, ir de encontro ao que acabámos de referir uma vez que, apesar de considerarem ser possível aumentar o seu nível de desempenho com actividades agradáveis e desagradáveis, salientam que as primeiras podem ser mais eficazes, dadas as questões emocionais a elas associadas – jogadores motivados empenham-se mais em actividades agradáveis. Por exemplo, Costinha (2005, in Costa, 2005: XXV) afirma: *“(…) quando se gosta de jogar futebol, (…), tem que haver prazer em tudo o que se faz”* e completa *“(…) um pouco de prazer tem que se ter sempre porque sei que só através disso é que vou ser cada vez*

melhor”. Também Nuno Valente (2005, in Costa, 2005: V), embora reconheça que não gosta de fazer alguns exercícios, como sabe que são importantes, também eles têm que lhe proporcionar prazer pois: “ (...) *nós, jogadores de futebol, temos que ter prazer em tudo o que envolve o futebol. E, nesse aspecto, temos que ter prazer em tudo*”.

Porém, esta afirmação de Nuno Valente parece denotar uma certa “obrigação” do jogador de futebol em sentir-se agradado com o que faz. A este respeito Cruyff (1997: 76) chega mesmo a referir: “*Ultimamente pergunto-me muitas vezes se os futebolistas de hoje em dia gostam de jogar futebol. Creio que, muitas vezes, actuam como profissionais e não se sentem bem a jogar. É como se tivessem pressa que acabasse o jogo para logo fazer outra coisa*”.

Neste sentido, Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) alegam que o prazer referido pelos jogadores está relacionado com o aspecto social que envolve as actividades nas quais estão inseridos, no caso o futebol, ou seja, para estes autores, as actividades de Prática Deliberada são, definitivamente, realizadas sem prazer (somente com muito esforço e concentração) sendo que, é a abrangência social das modalidades (por exemplo, o facto de serem reconhecidos socialmente) que agrada aos jogadores. No fundo, Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993) acreditam que os participantes podem confundir o prazer do resultado da actividade, com o prazer da própria actividade.

Há, contudo, quem acredite ser possível aliar o prazer que se sente em jogar futebol, com o prazer que os outros sentem ao ver jogar. Por exemplo, Maradona (2000: 156) diz: “*Em 2000, com quase quarenta anos, os alemães receberam-me como se estivesse em plena actividade. Diverti-me eu e divertiram-se eles. Definitivamente, isso sempre foi o futebol para mim*”. Ou seja, ainda que

não se possa esquecer o impacto social do futebol, parece ser possível sentir, efectivamente, prazer nas actividades realizadas. Além disso: *“um ser humano que não encontra prazer nas coisas que faz, não pode pretender que essas coisas sejam fonte de prazer para os outros”* (Bertolt Brecht, in Valdano, 2001: 53).

2.2.1.2. “Quanto mais melhor” mas... Que Quantidade ?!...

“ (...) foi muito dura a mudança da técnica para a fúria. Eles corriam e eu tocava a bola! E nunca me iria habituar a isso: a correr, correr, correr... No teste de Copper eu fazia 2700, enquanto os outros chegavam aos 5000, 6000. Davam cabo do teste! Até que percebi tudo. Claro, antes de tocarem a bola, já estavam a correr.”

Maradona, D (2000: 74)

Salientando a importância da quantidade de prática para a obtenção de expertise, Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993), tal como vimos anteriormente, acreditam serem necessários pelos menos 10 anos de Prática Deliberada para se adquirirem habilidades e experiências específicas em determinado domínio.

Num estudo realizado com jogadores belgas de futebol e de hóquei em campo, Starkes (2000) pôde perceber que os que alcançaram um nível de excelência desportiva, no respectivo domínio, acumulavam aproximadamente a mesma quantidade de horas de prática, mais precisamente, 10.000 horas – daí o autor ter insistido no *“Número mágico das 10.000 horas”* como condição para se alcançar a expertise. Contudo, Rossum (2000), estudando o hóquei alemão, constatou que embora estes jogadores não acumulassem tantas horas de prática quantas as referidas por Starkes (2000), tinham conseguido muito bons resultados nas diversas competições em que participaram, tanto a nível europeu, como mundial e olímpico, superando mesmo classificações dos belgas. Também

Baker, Horton, Robertso-Wilson & Wall (2001, in Côté, Baker & Abernethy, 2003) puderam perceber que os atletas australianos de elite por eles estudados, acumularam cerca de 4000 horas de prática ao longo do seu desenvolvimento desportivo, horas estas que, como se percebe facilmente, estão longe das 10.000 mencionadas na teoria da Prática Deliberada.

Face ao exposto, parece inevitável a questão: será que a acumulação de prática, nomeadamente das 10.000 horas, está efectivamente relacionada com o nível de excelência alcançado? Ou melhor, poderá a expertise ser simplesmente reduzida a um número exigido de horas de prática? Se assim fosse, grande parte dos jogadores que conhecemos poderiam ser considerados expertos, o que, como sabemos, não acontece. Aliás, como explicar aquelas situações em que se alcança a expertise com pouca prática ou então aquelas em que, mesmo com muita prática não se consegue alcançá-la?

Vimos anteriormente que a Prática Deliberada inclui actividades projectadas para melhorar o nível actual de desempenho, distanciando-se por isso as noções de jogo, trabalho ou treino (entre outras). Daí que, não sabemos se Starkes (2000) contou o número de horas passadas pelas crianças a brincar espontaneamente, porque se o fez, os resultados obtidos distanciam-se um pouco da teoria de Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) pois tais actividades não são consideradas Prática Deliberada (Rossum, 2000).

Assim, poder-se-á dizer que, mais importante que tentar saber o número de horas de prática acumulada, talvez seja perceber o que é considerado necessário, desejado ou parte integrante dessa prática, ou seja, quais as horas que devem, efectivamente, ser contadas.

Costa (2005), acredita mesmo que talvez seja exagerado falar em 10.000 horas de prática como condição para se alcançar a expertise, dado que todos os jogadores e ex-jogadores por ele entrevistados preferem realçar a importância da qualidade do processo ao qual foram submetidos, em detrimento da quantidade do mesmo, tendo referido que *“treinar pouco não é sinónimo de treinar mal e tão pouco treinar muito significa trabalhar bem”* (Costa, 2005: 63). Daí a importância atribuída à qualidade da prática.

2.2.1.2.1. Do Futebol de Rua à Alta Competição

“Tudo o que fazia, cada passo que dava, tinha a ver com isso, com a bola. Se a Tota me mandava buscar alguma coisa, levava qualquer coisa comigo que se parecesse com uma bola para poder ir jogando com o pé: podia ser uma laranja, bola de papel ou de trapos. Assim subia as escadas da ponte sobre o caminho-de-ferro, a saltar num pé – o direito – e levava fosse o que fosse no esquerdo, tac, tac, tac...”

Maradona, D. (2000: 14)

Segundo Rowley (1995, in Rossum, 2000), para além de contar o número de horas acumuladas durante uma carreira desportiva, seria interessante determinar a idade em que se deveriam começar a contar essas horas, dado que a idade com que normalmente se inicia não coincide com aquela em que se começa a praticar seriamente. A este respeito, Bloom (1985) acredita que devem começar a contar-se as horas de prática depois do jogador ter escolhido, deliberadamente, uma actividade. Caso contrário, quem nascer num país “sem tradição”, isto é, onde não haja a possibilidade de começar a praticar cedo, estaria em desvantagem em relação aos restantes, desvantagem essa que não poderia ser superada durante a sua carreira pois, se tal como defendem Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993), o desempenho dos jogadores é avaliado em função da

quantidade de prática acumulada desde que a iniciaram num domínio específico, dois jogadores que embora devam as mesmas horas semanais à actividade mas que a tenham iniciado em idades diferentes, são diferenciados quanto ao seu nível de desempenho, com superioridade para o que a iniciou mais cedo (Costa, 2005).

Assim, Kalinowski (1985) & Monsaes (1985) acreditam que o desenvolvimento de desempenhos de elite está associado à existência de certos “períodos sensíveis” (os anos iniciais, os intermédios e os mais recentes anos) durante os quais os jogadores assumem decisões importantes relativas à sua participação no desporto. Os autores puderam perceber que a maioria dos jogadores de ténis e nadadores por eles estudados iniciava o seu envolvimento no desporto experimentando diferentes jogos desportivos, num ambiente brincalhão e divertido, sendo que ao longo do seu desenvolvimento, o ambiente de prática mudava gradualmente, incluindo uma maior especialização no desporto preferido e, conseqüentemente, um maior tempo de prática aí investido.

Mais recentemente, também Côté (1999), estendendo os estudos de Bloom (1985), pôde identificar três fases de desenvolvimento dos jogadores/atletas: os anos experimentais (6-12 anos), os anos de especialização (13-15 anos) e os anos de investimento (depois dos 16 anos). Assim, entre os 6 e os 12 anos, as crianças tinham a possibilidade de experimentar diferentes jogos desportivos e de desenvolver habilidades motoras fundamentais (como correr, saltar ou lançar, entre outras), sendo que o mais importante era a diversão e a excitação pelo desporto. Depois, entre os 13 e os 15 anos, a criança centrava-se numa ou duas actividades desportivas específicas, provavelmente incitada por experiências positivas com treinadores, pelo encorajamento de colegas mais velhos, pelo

sucesso ou pelo simples prazer da actividade. Finalmente, depois dos 16 anos, a criança empenhava-se numa única actividade.

Desta forma, embora Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) sugiram que os desempenhos de elite estão relacionados com a idade em que iniciam actividades de Prática Deliberada, importa esclarecer se essa exposição inicial das crianças em “actividades brincalhonas” constitui, de facto, esse tipo de prática.

Neste sentido, Côté (1999) e Côté & Hay (2002) diferenciaram a noção de jogo durante o desenvolvimento de perícias no desporto, sugerindo o conceito de “Jogo Deliberado”. Este tipo de jogo, projectado para maximizar o prazer inerente, regulado por regras adaptadas dos desportos estandardizados e fixadas pelas crianças ou por um adulto envolvido na actividade, contrastava com três tipos de actividades: actividades de jogo livre realizadas durante a infância (Denzin, 1975; Piaget, 1962, in Côté, Baker & Abernethy, 2003); actividades de prática estruturada típicas do desporto organizado e actividades de Prática Deliberada (Ericsson, Krampe & Tesch-Romer, 1993). Soberlak & Côté (in Côté, Baker & Abernethy, 2003), acreditam mesmo que a transição entre as fases de desenvolvimento desportivo está relacionada com mudanças significativas no compromisso dos jogadores com Jogo Deliberado, Prática Deliberada e outras actividades desportivas. Mais especificamente: os anos experimentais são caracterizados por uma baixa frequência de Prática Deliberada e bastante Jogo Deliberado; nos anos de especialização há um equilíbrio entre estes dois tipos de prática e, nos anos de investimento, aumenta a frequência da Prática Deliberada em detrimento do Jogo Deliberado.

Aliás Côté (1999), referindo que a estrutura da Prática Deliberada e as “actividades brincalhonas” mudam em função da idade da criança, acredita mesmo que um ambiente brincalhão durante os anos iniciais de envolvimento da criança no desporto, pode explicar a sua rápida aprendizagem e motivação excepcional, que conduzirá a uma aprendizagem subsequente e ao envolvimento em Prática Deliberada no futuro. Tal acontece porque a criança inicia a participação em jogos desportivos por vontade própria, tendo assim possibilidade de melhor avaliar a sua habilidade, o que afectará, seguramente, a sua decisão quanto ao futuro envolvimento no desporto.

Se nos remetermos especificamente ao futebol, ” (...) *boa parte do futuro dos futebolistas decide-se na infância*” (Cruyff, 1997: 14), ou seja, parece que as actividades realizadas pelos jogadores durante os anos iniciais do seu desenvolvimento exercem, de facto, grande influência sobre o que poderão vir a ser/realizar no futuro.

Tendo como referência o estudo realizado por Costa (2005), podemos perceber que todos os jogadores e ex-jogadores por ele entrevistados reconhecem que grande parte das suas brincadeiras eram ocupadas com futebol, sendo muitas as horas diárias dedicadas a tal actividade. A este respeito Costinha (in Costa, 2005: XXII) diz mesmo: “*Eram muitas horas, pois jogava na escola, no bairro sempre que tinha um bocadinho livre estava a jogar. Umas três quatro horas*”.

Estas indicações permitem-nos de imediato perceber que, se por um lado, durante a infância, os jogadores estiveram muitas horas em actividade, por outro, não o fizeram numa variedade de actividades, tal como Côté (1999) havia

referido. Pelo contrário, parece que o futebol foi a actividade que mais (e quase exclusivamente) realizaram.

Contudo, importa destacar que este futebol era, de facto, realizado num ambiente brincalhão, por exemplo, no recreio da escola ou à porta de casa. Maniche (in Costa, 2005: XII) acredita mesmo que o facto de ter passado a sua infância num bairro o influenciou ainda mais para a prática do futebol: *“Nos bairros há sempre um cantinho para a prática de futebol. Às vezes éramos tantos que tínhamos que fazer várias equipas e jogar ao «bota fora»”*.

De facto, o *futebol de rua* parece ser um marco fundamental no processo de formação dos jogadores de elite no futebol. Cruyff (2002: 44) chega mesmo afirmar: *“(…) na rua aprende-se muito. Se jogas num campo relvado (…) chocas contra um jogador e caís no chão, não se passa nada, levantas-te e já estás. Pelo contrário, na rua, se chocas com um jogador e caís no chão de cimento, magoaste-te (…)*. Como tal, tens que te avivar, aprender a movimentar-te e a decidir com mais rapidez”. Mais, Cruyff (2000, in Valdano, 2002:83) acredita que só na rua se podem treinar certos automatismos: *“Na rua, a bola não chega tão bem, sai em qualquer direcção, há que utilizar uma quantidade de coisas que normalmente não usarás num campo relvado”*.

Também Maradona (2000: 14) reconhece a importância que o futebol de infância jogado no seu bairro teve para o seu desenvolvimento como jogador: *“A minha velhota (…) dizia-me «Pelu, se vais jogar... só depois das cinco, depois do sol se pôr». E eu respondia-lhe: «Sim mamã, sim mamã, fica descansada». E saía às duas de casa (...) e, as duas e um quarto já estávamos a jogar. Sempre a dar-lhe, sob os raios do sol! (...). Por volta das sete, parávamos um bocadinho,*

pedíamos água nalguma casa e continuávamos. Jogávamos na escuridão, era igual”.

Desta forma, percebe-se a necessidade dos jogadores dedicarem grande parte da sua infância a “brincar ao futebol”, uma vez que ocupam a maior parte do seu tempo a experimentar diferentes formas de encarar o jogo, a aprender a encontrar diferentes soluções para os problemas, a arriscar... Enfim, num ambiente divertido, monitorizado pela própria criança/jogador, onde não há grande preocupação com a correcção imediata, a gratificação ocorre no momento (ter ou não sucesso) e o prazer é inerente, no fundo as características do Jogo Deliberado apresentadas por Côté & Hay (2002), as crianças envolvem-se cada vez mais com o futebol, sendo este um aspecto fundamental para o seu compromisso com a modalidade no futuro.

Não esqueçamos porém que, actualmente, principalmente nas grandes cidades, a ausência de espaços livres, o aumento da violência e da desconfiança, a diminuição do tempo livre das crianças e o comodismo existente (por exemplo, com a televisão ou o PC), entre outros factores, parecem ter remetido o *futebol de rua* para um plano secundário (Roxburgh, 2005). Daí a importância cada vez maior atribuída às escolas de futebol, acreditando-se que estas podem estreitar a relação das crianças com o jogo, tal como acontecia à alguns anos atrás com o *“futebol de rua”*.

Assim, por tudo o que até então foi dito, parece que os desempenhos de elite no futebol estão, de facto, relacionados com a quantidade de prática acumulada pelos jogadores, tal como referiram Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993). Contudo, mais importante que considerar os 10 anos ou as 10.000 horas de prática acumulada como condição para se alcançar a expertise, talvez seja

perceber em que consistiu essa prática, isto é, atender ao que os jogadores de Top fizeram desde a infância até que alcançaram o estatuto de expertos, para saber se essas actividades são, de facto, Prática Deliberada.

2.2.1.3. Há espaço para a Qualidade mas... Que Qualidade ?!...

“Sempre preferi os jogadores de qualidade aos jogadores de quantidade. Quando a quantidade é inteligente, comprometida e está dotada de uma personalidade exuberante, não espera para ganhar os jogos”

Valdano, J. (2002: 96)

Por considerarem que, aliadas à quantidade de prática, as actividades específicas realizadas pelos jogadores são também fundamentais para a obtenção da expertise no respectivo domínio, Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) salientam a importância da qualidade do processo ao qual os jogadores são submetidos.

Nuno Valente (2005, in Costa, 2005: VI) parece estar de acordo com os autores, acreditando que só é possível alcançar o alto nível no futebol, privilegiando a qualidade em detrimento da quantidade. O jogador afirma mesmo: *“Mais vale pouco e bem, do que muito e mal”*.

De facto, o tipo e a importância da prática são uma área de estudo muito importante no que concerne à expertise mas que tem sido algo negligenciada (Hodges & Starkes, 1996). Parecem ser necessários mais estudos para determinar o que leva os indivíduos a gastar uma quantidade considerável de tempo na prática se não a convicção de que possuem um talento inato. Daí ser fundamental conhecer a *“Microestrutura da Prática”*, isto é, perceber o que se faz, efectivamente, durante esse tempo de prática.

Neste sentido, Deakin, Starkes & Allard (1998) realizaram diferentes estudos empíricos na luta, no skate e no hóquei no gelo. Comparando expertos e não expertos tentaram, através da avaliação da *“Microestrutura da Prática”*, perceber que elementos constituem, no geral, a Prática Deliberada e em que medida esses elementos facultam o acesso a altos níveis de desempenho. Desta forma, os autores tentavam estabelecer uma relação entre a importância de certas actividades e o tempo passado na sua realização. Mais especificamente, Deakin, Starkes & Allard (1998) pretendiam saber: (i) que elementos constituem a Prática Deliberada; (ii) quanto do tempo é dispendido activamente nesse tipo de prática e se esse tempo muda em função do nível do atleta/jogador e; (iii) se os atletas/jogadores privilegiam, durante a prática, actividades consideradas mais relevantes para o domínio em causa. Das conclusões, importa destacar:

- nas três modalidades, verificam-se correlações negativas consistentes entre o que é visto como mais relevante e o que é realmente praticado, ou seja, os atletas/jogadores dizem uma coisa mas fazem outra;

- os lutadores expertos despendem mais tempo em actividades de luta enquanto os não expertos o fazem em habilidades técnicas. Apesar disso, embora os exercícios de luta sejam considerados, tanto por expertos como por não expertos, como os mais importantes, só uma pequena percentagem do tempo de prática é dispendido lutando. Em contrapartida o “aquecimento” e o retorno à calma, avaliados como menos importantes, ocupam uma quantia significativa de prática;

- no skate, apesar de se considerarem certos saltos novos como fundamentais para o sucesso, a maior parte do tempo de prática é dispendido com saltos que já se dominam.

Contudo, apesar de reconhecer as conclusões obtidas nos estudos atrás mencionados, Starkes (2000) constatou que a medição da *“Microestrutura da Prática”* acarreta bastantes dificuldades, não se conseguindo perceber se as diferenças observadas se devem a um nível diferenciado de expertise ou a outros factores, como por exemplo, a idade dos indivíduos ou a prática do treinador (entre outros).

Para além disso, não podemos deixar de nos questionar se estes resultados são significativos para o nosso estudo, não esquecendo que, tanto a luta como o skate, são domínios consideravelmente diferentes do futebol. Daí que, talvez o estudo realizado mais recentemente no basquetebol e no hóquei em campo nos seja mais útil, uma vez que estes são desportos colectivos, tal como o futebol (embora, mesmo assim, se continuem a salvaguardar as devidas diferenças). Nele, Baker, Horton, Robertso-Wilson & Wall (2001) puderam perceber que os jogadores de elite, não só passavam mais tempo na prática, como o faziam preferencialmente participando em actividades específicas consideradas como mais importantes dentro do respectivo domínio, como sejam o vídeo-treino, a competição, as práticas organizadas de equipa e a instrução individual com o treinador.

Perante tais constatações, parece-nos, antes de mais, fundamental esclarecer o que são actividades específicas no futebol, tentando assim perceber como poderão ser potenciadas, tendo em vista a melhoria qualitativa da acção do jogador e, conseqüentemente, do próprio jogo.

2.2.1.3.1. A importância da Especificidade no Futebol...

“A Especificidade é quase um princípio dos princípios, para mim, do treino. (...) o princípio da Especificidade é exactamente isso, é quase, levado ao exagero, uma metodologia de treino”.

Guilherme Oliveira, J. (2003, in Tavares, 2003: XIX)

Muitos são ainda os que acreditam que a Especificidade está simplesmente relacionada com a modalidade. Se assim fosse, poderíamos dizer que todos os que treinam (*ou dizem que treinam!...*) futebol, o fazem Especificamente, o que, como sabemos, não acontece.

Segundo Guilherme Oliveira (1991) para que o treino e as situações nele apresentadas sejam realmente Específicas, é fundamental uma interacção permanente entre os exercícios propostos e o Modelo de Jogo Adoptado pela equipa. Ou seja, sendo o referido modelo constituído essencialmente por princípios de jogo (articulados entre si e constituídos por padrões de comportamento relativos aos seus diferentes momentos), evidencia uma forma de jogar, isto é, permite saber o que fazer permanentemente em todas as circunstâncias do jogo e, como tal, direccionar todos os exercícios do treino para a exponenciação desses princípios. Aliás, o autor refere mesmo: *“Nós não treinamos exercícios, nós treinamos princípios”* (Guilherme Oliveira, 2003, in Tavares, 2003: XVIII).

Assim, Guilherme Oliveira (2004) acredita que, para que o conceito de Especificidade seja operacionalizado no treino é fundamental atender, não só aos exercícios propostos mas também à intervenção do treinador durante os mesmos, sem esquecer os jogadores a quem se dirigem.

Relativamente aos *exercícios*, é fundamental que estes sejam também Específicos, isto é, estejam perfeitamente enquadrados com o Modelo de jogo da

equipa (singularidade do processo), representando sempre o todo, ou seja, o jogo que se pretende, ainda que em escala reduzida (fractalidade do exercício). Só assim será mais fácil criar hábitos/automatismos (um dos seus objectivos), reduzindo-se, por conseguinte, o tempo de resposta dos desportistas a determinada acção, não esquecendo a necessidade dos exercícios realizados no treino requisitarem, com elevada densidade, os comportamentos pretendidos pois só assim poderão ser realizados mais rápida e eficazmente durante os jogos, quando solicitados (Frade, 1989, in Guilherme Oliveira, 2004).

Contudo, ainda que se reconheça a importância da qualidade dos treinos para a obtenção da expertise, parece ser possível jogar bem sem que todos os exercícios realizados no treino sejam de qualidade. Esta é pelo menos a opinião de Maniche (2005, in Costa, 2005). Bandeirinha (2005, in Costa, 2005) também não discorda completamente do referido, acreditando mesmo que o que o ajudou a evoluir enquanto futebolista foi o que aprendeu na rua, mais do que a qualidade dos treinos que teve ou dos exercícios realizados.

Quanto ao *treinador*, são vários os que salientam a sua importância ao longo da formação dos futebolistas de elite. Por exemplo, Nuno Valente (2005, in Costa, 2005: VII) acredita que “ (...) *só há qualidade da prática se o treinador for de qualidade*”. No mesmo sentido, Cruyff (2000, in Valdano, 2002: 84) acrescenta: “ (...) *há muita gente que pode falar de futebol, mas pouca que pode ensinar*”.

Coloca-se então a questão: o que é um treinador de qualidade?

Tentando dar resposta a esta interrogação, ou melhor, perceber de que forma os treinadores influenciam a qualidade dos desempenhos dos desportistas, vários estudos foram já realizados comparando treinadores principiantes e expertos. Das principais conclusões destacam-se:

- Ruth-Leas & Chi (1993), estudando treinadores de natação, perceberam que os expertos, contrariamente aos principiantes, apercebiam-se mais facilmente do que acontecia durante a actividade dos atletas, fornecendo, simultaneamente, soluções mais adequadas para os problemas;

- Bloom, G.; Crumpton, R. & Anderson, J. (1999) constataram que nos desportos de equipa, a expertise dos treinadores manifestava-se no seu conhecimento tático, ou seja, contrariamente aos principiantes, que simplesmente se preocupavam com aspectos gerais do desporto, os treinadores expertos centravam-se no que é mais significativo para o próprio jogo;

- Deakin & Cobley (2003) verificaram que os treinadores expertos são mais específicos a dar informações aos jogadores/atletas (instrução tática).

Mais recentemente, também Costa (2005) pôde constatar a importância atribuída ao treinador de qualidade no futebol. Costinha (2005, in Costa, 2005, XXVIII) refere mesmo que “ (...) *com um treinador incompetente, não se vai evoluir nem aprender*”. Aliás, todos os entrevistados consideram que o treinador é uma das chaves no desenvolvimento dos jogadores de alto nível.

Quanto aos aspectos mais importantes para o aperfeiçoamento de um futebolista, Maniche (2005, in Costa, 2005) destaca o discurso utilizado pelo treinador, devendo este estar direccionado para o que se pretende fazer no jogo mas, acima de tudo, para os Homens a quem se dirige, isto é, o treinador deve ser um bom gestor de recursos humanos. Valdano (1997: 144) parece estar de acordo com o jogador afirmando que “*O treinador é um especialista dos jogadores que estão à sua frente*” e conclui: “*(...) um treinador deve saber de jogadores. O que não começa por aí confunde o essencial com o secundário, que é o mesmo que não saber nada*”.

Já Costinha (2005, in Costa, 2005) prefere realçar o espírito ganhador que um treinador deve sempre ter, embora não descarte a importância atribuída ao discurso utilizado. Este jogador acredita mesmo que *“(...) um dos pontos mais importantes num treinador é tentar ser um bom condutor de homens, bom orador, tentar passar as suas ideias através de um discurso claro, não autoritário, mas rigoroso e disciplinado (...)”* (Costinha, 2005, in Costa, 2005: XXIX). Nuno Valente e Bandeirinha preferem destacar o contributo do treinador nos aspectos motivacionais, também muito importantes no futebol.

Independentemente do ênfase ser colocado em diferentes aspectos, consegue perceber-se facilmente a importância atribuída à relação treinador/jogador. Aliás, Mourinho (2004: 26) realça isso mesmo quando afirma: *“Foi da relação que mantive com eles (jogadores do Barcelona) que aprendi uma das minhas principais virtudes como treinador. O trabalho tático que promovo não é um trabalho em que de um lado está o emissor e do outro o receptor. Eu chamo-lhe a «descoberta guiada», ou seja, eles descobrem segundo as minhas pistas. Construo situações de treino para os levar por um determinado caminho. Eles começam a sentir isso, falámos, discutimos e chegámos a conclusões. Mas, para tal, é preciso que os futebolistas que treinámos tenham opiniões próprias. Muitas vezes parava o treino e perguntava-lhes o que é que eles sentiam em determinado momento. Respondiam-me, por exemplo, que sentiam o defesa direito muito longe do defesa central. Ok, vamos então aproximar os dois defesas e ver como funciona. E experimentávamos, uma, duas, três vezes, até lhes voltar a perguntar como se sentiam. Era assim até todos, em conjunto, chegarmos a uma conclusão”*.

Não esqueçamos porém que o envolvimento dos jogadores com o futebol não ocorre apenas quando eles atingem o alto nível mas também, e muito particularmente, durante a infância sendo este, tal como vimos anteriormente, um período fundamental para o seu compromisso com o desporto.

Kalinowski (1985) e Monsaes (1985) acreditam mesmo que o papel do treinador muda em função da participação dos expertos no desporto. Assim, nos anos iniciais ele tende a ser mais amável, alegre e atencioso (no fundo, um amigo), para depois se preocupar principalmente com os conhecimentos a transmitir, sendo nessa altura mais rigoroso. Côté, Baker & Abernethy (2003) acrescentam que só por volta dos 13 anos é que os desportistas começam a desenvolver uma relação mais íntima com os seus treinadores sendo que, só nesta altura, estes assumem mais seriamente as suas funções.

Reportando-se especificamente ao futebol, Mourinho (2005) também reconhece a importância que o treinador assume para os jovens jogadores, acreditando que muitas vezes este é mais importante que os próprios pais, dado o acompanhamento prestado aos jovens. No entanto, parece que a intervenção do treinador nos anos iniciais de formação dos jovens jogadores ultrapassa o papel do amigo. Esta é pelo menos a opinião de Cruyff (1997: 16): *“O papel do treinador não é ganhar amigos. Tem que fazer futebolistas e as crianças têm capacidade de assimilação para corrigir os erros mas, claro, também são capazes de viciar-se se ninguém lhes dizer o que fizeram bem e o que fizeram mal. Resumindo, não há nada pior que consentir que as crianças sigam por um caminho errado”*, ou seja, acima de tudo o treinador deve estar sempre consciente da importância da sua acção junto dos desportistas, particularmente quando estes são mais jovens.

Contudo, não podemos cair no erro de pensar que o sucesso no desporto pode ser simplesmente explicado pelo acesso a bons treinadores. Salmela & Moraes (2003, in Ericsson & Starkes, 2003) constataram isso mesmo num estudo realizado com futebolistas sul-americanos, muitos dos quais, mesmo não tendo acesso a treinadores de alta qualidade (muitos deles somente jogaram futebol na rua), alcançaram equipas muito prestigiadas. Aliás, as indicações de Bandeirinha (2005, in Costa, 2005: XLIX) vão também nesse sentido: “ (...) *por trás de um jogador de alto nível (...) há treinadores bons e treinadores maus e, se calhar, em alguns anos, conseguimos ganhar títulos mais pela vontade que tinha o grupo do que, propriamente, pelo trabalho desenvolvido pelo treinador*”.

Poderemos então dizer que, também no futebol, a qualidade da prática parece ser um aspecto determinante para a consecução de desempenhos de elite, tal como Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) referiram na sua teoria da Prática Deliberada. Importa contudo saber potenciá-la (não podemos falar de uma qualidade no abstracto), isto é, devemos atender e considerar, sempre, a especificidade da modalidade, bem como a Especificidade do nosso futebol, com todas as implicações que estas têm na operacionalização do processo de ensino/aprendizagem e treino.

2.2.2. Faltará Mais Qualquer Coisa?!...

“O futebol coloca mais perguntas que respostas. Será o seu segredo?”

Valdano, J. (2001: 34)

Embora Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) acreditem que a Prática Deliberada é o único meio para se atingir a expertise numa determinada área, parece que outros factores concorrem para que tal aconteça. Por exemplo, Costa (2005) pôde contactar que, no futebol, os desempenhos de elite são alcançados não apenas pelo facto dos jogadores se empenharem, com grande esforço e concentração, ainda sem prazer, ao longo de vários anos na modalidade, sendo também importante considerar, entre outros: o ambiente sócio-cultural em que estão inseridos, o apoio dos pais e dos amigos, os aspectos motivacionais, a sua força psicológica, descanso e alimentação. Attendámos mais especificamente aos dois primeiros, uma vez que são algumas as evidências que os apoiam.

2.2.2.1. O Ambiente Sócio-Cultural

“Como o futebol se parece muito ao sítio onde se joga, a mesma bola encanta a culturas distintas”

Valdano, J. (2002: 153)

Não raras vezes, os desempenhos de elite de alguns desportistas são frequentemente associados ao seu país de origem, ou seja, ainda se considera a existência de uma espécie de “gene cultural” responsável pelo sucesso de uma modalidade num determinado país (Hamilton, 2000, in Costa, 2005). É o que acontece frequentemente no atletismo, por exemplo, relativamente à superioridade dos quenianos nas provas de meio fundo e fundo.

Contudo, confirmada que está a importância da experiência e da prática, parece que esta supremacia cultural está sobretudo relacionada com as

condições de prática que os países oferecem, mais do que com questões genéticas associadas aos mesmos. Isto é, são as facilidades apresentadas por certas culturas que possibilitam o envolvimento dos indivíduos, desde muito cedo, num determinado desporto, dando-lhes assim as possibilidades de se empenharem na prática, aperfeiçoando os seus conhecimentos (Baker, Horton, Robertson-Wilson & Wall, 2001).

No futebol, parece que isto também acontece. Vejamos, por exemplo, o caso do Brasil onde, desde o início, as crianças têm a possibilidade de experimentar o jogo, aprendendo desde logo a resolver uma série de problemas que constantemente aparecem. E fazem-no, principalmente, na rua, não sendo necessárias grandes infra-estruturas (com os respectivos gastos económicos que estas acarretam). A este respeito, Valdano (2002: 15) diz mesmo: *“Brasil é futebolândia. (...) Só faz falta um pouco de terreno, dois cocos para construir cada baliza, uma bola e uns quantos de cada lado. Se não há sapatilhas, joga-se descalço, e se não há bola, procura-se outro coco. A paixão está assegurada porque este país tem uma relação quase amorosa com o futebol”*. Parece pois ser esta relação, bem como o ambiente em que a mesma decorre, que nos permitem identificar e distinguir o futebol praticado pelos jogadores brasileiros dos outros “futebóis”.

Percebe-se portanto que as questões sócio-culturais não devem ser esquecidas quando se fala em expertise desportiva, dadas as suas implicações na qualidade dos desempenhos. Aliás, também os jogadores e ex-jogadores entrevistados por Costa (2005) parecem reconhecer esta importância, quando referem que um jogador pode ser considerado experto no seu país (pois está

enquadrado com determinado futebol, com regras próprias e formas de expressão também particulares), mas deixar de o ser noutro, perante condições diferentes.

2.2.2.2. O Apoio dos Pais e dos Amigos

“ (...) a minha mãe não gostava nada que eu andasse enfronhado no futebol, apertava comigo, que me importasse com a escola e me deixasse dos pontapés na bola, mas eu não sei explicar, havia qualquer coisa que me puxava, sentia um frenesim no corpo que só se satisfazia com bola e mais bola.”

Eusébio (in Melo, A. (2005: 27)

Vimos anteriormente que as actividades de Jogo Deliberado realizadas pelas crianças nos anos iniciais do seu envolvimento com o desporto, parecem ser fundamentais para o compromisso que desenvolverão com ele no futuro. Acredita-se portanto que as referidas “brincadeiras” motivam a criança a participar posteriormente em actividades mais especializadas, ou seja, em Prática Deliberada. Mas, para que tal aconteça, parece ser fundamental o apoio tanto dos pais como dos pares/amigos.

Vários autores (Bloom, 1985; Côté, 1999; Soberlak, 2001) acreditam que o papel desempenhado pelos *pais*, ainda que importante para a consecução de desempenhos de elite, muda em função das fases de desenvolvimento do desportista. Assim, inicialmente, há um envolvimento directo dos pais facultando o acesso das crianças a uma variedade de actividades, principalmente de Jogo Deliberado, chegando mesmo, por vezes, a participar nas suas “brincadeiras”. Posteriormente, os pais envolvem-se mais indirectamente nas actividades realizadas preocupando-se sobretudo em facilitar o acesso dos filhos ao treino encontrando-lhes, simultaneamente, professores/treinadores mais competentes. Numa última fase, o envolvimento dos pais diminui significativamente, passando estes a ser basicamente espectadores dos jogos, ainda que continuem a ser

fundamentais no apoio, sobretudo motivacional, prestado aos desportistas para que estes continuem, agora empenhados em actividades de Prática Deliberada.

Contudo, parece que no futebol, pelo menos de acordo com os resultados obtidos por Costa (2005), o apoio dos pais não foi um aspecto decisivo para que os jogadores alcançassem a expertise. Por exemplo, Costinha (2005, in Costa, 2005: XXI) chega a afirmar: “ (...) o meu pai e a minha mãe nunca foram pessoas de me incentivarem para o futebol”. E completa: “(...) o meu pai dizia-me «se gostas, vais fazê-lo sozinho porque eu não posso perder tempo a andar a ir buscar-te ao treino»”. Aliás, alguns dos entrevistados, nomeadamente Aloísio e Costinha, (2005, in Costa, 2005) referem mesmo que os pais, não só não os incentivaram, como ainda os tentaram dissuadir da prática do futebol.

Assim, de acordo com os resultados obtidos por Costa (2005), parece que o apoio dos pais só aconteceu numa fase já avançada do desenvolvimento dos jogadores, praticamente quando estes atingiram o alto nível, o que, de qualquer forma, não os impediu de atingir a expertise. Este facto pode estar relacionado com as facilidades de acesso à modalidade, uma vez que, naquela altura, o “futebol de rua”, realizado em qualquer local, com diferentes “bolas” e mesmo sem balizas formais, era uma das actividades mais realizadas pelos futebolistas. Não esqueçamos porém que, hoje em dia, o “futebol de rua” não assume um papel tão preponderante na formação dos jovens jogadores, o que faz com que, cada vez mais, sejam os pais a colocar os filhos nas escolas de formação de futebol e a acompanhar/incentivar o seu envolvimento com a modalidade, desde muito cedo, mesmo quando estes não demonstram grande entusiasmo e disponibilidade.

Quanto aos *pares/amigos*, é sobejamente conhecida a sua importância no processo de socialização das crianças no desporto. Neste sentido, Abernety, Côté

& Baker (2002), num estudo realizado com quinze equipas australianas de elite (desportos colectivos), puderam perceber que, numa fase inicial, a existência de um grupo de amigos parece ser fundamental para o envolvimento das crianças com o desporto, na medida em que facilita o interesse por determinada actividade – sempre que têm tempo livre, os grupos de amigos ocupam-no com as suas “brincadeiras” preferidas, acumulando assim uma quantidade significativa de tempo de prática em Jogo Deliberado. Depois, por volta dos dezasseis anos, quando o desporto assume um carácter mais sério, os amigos devem encontrar-se fora do mesmo, facilitando assim o empenhamento dos desportistas em actividades de Prática Deliberada (sobretudo dando maior apoio emocional).

Também no futebol, ainda que sejam poucas as evidências, a influência dos pares parece, de facto, ser importante, pelo menos numa fase inicial. Nuno Valente (2005, in Costa, 2005: II) refere, por exemplo: *“Tudo começou quando era miúdo... um colega disse-me se queria ir às captações do Sporting e fui por iniciativa própria, nem sequer disse nada ao meu pai. Fui então com o meu colega”*.

Assim, não parece difícil acreditar que a expertise no futebol, para além de ser influenciada pela quantidade e qualidade da prática, tal como preconizam Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993), também o é por outros factores, entre os quais, as condições sócio culturais em que os jogadores estão inseridos, bem como o apoio recebido de pais e amigos. Reconhece-se que outros factores (como por exemplo, motivação, força psicológica, descanso e alimentação) são também importantes, embora sejam ainda reduzidos os estudos que o demonstrem.

3. MATERIAL E MÉTODOS

“Os tempos mudaram e as exigências do Futebol e dos jogadores também. Não se constrói mais o futuro com as insuficiências do passado. É que, para aqueles que têm como ferramenta apenas um martelo, todos os problemas parecem pregos.”

Bento, J. (2002)

3.1. Caracterização da Amostra

A nossa amostra é constituída por um único entrevistado, o Professor Vítor Frade, cujo currículo e experiência muito poderão contribuir para o nosso estudo na medida em que trabalhou, não só nos escalões principais, integrando equipas técnicas de vários clubes nacionais (F.C.Porto, Boavista F.C., Rio Ave F.C e F.C.Felgueiras) mas também na formação, tendo sido coordenador técnico do Departamento de Futebol Juvenil do F.C.Porto. Não esqueçamos ainda o facto de que lecciona a disciplina de Metodologia Aplicada II, opção de Futebol, na Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto à mais de vinte anos.

Por tudo, mas fundamentalmente pela forma como está, reflecte e vive o futebol, julgámos ser a pessoa adequada para nos ajudar a esclarecer algumas questões relativas ao processo de formação dos futebolistas, mais especificamente, dos experts.

3.2. Metodologia de Investigação

Para a realização deste trabalho monográfico, começámos por efectuar uma pesquisa bibliográfica e documental referente à problemática em questão. Depois, elaborámos um conjunto de questões abertas, permitindo ao Professor Vítor Frade a exposição, clara e pessoal, dos seus conhecimentos acerca dos

aspectos que pretendíamos abordar. Finalmente, seleccionámos a informação pertinente e apresentámos/discutimos as ideias do entrevistado, sendo-nos então possível tirar algumas conclusões.

Na prática, utilizámos um gravador digital “*Sonny*” (ICD – MS515) para recolha dos dados da entrevista realizada, a qual foi gravada, transcrita para o papel e revista pelo professor Vítor Frade antes de ser utilizada.

3.3. Recolha dos Dados

A recolha dos dados ocorreu no dia 21 de Novembro, na Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA ENTREVISTA

“Devemos partir daquilo que conhecemos melhor para aquilo que conhecemos pior, para podermos trazer coisas boas (melhor aplicadas) para aquilo que conhecemos melhor – Futebol”

Frade, V. (2002)

Realizada a revisão bibliográfica, tentaremos agora demonstrar e esclarecer algumas questões relativas ao processo de formação dos expertos no futebol, tendo em consideração o que o Professor Vítor Frade nos disse na entrevista. Acrescenta-se que a mesma pode ser consultada, integralmente, no final deste trabalho (*anexos*).

4.1. Os Melhores Jogadores...

A revisão da literatura permitiu-nos constatar que a excelência desportiva está associada aos domínios cognitivo (tático-estratégico; perceptual-de tomada de decisão), técnico, emocional e fisiológico (Janelle & Hillman, 2003), devendo os expertos evidenciar supremacia em alguns deles, ainda que não necessariamente em todos.

A este nível o professor Vítor Frade considera que o Entendimento que têm do jogo, geralmente designado por Cultura Tática, é a característica que mais diferencia os expertos dos restantes jogadores (principiantes), pois é ele que, sustentado numa determinada configuração, permite aos primeiros encarar o jogo e agir em função do mesmo, percebendo-o, interpretando-o e, como tal, dando respostas condizentes.

Este Entendimento do jogo pressupõe inteligência por parte dos jogadores mas, uma Inteligência Funcional, isto é, Específica do Futebol, do jogo, que só se

adquire no relacionamento com o mesmo e que, por isso, não é transferível. Aliás, referindo-se a Pele o professor acrescenta: “(...) *talvez (Pele) tenha razão, os buracos punham-lhe tanta impressibilidade que ele começou a trabalhar a inteligência para superar essas coisas*”, ou seja, porque vivenciava o jogo, Pele começou a entendê-lo e a agir em conformidade.

Parece então que o detalhe, sendo o Top uma cultura de detalhes, resulta desta inteligência de jogo, na medida em que evidencia a capacidade dos jogadores de Top interpretarem mais rápida e eficazmente as situações, podendo assim antecipar-se às mesmas, Tal como French & Thomas (1987) e McPherson & Thomas (1989, in Guilherme Oliveira, 2004) também referiram na revisão da literatura.

Estas características mencionadas pelo professor parecem ir ao encontro do que Janelle & Hillman (2003) consideram ser o domínio cognitivo da expertise, na medida em que salientam a importância de determinar o mais adequado para uma situação, sem contudo esquecer os constrangimentos da mesma, ou seja, não basta os jogadores identificarem a melhor solução para o problema, devem também saber se são capazes de a executar com sucesso.

Do que atrás se referiu, a necessidade de enquadrar as acções no próprio jogo parece ser também fundamental. Aliás, utilizando como exemplos Quaresma e Ronaldinho, o professor salienta isso mesmo, isto é, a importância do Todo, do perceber o que fazer e porque fazer (Ronaldinho), mais do que propriamente “fazer por fazer” pretendendo, grosso modo, agradar o público (Quaresma). Este aspecto remete-nos um pouco para o que Janelle & Hillman (2003) consideram ser o domínio técnico da expertise na medida em que todas as acções realizadas devem ser contextualizadas ao jogo que estamos a jogar e, como tal, ser este

jogo, o Todo, a comandar e a dar sentido às nossas acções - realizar acções por realizar (como o Quaresma) não parece ser um aspecto determinante para a qualidade dos desempenhos no futebol.

Mesmo assim, o professor Vítor Frade realçou o facto de existirem vários “futebóis” e, como tal, a necessidade de jogadores, com características também diferenciadas, para os realizarem, sendo que os melhores jogadores, cada um à sua maneira, emprestam sempre algo de especial a um determinado futebol, não podendo por isso dizer-se que há só um tipo de jogador de elite. Esta ideia está, aliás, de acordo com o que também referimos na revisão da literatura, ou seja, existem várias formas de jogar bem ao alto nível.

No entanto, o nosso entrevistado acredita que um jogador de alto nível é encontrado a Top. Mas a Top numa equipa de Top e durante um tempo significativo, isto é, não basta “passar por lá”, é preciso afirmar-se pois “*o «estar» a Top é muito exigente e é preciso «estar» para podermos dizer que é alguém com capacidade para lá estar*”. Vejamos por exemplo o que aconteceu com Ivan De La Penha, um jogador que apesar de ser bom nas funções que costumava desempenhar, forçava sempre o mais difícil e, como tal, não se manteve durante muito tempo a Top. Daí o professor concluir: “*(...) quem baliza, quem entrega o aval de Top é só o próprio Top*”.

Não esqueçamos porém que o “estar” a Top implica muitas vezes que os jogadores estejam condicionados a uma forma de jogar o que, de qualquer forma, não os deve impedir de estar a Top e por isso serem considerados jogadores de elite pois, se lá estão é porque têm capacidade e qualidade para lá estarem. Pode

acontecer que, por exemplo, identificando-se mais com a corrente tático-técnica¹ do futebol se encontrem a Top em equipas que se guiam mais pela tático-física² mas, sendo jogadores de Top e querendo manter lá, têm de se adaptar às particularidades da equipa onde estão. E fazem-no efectivamente. Lembremo-nos de Zidane, um jogador de elite mas jogando de forma visivelmente diferente na selecção francesa, em Itália ou mesmo no Real Madrid, precisamente porque os “futebóis” destas três realidades tinham características também diferentes. Ora, ainda que condicionado a diferentes formas de jogar ele soube adaptar-se e, não é qualquer jogador que o consegue. Lá está, por isso é que alguns aparecem e desaparecem quase logo.

Para além disso, é também de considerar que os jogadores desempenham diferentes funções em jogo, o que, logo à partida, pode fazer com que nos identifiquemos mais com uns do que com outros (quem não se entusiasma ao ver jogar o Ronaldinho?). Agora, não podemos esquecer é que, tal como o professor Vítor Frade referiu: *“Qualquer individuo que esteja a Top, nas equipas de Top, é necessariamente um jogador de elite, goste-se mais ou goste-se menos, seja expressão do cumprimento de funções para nós menos relevantes mas que são todas relevantes”*.

Ou seja, é fundamental salvaguardar as diferenças inerentes aos jogadores de Top, todos eles, precisamente porque falámos, não de futebol mas de “futebóis”.

¹ Para a corrente tático-técnica do futebol, o jogo é apoiado fundamentalmente nas dimensões tática e técnica, sendo a dimensão física um suporte destas e não a geradora do processo. Como tal: *“A técnica não surge condicionada, mas sim condicionante, ela interage com a dimensão tática para criar um futebol de melhor qualidade”* (Guilherme Oliveira, 2004: 31).

² Para a corrente tático-física do futebol, o jogo é apoiado fundamentalmente nas dimensões tática e física, tendo a técnica um papel secundário. Assim: *“O jogo também pode manifestar-se de diferentes formas (...) mas sempre centrado na rigidez tática como primado e na componente física como suporte da tática”* (Guilherme Oliveira, 2004: 31).

É possível então constatar que o nosso entrevistado, à semelhança do que aconteceu na revisão da literatura, também destacou algumas características dos expertos, nomeadamente nos domínios cognitivo e técnico da expertise.

4.2. O Destaque à Prática mas... Que Prática?!...

A revisão da literatura permitiu-nos constatar que a prática e a aprendizagem foram ganhando maior destaque na tentativa de explicar os desempenhos de expertise, quando comparadas com a componente biológica inata, ou seja, a perspectiva ambientalista tem-se superiorizado à perspectiva genética.

O professor Vítor Frade parece estar de acordo com o que acabámos de mencionar considerando que o processo ao qual os jogadores são submetidos ao longo da sua vida exerce grande, e fundamental, influência sobre os seus desempenhos no futebol. Aliás, diz mesmo: *“Se alguém nascer sem uma perna não é jogador de futebol e há, de facto, a possibilidade de, motrizmente, digamos assim, em termos motores, detectar que há indivíduos que dificilmente vão ser jogadores de futebol. Mas a prática tem pregado grandes partidas, ou seja, gente que muito cedo parecia não vir a dar nada e consegue, mesmo a esse nível, com a prática continuada, vir a superar as expectativas”*.

Aliás, o professor considera que tanto a ontogénese interfere com a filogénese, como esta interfere com aquela, ou seja, geneticamente posso estar “preparado para” mas se a prática não solicitar isso posso não me desenvolver nesse sentido, sendo que o inverso também acontece. Assim, ainda que, à partida, geneticamente os jogadores não sejam todos iguais, o processo ao qual são submetidos parece ser decisivo para a consecução de desempenhos de elite. Isto é, tal como o nosso entrevistado referiu: *“(...) pode acontecer que alguém, geneticamente, não esteja capaz e o processo tome conta da sua marginalização rapidamente mas, grosso modo, quem evidenciar alguma afinidade na relação com a bola, em muito miúdo, depois o mais marcante, do meu ponto de vista, é o*

Entendimento do Jogo”. Portanto, aquilo que os jogadores vão aprendendo sobre esse mesmo jogo e a forma como o contextualizam, como enquadram o que aprenderam no próprio jogo, parece ser fundamental.

Mas, para que tal aconteça é indispensável o Processo considerar a construção deste Entendimento de jogo tão rápido quanto possível, permitindo, de imediato, o contacto com a bola para que a criança vá experimentando e ganhando sensibilidade com a mesma. Ou seja, desde logo a criança aprende a relacionar-se com a bola e a interpretar o que com ela consegue fazer nas mais diversas situações.

Este aspecto é ainda mais importante porque, como nos disse o professor: *“(...) filogeneticamente, nós não somos dispostos para os pés fazerem tal, por isso teve que se processar ali quase que uma regressão para a solicitação de predicados aos pés que eram mais dos nosso primos primatas”*, ou seja, quanto mais cedo a criança tiver contacto com a bola, mais facilmente os pés poderão dar cumprimento ao referido Entendimento de Jogo uma vez que também eles se relacionam desde logo com a bola e, por conseguinte, permitem a realização de um determinado Futebol – sem eles era difícil dado que ao jogador não basta perceber o jogo, é fundamental e indispensável que o consiga realizar. Daí a escola de formação do Ajax ser uma das que o professor mais admira, precisamente porque contempla, cedo, o “saber fazer” e o “saber sobre o saber fazer”, isto é, o contacto directo com a bola está muito presente, facultando paralelamente um determinado Entendimento de jogo. Se calhar é por isso que, tal como o nosso entrevistado referiu, vemos tantos jogadores da referida equipa a jogar a Top e nos “futebóis” mais diferenciados.

Parece então fundamental que: *“(...) o processo, mais do que particularidades ou características que ninguém tem à partida, dê um contexto de continuidade e facilitação de relação motora e dê, ao mesmo tempo, engendramento do Entendimento do que é o jogo. Porque a verdadeira natureza do jogo é esta”*.

Importa contudo esclarecer quais as características do referido Processo, uma vez que, sendo potenciador de um Entendimento de Jogo e, portanto, de desempenhos de elite, não deverá ser um processo qualquer. Daí não ser suficiente simplesmente dizer que a prática parece, de facto, ser o aspecto fundamental. É necessário esclarecer de que prática falámos.

4.2.1. A Qualidade pela Qualidade?!...

A teoria da Prática Deliberada atribui importância à qualidade da prática, considerando-a como potenciadora da expertise. Ainda assim, a revisão da literatura permitiu-nos perceber que a referida teoria não contextualiza muito bem esta qualidade.

Para o professor Vítor Frade a qualidade é, de facto, um aspecto fundamental e inerente aos desempenhos de elite no futebol mas, *“(...) não há qualidade abstracta, há uma qualidade em função de uma configuração que eu quero alcançar, privilegiar e, para isso, tenho que saber duas coisas fundamentais: o que caracteriza essa realidade que quero verificar, que quero ver aparecer mas, essa realidade só aparece se tiver indivíduos a provocá-la, a realizá-la portanto, também tenho que saber o que são os indivíduos”*. Ou seja, é

antes de mais indispensável definir o que é a qualidade para que, em função do que penso disto e daquilo, possa categorizá-la e potenciá-la.

Desta forma, o professor acredita que a qualidade só o é se tiver em consideração um certo tipo de jogar e, simultaneamente, um entendimento do que é o indivíduo, a criança em crescimento.

Relativamente ao primeiro aspecto, parece de facto fundamental que o processo ao qual os jogadores são submetidos, desde logo, evidencie uma determinada Concepção de jogo porque, se eu souber como quero jogar, torna-se mais fácil perceber o que devo fazer para o conseguir, isto é, quais os conteúdos que vão sustentar o referido processo. Aliás, a este respeito o nosso entrevistado refere mesmo: *“(...) a qualidade é isso, é a natureza dos conteúdos ter a ver com o jogar, e com o jogar que se identifique, não com um jogar qualquer”*. Daí ter-se destacado que a referência deve ser o Top, os melhores, pois só assim poderemos conduzir o processo de formação no sentido de lá chegar, embora saibamos que ainda não conseguimos. Tudo porque, tal como o professor mencionou: *“(...) o Modelo de jogo é qualquer coisa que não existe em lado nenhum, todavia andámos à procura dele na intenção de o encontrar, porque ele não está, agora a configuração está... (...) Se tenho uma ideia de jogo de qualidade, é evidente que o futuro não está, mas, esta ideia de qualidade condiciona o evoluir para essa qualidade que vai condicionar o futuro, não exactamente nos seus traços totais assim ou assado porque isso não sei, nas particularidades”*. Por isso o professor refere que, se pudesse, colocava vídeos nos balneários para os miúdos verem coisas do Ronaldinho sendo que para eles isso seria o futuro – ainda que não o fizessem de imediato, tentavam para depois conseguir. E conclui: *“(...) o processo é de teoria do caos mas é um caos*

determinista, porque está determinado, à partida, em função do futuro que se pretende, e esse futuro inicialmente tem que existir de uma forma mais ou menos entendível, identificável e diferenciável”.

Claro que, ter do jogo uma ideia e uma cultura própria, como é o caso do Ajax, implica que depois se procure sistematizar e ordenar isso no tempo, em termos de vivenciação e de aquisição. Ou seja: *“(...) mais importante é a objectivação dos princípios do jogar que eu pretendo e depois, se calhar ainda mais difícil, é a distribuição hierarquizada da sua aquisição. Como é que eu faço isso? Através da selecção de conteúdos que têm a ver com os princípios”.* Ora: *“onde pode estar a vantagem é terem os conteúdos identificação com o jogo de qualidade e a relação do sujeito com o objecto, portanto dos miúdos com o jogar, ser interferente nos dois sentidos, isto é, o miúdo está aquém quando contacta mas pode perfeitamente emprestar novidade com a continuidade. Sendo que só empresta se a inteligência lhe estiver a ser solicitada. Por isso é o que eu digo, o processo é de ensino aprendizagem sendo que a aprendizagem é tanto mais rica quanto o tipo de intervenção da parte do ensino for menos congelante, menos castradora”.*

É por isso que, paralelamente à existência de uma Concepção de jogo, o professor considera de extrema importância o entendimento do que é o indivíduo: *“(...) salvaguardar aquilo que as crianças são em determinado momento e o nível de participação que têm que ter para evoluir como pessoas”.* Ou seja, para um processo de formação ser de qualidade é indispensável que contemple os jogadores a quem se dirige, não esquecendo as particularidades de cada um – não só os miúdos são diferentes dos graúdos como o são entre si, tal como os

graúdos também o são. Quem não considerar isto não pode idealizar um jogo de qualidade pois este só o é se forem os jogadores a realizá-lo.

Ora, entender o que é o jogador não deve perder de vista que ele deve desenvolver-se em relação a si próprio mas numa lógica colectiva (equipa) e, perceber isto não é fácil, quanto mais fazer os referidos jogadores perceberem.

Portanto, segundo o nosso entrevistado, os desempenhos de elite no futebol são potenciados se considerarmos a qualidade, tal como a teoria da Prática Deliberada também preconiza. Importa contudo contextualizar e desabstratizar essa qualidade considerando não só a especificidade do futebol enquanto modalidade mas também, e sobretudo, a Especificidade relacionada com o jogo de equipa, ou seja, com o nosso Futebol, coisa que a referida teoria não contempla.

4.2.1.1. Treinar e Jogar Futebol...

Relativamente à Especificidade no futebol, a revisão bibliográfica permitiu-nos perceber que ela está associada aos Exercícios bem como à intervenção do Treinador nos mesmos, lá está, sem esquecer os jogadores a quem se dirige (Guilherme Oliveira, 2004). O nosso entrevistado parece concordar com esta ideia, destacando também ele a importância dos exercícios mas, fundamentalmente, do treinador.

Em relação ao *Treinador*, o professor Vítor Frade começou por salientar que o essencial é o Entendimento que este deve ter do jogo e do indivíduo com quem trabalha. Aliás, o professor refere mesmo: “(...) *a Top, estou preocupado com conteúdos que têm muito mais a ver com aquilo que é a organização de jogo*

do que com os “enfeites” da organização. Ora, o contrário é verdadeiro para os miúdos. Por outro lado, aquilo que é um miúdo, dado que está em fabricação, é fundamental que, por intuição, por isto ou por aquilo, eu saiba o que é um miúdo. O peso, a interferência negativa que eu posso ter é se calhar muito grande”. E completa: “são esses aspectos que me levam a poder dizer que, um treinador de Top, sabendo o que o futebol é, entendendo bem o que é o jogo, se não souber a diferença entre um adulto e um miúdo, pode não ser um treinador nos escalões de formação. Talvez o contrário seja mais verdadeiro porque eu, embora privilegiando o lado menos macro, pelo menos nos estados primeiros de formação, estou a fazê-lo em articulação, também macro, que eu também devo dominar e, nesse sentido permite-me estar mais ou menos bem identificado com o que é necessário para Top mas tenho a vantagem de entender o que é o miúdo e mais facilmente entender como é o graúdo. Mas também posso não ser um bom treinador de Top, porque isto não se esgota aqui”.

Percebe-se portanto que a coerência deve estar associada a um treinador, sendo-lhe fundamental definir os aspectos principais do treino, entendendo simultaneamente as relações que se estabelecem no mesmo e fazendo com que os jogadores entendam essa relação – só assim conseguirá fazer com que o seu Futebol apareça. Daí podermos dizer que, desde que não descorem o essencial, existem vários bons treinadores com características diferenciadas.

O professor fez também referência à necessidade do treinador, na formação, ser muito mais paciente, podendo perceber e perdoar certos comportamentos dos miúdos, coisa que não acontece frequentemente com os seniores. Tal acontece porque, tal como o nosso entrevistado referiu: “Os aspectos do jogar com que eu tenho que estar marcadamente preocupado em

adulto não são os aspectos com que tenho que estar preocupado quando um miúdo tem 10 anos, embora seja o mesmo jogar”.

Ainda que reconheça que o treinador é o responsável pela operacionalização, o professor não deixa de referir o facto dele estar “condicionado” ao clube onde se encontra, o qual quer que se jogue de determinada maneira. Independentemente disso, os melhores treinadores conseguem adaptar-se à realidade na qual estão inseridos, encarando o processo com a mesma coerência. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o Ivic quando esteve 2 anos no Ajax, sujeitando-se ao perfil de jogo do clube, que era diferente do seu mas que, mesmo assim, não o impediu de ser campeão. Ou seja, na opinião do nosso entrevistado, o clube e a sua axiologia são importantes mas, a partir do momento em que um treinador assume uma equipa, é ele o responsável por todo o processo pois: *“(...) é ele que treina, que liga o processo, que pára o processo, que intervém, que faz com que o que domine no processo sejam estes conteúdos e estas preocupações”.*

Quanto ao *Exercício*, o professor salienta a necessidade deste ser também Específico, na medida em que o jogador percebe muito melhor “fazendo” do que simplesmente “ouvindo”. Como a lógica de vida do jogador *“(...) é pragmática, é através do fazer que eles têm uma capacidade de expressão motora significativa”.* Como tal, é o exercício que permite ao treinador mostrar aos jogadores o que pretende porque só assim estes têm a possibilidade de experimentar/realizar, contrariamente ao que acontece quando simplesmente se fala.

Mas, não é só apresentar o exercício, acima de tudo é imperiosa a intervenção que se tem no mesmo, devendo o treinador ter consciência da importância de adequar a informação que pretende transmitir, aos jogadores que

tem à sua frente. O professor utiliza o exemplo de Mourinho para esclarecer isso mesmo: “(...) *eu nunca o ouvi falar «é isto aqui porque é o principio de jogo, porque é o Modelo de Jogo», ele não falava neste tipo de linguagem, mas era isso que ele tinha na cabeça e os jogadores entendiam porque a linguagem que ele utilizava era o exercício*”.

Não esqueçamos porém as particularidades inerentes ao processo de formação pelo que é indispensável o exercício e, concomitantemente, o treinador, darem autonomia de investimento ao jogador. No caso dos miúdos deve deixar-se que sejam eles a experimentar/vivenciar e a encontrar as soluções. O professor refere mesmo “(...) *quero que eles façam «redacções sobre», muito embora eles depois façam a redacção com um erro aqui e a frase desajustada ali e eu, à posteriori, vou intervir, vou dizer-lhes «não, vocês cobriram uma zona, se calhar, pior assim» mas, são eles que, sobre um tema, constroem porque, se não for assim, o lado da intenção prévia, no que diz respeito ao córtex frontal, não participa*”. Ora, no fundo aquilo a que Mourinho chama “Descoberta Guiada”.

4.2.2. Quantidade mas... em Qualidade

Tal como vimos anteriormente, Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) atribuem grande importância à quantidade de prática acreditando mesmo serem necessários pelo menos 10 anos de Prática Deliberada para se alcançar a expertise.

O professor Vítor Frade prefere referir que “*A quantidade é uma necessidade se for a quantidade da qualidade*”, ou seja, ainda que as questões quantitativas da prática não devam ser esquecidas, o fundamental é a qualidade da mesma. Vejamos, por exemplo o que aconteceu com as equipas de Mourinho

que, apesar de não treinarem mais de hora/hora e meia uma vez por dia, têm conseguido muito bons resultados. Daí o professor acrescentar: “(...) *é evidente que o número de horas, a quantidade de tempo que nos liga a qualquer coisa é uma condição fundamental*”, mas conclui: “(...) *se essa relação tiver um critério de qualidade*”.

Esta quantidade não deve porém ser encarada de igual forma na formação e no alto nível, uma vez que os anos de prática, a experiência e a exposição competitiva, entre outros aspectos, diferem numa situação e noutra. Assim, “(...) *um jogador quando chega a Top tem uma infinidade de horas de vivenciação de futebol, portanto aí, contrariamente ao que se pensa, não é necessário treinar muito*”, tal como o Mourinho preconiza. Por outro lado, numa fase inicial da formação “(...) *não é absolutamente indispensável expor-se os miúdos com o futebol mais de 3 vezes por semana e, se eu puser como dominante a bola nas situações, hora e meia, no máximo duas horas para cada vez, dado que aqueles lados mais ditos analíticos do contacto com a bola devem estar muito presentes e, portanto, o tempo deve crescer por isso mas, se a bola for uma constante*”. Aliás na formação, o facto da criança poder estar a brincar com a bola duas, três ou até mais horas não constitui um grau de exigência significativo em termos de desgaste e, portanto, não é lesivo para a criança, pelo contrário, esta familiarização da criança com a bola é importante, não sendo no entanto indispensável que este número de horas seja tão elevado.

4.2.2.1. Começa-se Assim...

A teoria da Prática Deliberada, tal como percebemos pela revisão da literatura, sugere que os desempenhos de elite estão relacionados com a idade

com que se iniciam actividades de Prática Deliberada, não esclarecendo, no entanto, quais devem ser essas actividades nem em que idade devem ser iniciadas.

No futebol, pelo menos na opinião do professor Vítor Frade, é possível e aconselhável começar-se muito cedo, por exemplo, alguns clubes argentinos e mexicanos começam com os miúdos aos 3 anos, ao que o professor acrescenta: *“(...) quem começa com uma bola aos 2 anos, quando chega aos 10 não se lembra que começou aos 2, até pensa que já nasceu com a bola mas não foi...”*.

Assim, parece de facto aconselhável os miúdos iniciarem tão cedo quanto possível a sua relação com o Futebol, para que as características essenciais do jogo, que são contra natura (pois requerem dos pés predicados normalmente solicitados às mãos) possam ser mais rapidamente evidenciados e trabalhados.

Contudo, é fundamental esta relação não impedir a criança de fazer outras actividades normais da sua idade. Daí o professor fazer referência à escola de formação do Ajax: *“O Ajax cuida da escola, da saúde deles, da relação social, levando-os inclusivamente a ter uma relação de proximidade com os jogadores da primeira equipa”*.

Mas, para além de ser importante atender à idade com que a criança se inicia numa determinada actividade, bem como ao número de horas que lhe dedica, parece também indispensável saber em que devem consistir tais actividades.

Para o professor Vítor Frade, este “iniciar tão cedo quanto possível” só não se constituiu um problema se a actividade dominante for o futebol, estando por isso a bola sempre presente. Claro que, como facilmente se percebe, não se joga o mesmo futebol aos 2, aos 4 aos 8 ou aos 10 anos – as suas características são

diferentes, porque as próprias crianças o exigem. Mas, tal não significa que tenhamos que realizar outras actividades uma vez que a variedade pode acontecer dentro do futebol. Aliás, o professor refere mesmo: *“Posso jogar futebol de muitas maneiras, até com 2 bolas, ou sendo os golos marcados só se a bola vier no ar, ou jogando períodos em que não posso levantar o rabo do chão mas (...) não é absolutamente indispensável que faça outras actividades para que a variedade fique contemplada”*. Daí o facto do Ajax solicitar que as crianças levem a bola para casa não ser uma ideia disparatada pelo contrário, pois permite que os miúdos se relacionem cada vez mais com a bola, experimentando coisas diferentes, sem que isso lhes roube tempo e disponibilidade às restantes actividades – podem fazer-se muitas brincadeiras utilizando a bola.

Portanto, não é “começar por começar”, se assim for é preferível fazê-lo mais tarde ou nem sequer o fazer!... O importante é que, tal como já mencionámos, este início tenha a bola como referência, para que os miúdos possam de imediato relacionar-se com o jogo, com particularidades de um determinado Futebol. Desta forma, os défices circunstanciais que as crianças inicialmente apresentam desaparecem mais rapidamente, dado estarem em contacto com algo que permite isso mesmo, isto é, a bola e o Futebol.

A este respeito o nosso entrevistado parece não estar de acordo com as 3 fases de desenvolvimento pelas quais, segundo Côté (1999), devem passar os jogadores/atletas, sendo que, para o professor, não é prejudicial, pelo contrário, as crianças dediquem-se desde logo ao futebol em vez de primeiro (6-12 anos) experimentarem uma série de jogos desportivos, depois (13-15 anos) centrarem-se numa ou duas actividades específicas para, finalmente (depois dos 16) se empenharem só numa, tal como Côté (1999) preconiza.

Assim, no futebol parece ser importante que o contacto com a modalidade se processe tão rápido quanto possível mas, não menos importante é atender ao tipo de actividade realizada, isto é, o Futebol deve estar sempre presente. O professor Vítor Frade refere mesmo: *“Agarrando os miúdos o mais cedo possível e submetendo-os a essa lógica, pelo menos até aos períodos mais marcadamente sensíveis a essa interferência. Como à semelhança da Iopoloni, a quem nunca mais saiu o sotaque, também há “sotaques motores” que não saem quando são adquiridos na infância. Por isso, devemos “dar-lhes” (crianças) os referidos “sotaques” de acordo com o futebol que queremos. Agora, este não pode ser um “futebol mixuruca”, pelo contrário, deve permitir um entendimento expressivo/abrangente do futebol – daí ser importante reconhecer a diferenciação desenvolvimental do indivíduo em questão, em função da dimensão temporal do processo”*. Em suma, começar cedo mas começar bem para que a formação não seja “deformação”, comprometendo o futuro das crianças no futebol.

Ora, em futebol, estas questões relacionadas com o “quando e como iniciar”, remetem-nos quase sempre para o *futebol de rua*, uma vez serem várias as referências dos jogadores (que se encontram a Top) a este respeito. Aliás, este aspecto ficou bem evidente na revisão da literatura que efectuamos.

O professor Vítor Frade concorda plenamente, chegando mesmo a afirmar: *“A qualidade (...) não está toda mas está sempre mais no futebol de rua”*. Aliás, é com grande entusiasmo que o professor o caracteriza: *“O futebol de rua, mesmo não sendo uma coisa sistematizada, aquilo que ele continha era uma coisa fantástica que era indivíduos mais velhos e mais novos, a aprendizagem era por imitação do mais velho, a necessidade de estar com um olho no burro e o outro no cigano porque a policia podia vir, essa confrontalidade... porque perder e*

ganhar não era a mesma coisa, ficar de fora levava a choro... estão 11, jogam 5x6, inventa-se, é este espaço joga-se de outra maneira mas, a sério... ou seja, a emoção foi sempre a almofada do que se fez". Como se percebe, o jogar estava sempre muito presente. Infelizmente, o entusiasmo do professor diminuiu quando se referiu à situação actual, isto é, ao facto do futebol de rua ter "desaparecido" da nossa sociedade, constatando-se que a maioria das escolas de formação tendem a descaracterizar o processo e, como tal, desvirtuar a sua essência, o jogo.

De facto, para além de todo um conjunto de motivações que actualmente se oferecem aos miúdos e que, por si só, já têm muitas implicações no processo de formação (cada vez menos os miúdos jogam futebol privilegiando outras actividades, como o PC, por exemplo), as escolas de futebol acabam por afastá-los ainda mais pois não enfocam no mais importante – o jogo. Aliás, já na revisão bibliográfica havíamos referido isso.

Se, tal como o professor refere, o futebol de rua é tantas vezes mencionado por diversos jogadores ou ex-jogadores de Top como importante, provavelmente teve alguma, senão bastante, influência em todo o processo de formação dos referidos jogadores. Como tal, se queremos privilegiar a qualidade, talvez seja importante não descorar as principais características desse futebol, ou seja, tal como o professor referiu: *"É caracterizar o que se passava nesses «futebóis» de rua e ser isso a estrutura de suporte das dinâmicas que queremos levar a efeito, pelo uso destes conteúdos ou daqueles".*

Parece portanto fundamental saber/relembrar que o futebol de rua é jogar. Logo: *"O que podemos fazer é, sendo isso dominante, ordená-lo de forma diversa e fazer estabelecer uma relação mais profícua dos miúdos com cada momento, com cada situação porque se entendermos o jogo para além das limitações que*

eles têm em termos do Entendimentos do Jogo e em relação aquilo que nós sabemos eles são em crescimento e em desenvolvimento e o que necessitam também, mas nunca sendo nós os protagonistas mas sim eles”. Só encarando o processo desta forma poderemos devolver o jogo ao próprio jogo, porque desde logo os miúdos são convidados a participar activamente, podendo assim começar de imediato a construir/fundamentar o seu Entendimento de Jogo, de um determinado Futebol. Aliás, o facto de em determinada altura o Ajax colocar os miúdos de 10 anos a jogar contra os de 12 parece ser um aspecto importante a esse nível pois os mais novos têm a possibilidade de experimentar problemas diferentes, necessitando enfrentá-los e resolvê-los. Enfim, aprender...

Caso tal não aconteça, isto é, se as escolas de formação dos clubes continuarem como estão, a qualidade de jogo no futebol poderá estar em causa (se é que já não está, no nosso país). É pelo menos essa a opinião do nosso entrevistado.

4.2.3. O Esforço, a Concentração e... o Prazer

Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) defendem acerrimamente que só o empenhamento em actividades que exigem altos níveis de esforço e concentração, não sendo necessariamente agradáveis, possibilitam a expertise.

Através da revisão da literatura constatamos que, no futebol, pelo menos na opinião da maior parte dos jogadores e ex-jogadores entrevistados por Costa (2005), a concentração parece revelar-se mais importante que o esforço. O prazer revela-se também fundamental para quase todos eles, ainda que não se perceba

muito bem se este prazer é inerente à actividade ou se está mais relacionado com o impacto social da mesma.

Relativamente ao *esforço* e à *concentração*, o Professor Vítor Frade parece também dar maior ênfase a questão da concentração. Mas esclarece: “(...) *a sub dimensão psicológica tem uma sub-sub-dimensão, a concentração, que é treinável em função da necessidade táctica de jogar de determinada forma e, para isso, é preciso estar concentrado*”. Ou seja, tal como a qualidade, a concentração não é abstracta e, por isso, só se ganha dentro do contexto, de acordo com uma Concepção de jogo, com o facto de eu querer jogar desta ou daquela maneira. No fundo, a Concentração Táctica de que nos falava Freitas (2005) na revisão da literatura.

Aliás, segundo o professor “*eu só cresço para a concentração que se me pede quando entendo convenientemente o que me estão a pedir*”. E acrescenta. “*Se calhar progressivamente, como o Mourinho me disse (...). É provável que, antes de fazer bem a (pressão) colectiva o César Peixoto fizesse bem a (pressão) individual mas, já sabia que a colectiva era importante, daqui para cima (cabeça), o corpo ainda não reconhecia. Depois já fazia, ou seja, o corpo, espontaneamente já participava*”. Portanto, o fundamental é a referencia de jogo que eu tenho, a qual vou tentar pôr em prática, junto dos jogadores, de preferência através do próprio jogo. Daí o professor ter dado o exemplo, extremamente elucidativo, do Mourinho.

Quanto às questões do *prazer*, o nosso entrevistado mostra-se completamente em desacordo com os autores da teoria da Prática Deliberada. Aliás, refere mesmo: “*Como é possível imaginar que uma criança de 8 anos, que goste de jogar a bola, quando lhe propiciamos que ela jogue, isso tenha que se*

transferir numa falta de prazer para se constituir uma evolução? Não entendo, sinceramente. E constituirá, se calhar, com muito mais prazer se ela, jogando, também se aperceber que o que fazia está muito diferente do que agora faz, para melhor, merecendo inclusivamente as referências dos outros”. E concluiu: “inicialmente, quando não entendem é um desprazer mas, quando entendem é um prazer”.

Ou seja, mais uma vez destaca-se a necessidade de não só se ter uma referência de jogo, que convém seja de qualidade, mas também fazer com que os jogadores com quem trabalhámos percebam o que se faz, pois só assim o farão melhor na medida em que: *“(...) é o prazer da minha evolução no processo, da capacidade de fazer melhor isto e aquilo... o prazer emana daí”*. Portanto, se os jogadores sentirem que “fazendo” melhoram o seu desempenho, sentem prazer no que fazem. A este respeito o professor deu-nos mais uma vez o exemplo de Mourinho para quem: *“o facto do jogador português não gostar de treinar, tinha a ver com a concepção de treino dos portugueses para quem treinar não é jogar, ora, se o treino não pode ser jogo, como o jogador gosta à brava de jogar a bola, é provável que não goste de treinar dessa maneira, portanto, não sinta prazer. Mas o Mourinho também diz, porque tem outra concepção de treino, que o jogador não gosta é de treinar mal”*. Lá esta, é preciso os jogadores perceberem o que fazem para poderem evoluir.

Ora, de facto o prazer cresce assim que nos apercebemos da importância do que estamos a fazer. Dai o professor afirma: *“O prazer deve crescer pela tomada de consciência da importância que assume aquilo que estamos a levar a efeito e com uma criança de 4 anos não posso estar a perder tempo, porque sou burro, em levá-la a perceber o quão importante é passar por aqui para chegar ali.*

Mas é fundamental mostrar-lhe que pode vir a fazer o que a outra que tem mais 2 ou 3 anos já consegue. Ou seja, o facto de ainda não conseguir mas de perceber que o pode vir a fazer aumenta-lhe de facto o prazer. Porque o prazer «nasce» quando ela vê a outra fazer e, ainda que não conseguindo, imita para «fazer prazer». Portanto o desprazer que a criança sentiu não foi um desprazer porque reconheceu que, imitando, pode fazer e quando faz fica a sentir prazer”.

4.3. Não nos Esquecemos de Nada?!...

A revisão da literatura mostrou-nos que os desempenhos de elite não se devem exclusivamente ao facto dos jogadores se empenharem, com grande esforço e concentração (ainda que sem prazer), ao longo de vários anos na modalidade, tal como a teoria da Prática Deliberada preconiza, sendo também de considerar outros factores. O ambiente sócio-cultural em que os jogadores estão inseridos, bem como a influência dos pais e dos pares foram por nós apresentados como alguns dos mais importantes. Parece que o Professo Vítor Frade concorda com o que expusemos.

Em relação ao *ambiente sócio-cultural*, o professor utiliza várias vezes o exemplo dos jogadores brasileiros para demonstrar o quão importante é pertencer a um determinado país, a uma determinada cultura, dado que isso influencia sobremaneira “o que” e “como” nos comportámos – o futebol brasileiro privilegia muito o drible em detrimento do passe pois, como o futebol de rua ainda “sobrevive”, as crianças têm a possibilidade de estar permanentemente em contacto com a bola, de formas muito variadas, enfrentando problemas diferentes a todo o instante, jogando calçados ou descalços, como bola mais ou menos redonda, com ou sem buracos... Enfim, o ambiente sócio-cultural do Brasil promove estas facilidades sendo que, cedo, qualquer um pode entrar em contacto com a modalidade, se calhar da forma mais rica que pode fazê-lo. Ora, percebem-se facilmente as implicações destas influências na construção de um Entendimento de jogo por parte dos jogadores deste país.

Mas, as referidas implicações não se reflectem só na forma como se joga, também no modo como os jogadores se colocam perante o futebol, o treino e o jogo – lembremo-nos, por exemplo, do que Mourinho percebeu quando chegou a

Inglaterra, ou seja, contrariamente aos jogadores portugueses que se “limitavam” a jogar sem grandes preocupações em tentar perceber o que estavam a fazer, os ingleses queriam manter-se sempre informados (fazer mas perceber porquê).

Assim, tal como Baker, Horton, Robertson-Wilson & Wall (2001) referiram na revisão da literatura, a supremacia de algumas modalidades parece estar relacionada com as condições de prática que os países oferecem, mais do que com questões genéticas – o Ronaldinho faz o que faz em jogo mas não nasceu assim, passou por um processo sendo que, por certo, o futebol de rua (Brasil) exerceu grande importância.

Quanto ao apoio dos *pais*, a revisão da literatura mostrou-nos que eles exercem um papel importante na medida em que facilitam as condições de acesso dos filhos aos treinos. Mas também verificámos que, no futebol, pelo menos de acordo com os resultados obtidos por Costa (2005), este apoio não se verificou numa fase inicial do envolvimento dos filhos com a modalidade, pelo contrário, os pais normalmente impediam o acesso aos treinos.

O professor Vítor Frade também acredita que os pais exercem uma influência muito grande sobre os miúdos, o que não lhe parece muito positivo na medida em que os pais têm normalmente uma ideia de jogo diferente da que nós (treinadores) queremos promover e, como passam (ou pelo menos deveriam) mais tempo com os filhos do que os treinadores, passam-lhes facilmente informações pouco ou nada condizentes com as que pretendemos passar. A este respeito o professor dá mesmo um exemplo: *“No Porto, no escalão dos 9 ou 10 anos, tinha um miúdo fabuloso, que jogava inclusivamente um ano acima e, a partir de certa altura o miúdo começou a ter um comportamento nada condizente com o que tinha até aí. Achamos estranho porque se o que ele tinha era uma*

grande virtude, que era o deixar quase pronto para os outros, passou a rematar quase de trás da baliza... Fomos constatar que o pai e o avô, à disputa, tinham «se marcares x golos dou-te x». Uma coisa absolutamente de pormenor, que interferiu como pormenor”.

Ou seja, segundo o nosso entrevistado, a influência dos pais não tem beneficiado muito o futebol, pelo contrário. Talvez se hoje acontecesse como à alguns anos atrás, com o futebol de rua, a situação do nosso futebol fosse outra!. E o problema é tanto mais grave quando os pais, para além de não terem um Entendimento de jogo como nós gostaríamos, também não sabem o que é uma criança, o seu filho.

Em relação aos *pares*, ainda que a revisão da literatura os apresentasse como importantes, o professor não lhes deu grande destaque.

5. CONCLUSÕES

“Algumas aves movimentam as suas asas só para não cair. Têm os princípios elementares mas não vão mais além. A águia-real, pelo contrário, faz algo mais que movimentar as suas asas. Domina, de forma inapta, a arte que possui. A sua beleza estética é majestosa; o seu porte imperial. Dá gosto vê-la voar... perseguindo o seu objectivo, capturando a sua presa. Tem, em definitivo o que em futebol se chama classe, qualidade fora do vulgar”

Cruyff. J. (1997: 8)

Vários são os estudos que se têm realizado na área da expertise, ainda que nem todos se reportem ao contexto desportivo e, menos ainda, ao futebol. O que pretendíamos com este trabalho era precisamente tentar perceber e contextualizar o desenvolvimento de desempenhos de elite no futebol, tendo sempre em consideração a especificidade desta modalidade.

Assim, quanto às *características dos expertos*, a revisão da literatura mostrou-nos que a excelência desportiva deve ser alcançada nos domínios cognitivo (tático-estratégico; perceptual-de tomada de decisão), técnico, emocional e fisiológico. O professor Vítor Frade referiu-se fundamentalmente aos dois primeiros, destacando o Entendimento de jogo, ao qual está associado uma Inteligência Funcional, como a característica mais marcante do jogador de Top. De qualquer forma, o professor salientou o facto de não existir só um mas vários jogadores de elite, com características diferentes, dada a existência de vários “futebóis”.

Podemos também concluir que o *Processo* ao qual, desde cedo, os jogadores são submetidos, exerce fundamental influência nos seus desempenhos de qualidade no futebol, mais do que a componente hereditária. Aliás, o nosso entrevistado acredita mesmo que se o Processo for adequado, alguém que

eventualmente não evidencie, à partida, “predisposição para”, pode conseguir, com a prática, muito bons resultados.

Para que o processo seja adequado e, portanto, potencie desempenhos de expertise, a *qualidade* deve ser privilegiada. No entanto, segundo o professor Vítor Frade é fundamental contextualiza-la, isto é, torná-la Específica do futebol, coisa que a teoria da Prática Deliberada não contempla.

Segundo o nosso entrevistado a qualidade em futebol pressupõe a identificação com uma certa forma de jogar (Concepção de jogo), bem como o entendimento do que é o indivíduo, a criança em crescimento, estando por isso associada aos exercícios utilizados bem como à intervenção do treinador nos mesmos.

Relativamente à *quantidade* da prática, Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) apontam-na como uma das principais responsáveis na consecução de desempenhos de elite, referindo mesmo serem necessários dez anos de Prática Deliberada para se adquirir o estatuto de experto. O professor Vítor Frade não exclui a importância da quantidade embora saliente que esta deve estar sempre associada a um critério de qualidade.

Ainda que a revisão da literatura tenha permitido constatar ser aconselhável experimentar vários jogos desportivos para finalmente se optar por um, a entrevista realizada ao professor Vítor Frade mostrou-nos ser benéfico iniciar a actividade tão cedo quanto possível desde que o futebol seja parte integrante dessa actividade desde logo, permitindo assim a construção de um Entendimento de jogo por parte da criança tão rápido quanto possível, estando a variedade contemplada dentro do futebol. O *Futebol de Rua* foi por isso

destacado como um dos potenciadores da construção desse Entendimento de jogo.

O número de horas de prática parece ser um aspecto importante para se alcançarem desempenhos de elite. O nosso entrevistado acredita que a criança pode passar várias horas com o futebol (desde que isso não seja lesivo nem a impeça de fazer outras coisas), ainda que essa não seja uma condição indispensável. No alto nível, não há necessidade deste número ser tão elevado na medida em que os jogadores já acumularam muitas horas de prática até lá chegarem.

Ainda que Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) acreditem que só o empenhamento em actividades que exijam altos níveis de *esforço* e *concentração*, não sendo necessariamente agradáveis, possibilitam a expertise, o professor Vítor Frade não se apresenta totalmente de acordo, principalmente no que se refere às questões do *prazer*. Para ele, os jogadores sentem sempre prazer com o futebol desde que tenham consciência de que o que estão a fazer é importante para evoluírem. Em relação à concentração, destacou-se a necessidade desta ser contextualizada e, portanto, Específica do futebol.

Tanto a revisão da literatura como a entrevista realizada ao professor Vítor Frade reconhecem a influência que o *ambiente sócio-cultural* exerce sobre os jogadores podendo, de facto, potenciar desenvolvimentos de qualidade. O mesmo acontece em relação ao *apoio dos pais*, sendo que o professor lhe atribui, actualmente, uma influência pouco positiva, mesmo perniciosa, nesse desenvolvimento.

Em suma, ainda que Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) acreditem que a Prática Deliberada é a única responsável pelos desempenhos de expertise, parece que, em relação ao Futebol, importa clarificar algumas questões, havendo aspectos em que a referida teoria parece ser adequada mas outros nos quais isso não acontece.

6. CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS

“A formação do jogador é uma história interminável”

Van Gall (1996: 19)

Este trabalho propunha-se esclarecer alguns aspectos relativos à formação dos expertos em futebol, reconhecidas que são as implicações dessa formação na qualificação do processo de ensino/aprendizagem e treino e, conseqüentemente, no próprio jogo.

Por serem ainda poucos os estudos, seria interessante explorar/aprofundar mais este tema, não só clarificando aspectos agora apresentados como também levantando e reflectindo sobre outras questões com ele relacionadas. Por exemplo:

- porque não realizar outros estudos comparando futebolistas expertos com futebolistas principiantes, uma vez que dos até então realizados poucos são os que se reportam especificamente ao futebol?
- reconhecidas as principais características dos expertos, porque não tentar perceber como é que os *melhores treinadores* encaram e potenciam a formação destes jogadores (da infância ao alto nível)?
- porque não explorar outras áreas da expertise, como por exemplo, a sua vertente mais cognitiva?

Acreditámos, sinceramente, que desta forma poderemos melhor conhecer o processo de formação dos jogadores, contribuindo por isso para a melhoria qualitativa do Jogo, do Futebol.

7. Referências Bibliográficas:

- Abernethy, B.; Côté, J. & Baker, J. (2002): Expert decision-making in team sports. *Technical Report for the Australian Institute of Sport*. Canberra.
- Aloísio (2005): Entrevista a Aloísio. In Costa, R. (2005). O caminho para a expertise – a Prática Deliberada como catalizador do processo de formação dos expertos em futebol. *Monografia de Licenciatura*. FCDEF-UP. Porto.
- Baker, J.; Horton, S.; Robertso-Wilson, J. & Wall, M. (2001): Nurturing Sport Expertise: factors influencing the development of elite athlete. *Journal of Sports Science and Medicine*: 2: 1-9.
- Bandeirinha (2005): Entrevista a Bandeirinha. In Costa, R. (2005). O caminho para a expertise – a Prática Deliberada como catalizador do processo de formação dos expertos em futebol. *Monografia de Licenciatura*. FCDEF-UP. Porto.
- Beilock, S.; Wierenga, S. & Carr, T. (2003): Memory and expertise: what do experienced athletes remember? In Janet L. Starkes, K. Anders Ericsson (Editors), *Expert performance in sports: advances in research on sport expertise*, 295-320. Stanningley: Human Kinetics. *
- Bento, J. (2002): *Jornal A Bola*. 12 de Maio.
- Bloom, B. (1985): *Developing talent in young people*. New York: Ballantine Books: 507-549.
- Bloom, G.; Crumpton, R. & Anderson, J. (1999): A systematic observation study of the teaching behaviors of an expert basketball coach. *The Sport Psychologist*; 13: 157-170.
- Chase, W. & Simon, H. (1973): The mind's eye in chess. In Chase, W. (Editor), *Visual information processing*, 215-281. San Diego, CA: Academic Press. *
- Chi, M. & Glaser, R. (1992): A capacidade para a resolução de problemas. In R. Sternberg, (Editor), *As capacidades intelectuais humanas. Uma abordagem em processamento de informações*, 250-275. Porto Alegre: Artes Médicas.*
- Cohen, J. (1984): Preserved learning capacity in amnesia: Evidence for multiple memory systems. In Squire, L. & Butters, N. (Editors), *Neuropsychology of memory*. New York: Guilford Press. *
- Costa, R. (2005): O caminho para a expertise – a Prática Deliberada como catalizador do processo de formação dos expertos em futebol. *Monografia de licenciatura*. FCDEF-UP. Porto.
- Costinha (2005): Entrevista a Costinha. In Costa, R. (2005). O caminho para a expertise – a Prática Deliberada como catalizador do processo de formação dos expertos em futebol. *Monografia de Licenciatura*. FCDEF-UP. Porto.
- Côté, J. (1999): The influence of the family in the development of talent in sport. *The sports Psychological*: 13: 395-417.

Côté, J. & Hay, J. (2002): Children's involvement in sport: A developmental perspective. *D. Psychological foundations of sport (2ª ed.)*. Boston: Merrill: 484-502.

Côté, J.; Baker, J. & Abernethy, B (2003): From play to practice: a developmental framework for the acquisition of expertise in team sports. In Janet L. Starkes, K. Anders Ericsson (Editors), *Expert performance in sports: advances in research on sport expertise*. Part III; Chapter 4: 89-114.

Cruyff, J. (1997): *Mis futbolistas y yo*. Ediciones Grupo Zeta.

Cruyff, J. (2002): *Me gusta el Fútbol*. RBA Libros. Barcelona.

Damásio, A. (2000): *O Sentimento de Si. O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Men Martins. Publicações Europa-América.

Damásio, A. (2003): *Ao Encontro de Espinhosa. As Emoções Sociais e a Neurobiologia do Sentir*. Men Martins. Publicações Europa-América.

Davids, K. (2000): Skill Acquisition and the theory of deliberate practice: It ain't what you do it's way that you do it! *International Journal of Sport Psychology*; 31: 461-466.

Deakin, J.; Starkes, J. & Allard, F. (1998): *The microstructure of practice in sport*. Sport Canada Technical Report.

Deakin, J. & Cobley, S. (2001): An examination of the practice environments in figure skating and volleyball: A search for deliberate practice. In Starkes, J. and Ericsson, K. (Editors), *Recent advances in the study of sport expertise..* Champaign, IL: Human Kinetics.

Denzin, N. (1975): Play, games and interaction. The contexts of childhood socialization. *The Sociological Quarterly*, 16: 458-478. *

Dicionário de Língua Portuguesa – 2006. *Dicionários Editora*. Porto Editora. Porto.

Durand-Bush, N. & Salmela, J. (1996): "Nurture over Nature: A new twist to the development of expertise". *Avante* 2, nº2: 173-198. *

Ennis, C.; Mueller, L. & Zhu, W. (1991): Description of knowledge structures within a concept based curriculum framework. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 62 (3): 309-318. *

Ericsson, K. (1996): The acquisition of expert performance: An introduction to some of the issues. In K. Ericsson (Editor), *The road to excellence: The acquisition of expert performance in the arts and sciences, sports, and games..* Mahwah NJ: Erlbaum: 1-50.

Ericsson, K. (2003). Development of elite performance and deliberate practice: An update from the perspective of the Expert performance approach. In Janet L. Starkes, K. Anders Ericsson, (Editors), *Expert performance in sports: advances in research on sport expertise*. Part II; Chapter 3: 49-84.

Ericsson, K.; Krampe, R. & Tesch-Romer, C. (1993): The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review*, 100: 363-406.

Ericsson, K. & Kintsch (1995): Long-term working memory. *Psychological Review*, 102: 211-245. *

Ericsson, K. & Starkes (2003). *Expert performance in sports: advances in research on sport expertise*. Janet L. Starkes, K. Anders Ericsson, editors.

Eysenck, M. & Keane, M. (1994): *Psicologia Cognitiva. Um manual introdutório*. Porto Alegre: Artes Médicas. *

Frade, V. (1989): Notas de curso de Metodologia do Futebol. FCDEF.UP. Porto. *

Frade, V. (2002): Notas de curso de Metodologia do Futebol. FCDEF.UP. Porto. Não publicado.

Freitas, S. (2005): A especificidade que está na «Concentração Tática» que está na especificidade... no que deve ser uma operacionalização da «Periodização Tática». *Monografia de Licenciatura*. FCDEF-UP. Porto.

French, K. & Thomas, J. (1987): The relation of knowledge development to children's basketball performance. *Journal of Sport Psychology*, 9: 15-32. *

Guilherme Oliveira, J. (1991): Especificidade, o “pós-futebol” do “pré-futebol”. Um factor condicionante do alto rendimento desportivo. *Monografia de Licenciatura*. FCDEF-UP. Porto.

Guilherme Oliveira, J. (2003): Entrevista ao professor José Guilherme Oliveira. In Tavares, V. (2003): Uma noção fundamental: a Especificidade. O como investigar a ordem das “coisas” do jogar, uma espécie de invariância de tipo fractal. *Monografia de Licenciatura*. FCDEF.UP. Porto.

Guilherme Oliveira, J. (2004): Conhecimento Específico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/treino do Jogo. *Dissertação de Mestrado*. FCDEF-UP. Porto.

Hamilton, B. (2000): East African running dominance: What is behind it? *British Journal of Sports Medicine*, 34: 391-394. *

Helsen, W.; Starkes, J. & Hodges, N. (1998): Team sports and the theory of deliberate practice. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 20: 12-34.

Hodges, N. & Starkes, J. (1996): “Wrestling with the nature of expertise: A sport specific test of Ericsson, Krampe, and Tesch-Römer's (1993) theory of «deliberate practice»”. *International Journal of Sport Psychology*, 27: 400-424.

Howe, M.; Davidson, J. & Sloboda, J. (1998): Innate talents: Reality or myth? *Behavioral and Brain Sciences*, 21: 399-442. *

Janelle, C. & Hillman, C. (2003): Expert performance in sport: Current perspectives and critical Issues. In Janet L. Starkes, K. Anders Ericsson, (Editors), *Expert performance in sports: advances in research on sport expertise*. Parte II; Chapter 2: 19-48.

- Jensen, E. (2002): *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens*. Porto: Edições ASA.
- Kalinowski, A. (1985): The development of Olympic swimmers. In Bloom (Editor), *Developing talent in young people*: 139-192. New York: Ballantine Books.
- Lampard, F. (2005): Entrevista a Frank Lampard. Record Dez. S/d.
- LeDoux, J. (1996): *O cérebro emocional. As misteriosas estruturas da vida emocional*. Cascais: Pregaminho. *
- Maniche (2005): Entrevista a Maniche. In Costa, R. (2005). O caminho para a expertise – a Prática Deliberada como catalizador do processo de formação dos expertos em futebol. *Monografia de Licenciatura*. FCDEF-UP. Porto.
- Maradona, D. (2000): *Eu sou EL Diego*. Oficina do Livro.
- Marina, J. (1995): *Teoria da inteligência criadora*. Lisboa. Caminho. *
- Martín, C. (1994): *Valdano – Sueños de fútbol*. El Pais – Aguilar. Madrid.
- McPherson, S.,L. & Thomas, J. (1989): Relation of knowledge and performance in boys' tennis: age and expertise. *Journal of Experimental Child Psychology*, 48: 190-211. *
- Melo, A. (2005): "O planeta Eusébio". *Público*, nº 459: 27 – 30.
- Monsaes, J. (1985): Learning to be a world class tennis player. In Bloom (Editor), *Developing talent in young people*. 211-269. New York: Ballantine Books
- Mourinho, J. (2004). Entrevista a José Mourinho. In Freitas, S. (2004): A especificidade que está na «concentração táctica» que está na especificidade... no que deve ser uma operacionalização da «Periodização táctica». *Monografia de Licenciatura*. FCDEF-UP. Porto.
- Mourinho, J. (2005): Entrevista a José Mourinho. *Jornal A Bola*. 29 Março.
- Nuno Valente (2005): Entrevista a Nuno Valente. In Costa, R. (2005). O caminho para a expertise – a Prática Deliberada como catalizador do processo de formação dos expertos em futebol. *Monografia de Licenciatura*. FCDEF-UP. Porto.
- Oatley, K. & Jenkins, J. (2002): *Compreender as emoções*. Lisboa: Instituto Piaget. *
- Piaget (1962): *Play, dreams, and imitation in childhood*. New York: W.W. Norton. *
- Popper, K. (1991): *Um mundo de propensões*. Lisboa. Editorial Fragmentos.
- Rossum, J. (2000): Deliberate practice and Dutch field hockey: an addendum to Starkes. *International Journal Sport Psychology*; 31: 452-460.
- Roxburgh, A. (2005): Jogar futebol para quê?. [On Line]: www.uefa.com/uefa/keytopics/kind.

Ruth-Leas, R. & Chi, M. (1993): Analyzing diagnostic expertise of competitive swimming coach. In Starkes, J.L. and Allard, F. (Editors), *Cognitive Issues in Motor Expertise*. Amsterdam: Elsevier Science. Publishing: 75-94.

Scanlan, T.; Carpenter, P.; Schmidt, G.; Simons, J. & Keeler, B. (1993): An introduction to the sport commitment model. *Journal of Sport and Exercise Psychology*; 15 : 1-15.

Starkes, J. (2000). The road to expertise: Is practice the only determinant? *International Journal of Sport Psychology*, 31: 431-451.

Silvério e Srebro (2002): *Como ganhar usando a cabeça. Um guia de treino mental para o futebol*. Quarteto editora. Coleção Ciências do Desporto, nº 1. Coimbra. *

Soberlak, P. (2001): A retrospective analysis of the development and motivation of professional ice hockey players. *Unpublished master's thesis*. Queen's University, Kingston, Ontario, Canada.

Soberlak, P. & Côté, J. (in press): The developmental activities of professional ice hockey players. *Journal of Applied Sport Psychology*. *

Tenenbaum, G. (2003): Expert athletes: an integrated approach to decision making. In Janet L. Starkes, K. Anders Ericsson (Editors), *Expert performance in sports: advances in research on sport expertise*: 191-218. Stanningley: Human Kinetics. *

Valdano, J. (1997): *Los Cuadernos de Valdano*. El Pais – Aguilar. Madrid.

Valdano, J. (2001): *Apuntes Del Balón. Anécdotas, curiosidades y otros pecados del fútbol*. La Esfera de los Livros. Madrid.

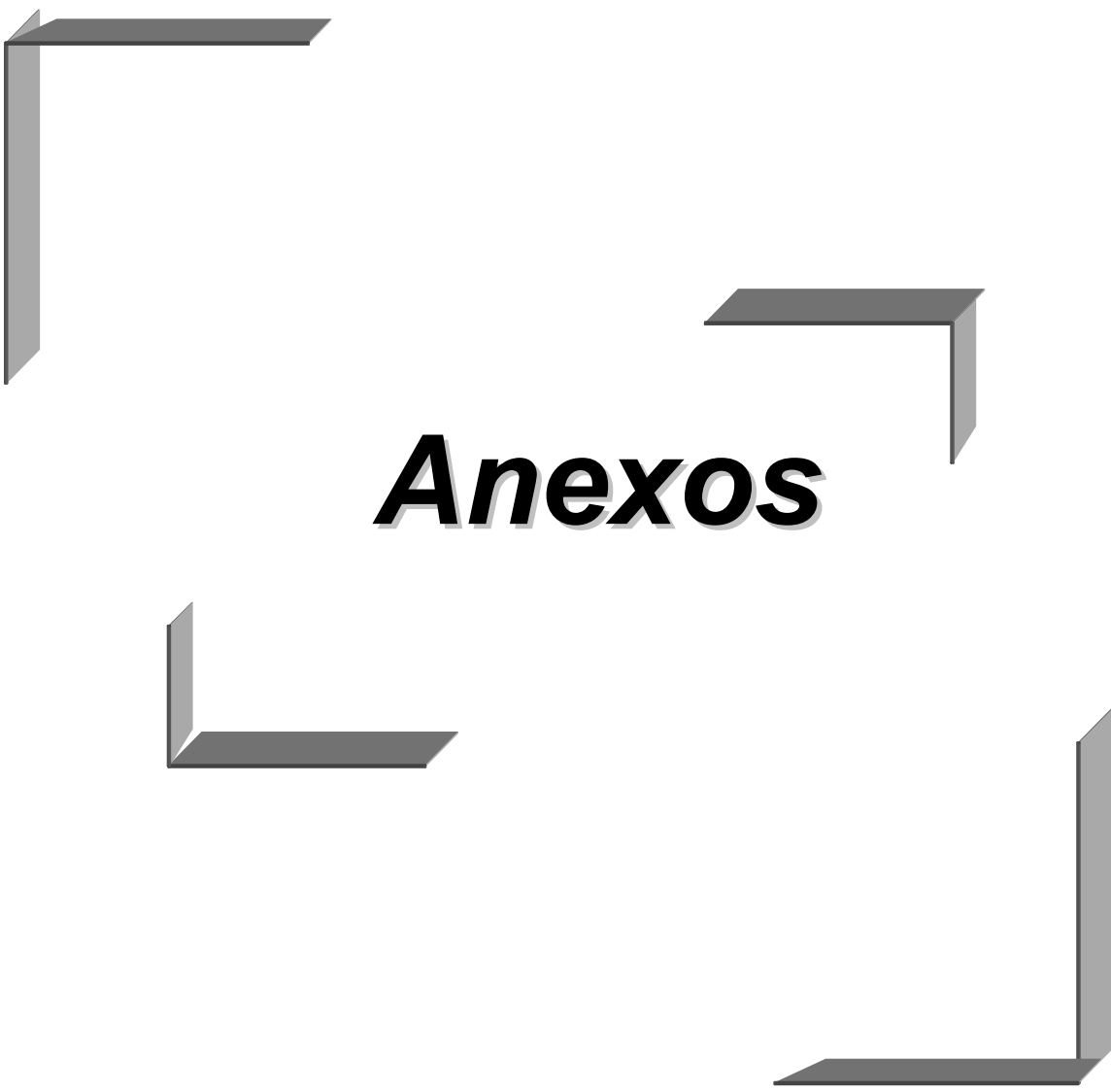
Valdano, J. (2002): *El miedo escénico y otras hierbas*. Aguilar. Madrid.

Van Gall, L. (1996): "Ajax na antecâmara do Olimpo". *Jornal A Bola*. 17 de Agosto.

Williams, A.; Davids, K. & Williams, J. (1999): *Visual perception and action in sport*. London: E & FN Spon. *

Wilmore, J. & Costill, D (1991): *Physiology of sport and exercise* (2nd Ed.). Champaign, IL: Human Kinetics. *

* *Obras de consulta indirecta*

Four 3D L-shaped corner brackets, rendered in a dark gray color with a slight shadow, are positioned at the corners of a square frame. One is at the top-left, one at the top-right, one at the bottom-left, and one at the bottom-right. The word "Anexos" is centered within this frame.

Anexos

ENTREVISTA AO PROFESSOR VITOR FRADE

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto

21 de Novembro de 2005

Filipa Dias: O que é para si um jogador de alto nível, de Top?

Professor Vítor Frade: Um jogador de elite não é necessariamente aquele jogador por quem eu tenha maior simpatia, fixação ou encantamento, embora quando tenho um apreço ou uma afinidade com este ou aquele jogador isso tem necessariamente que ver com o facto dele estar a Top. Mas por é que eu lhe referi isso: às vezes acho impressionante um juvenil, um júnior ou até um miúdo infantil e imagino até quanto quase seria garantido que se o envolvimento que se criasse à volta dele fosse este, eu não teria dúvida que ele chegaria a Top.

De facto, para mim a condição fundamental é um indivíduo estar a Top mas um tempo significativo. Qualquer indivíduo que esteja a Top, nas equipas de Top é necessariamente um jogador de elite, goste-se mais ou goste-se menos, seja expressão do cumprimento de funções, para nós menos relevantes mas, que são todas relevantes.

Muitas vezes os jogadores referidos como de elite, não são para mim. Uma razão é não estarem a Top embora andem por lá num momento, num ano ou noutro e sejam muito badalados mas eu ainda não me convenci. Dou-lhe o exemplo de um indivíduo que foi considerado durante anos e anos como um dos jogadores, pelo menos potencialmente, como dos melhores que havia no mundo e eu achava estranho que, começando com quase todos os treinadores a jogar, passado um mês era preterido. Eu tinha a impressão que ele forçava demasiado o jogo – estou a falar do Ivan De La Penha. A certa altura estive com o Robson e

perguntei-lhe qual a sua opinião acerca do Ivan De La Penha, uma vez que ele já o tinha treinado e aconteceu a mesma coisa. O Robson disse-me aquilo que eu pensava de facto, isto é, que era um bom jogador nas funções que costumava habitualmente desempenhar (jogador da linha intermediária mais avançada, aquele jogador do último passe, jogador que também desequilibrava) mas que forçava sempre as coisas para o mais difícil. Para ele aquilo aparentemente era o mais fácil, acontecia e vezes demais, via-se... era o mais difícil. E ele tinha uma obsessão por isso, portanto para ele “não há lentilhas só há lentejolas”, só há coisas grandes, não há coisas pequenas. No entanto, durante muito tempo foi considerado como um jogador de elite, transferido por somas exorbitantes... não é dizer que sou mais esperto que os outros, também já me enganei, mas é para lhe dizer que quem baliza, quem entrega o aval de Top é só o próprio Top.

Porque há várias maneiras de jogar futebol, e ainda bem que é assim. Eu já conheci bem o Zidane a jogar pela selecção francesa e pelas equipas francesas, encantava. Depois foi para Itália e desagradava-me, para mim estava aquém do que devia ser. Veio para o Real Madrid e voltou a ser aquilo que eu achava que ele era. Portanto, aquilo que ele era em Itália provavelmente não era da absoluta responsabilidade dele, porque estava condicionado a uma forma de jogar mas, não deixava de estar a Top. Há provavelmente um caso ou outro que é excepção mas o jogador de Top é encontrado a Top. É evidente que nós podemos entusiasmar-nos mais por uns do que por outros, até em consequências das próprias funções onde jogam -uma equipa tem tarefas diferentes... O Deco, põe exemplo, passa muito mais despercebido agora do que passava no Porto mas está lá (Barcelona) e está a cumprir. No entanto, o que é um facto é que, sobretudo como espectador, já não dava saltos na cadeira há muito tempo e dei

agora a ver jogar o Ronaldinho. O Cruyff tem um livro (Mis futbolistas y yo) onde faz um levantamento de uma série de jogadores e, no fundo, o que ele quer evidenciar é que todos são de Top, embora não sejam iguais uns aos outros. É isso que traduz o estilo. Portanto, a possibilidade de jogar a Top é que classifica. Para sabermos quem são e para extrairmos as características que queremos sejam de Top, mais ligadas com esta ou aquela função, temos que ir aos jogadores de Top. O referencial tem que emanar daí. Antes de ser daí podemos pensar “potencialmente será...”, como quando os vemos nos juniores mas, até ser, temos que esperar. Repare, o José Mourinho que é, inquestionavelmente, o melhor que há para aí como treinador, vai à procura dos jogadores de acordo com o perfil de jogo que quer, e portanto do perfil de jogador que quer para as funções respectivas, observa e não é uma vez só, fá-lo continuamente, com preocupações, às vezes contrata jogadores que acaba por mandar embora. Ou seja, o lado visível não é tudo o que tem a ver com o lado total das pessoas, portanto... Foi ele que contratou o Marco Ferreira para o Porto e depois reconheceu não dava... Porque é o processo que demonstra a possibilidade ou não (e o Marco Ferreira até já tinha sido internacional A). Portanto, eu acho que a única garantia é de facto jogar a Top, continuamente,

Há várias formas de jogar. A tese do professor José Guilherme diz que a evolução do futebol, a partir de certa altura, proporcionou duas correntes, digamos assim, uma que ele designou como táctico-física e outra por táctico-técnica e, qualquer destas existe a Top. Às vezes um jogador que seria óptimo numa equipa que se guie mais pela táctico-técnica, portanto que seria óptimo aí, está a jogar e está a Top na outra. Agora, o que caracteriza fundamentalmente uma e outra difere, portanto, nós podemos equacioná-las, tecer comparações e

em função da nossa sensibilidade manifestar maior desejo, maior afinidade com esta do que com aquela mas, acho eu, nunca no sentido daquela pretensão de excluir demais Top uma só, porque as pessoas têm o direito de entender o jogo de outra maneira e de o querer também de outra maneira. E até que ponto, se se mantêm a Top jogando de forma manifestamente diversa das equipas que julgámos mais a Top, também não é isso de considerar. Portanto, o “estar” a Top é muito exigente e é preciso “estar” para podermos dizer que é alguém com capacidade para lá estar.

Filipa Dias: O professor fala de diferentes formas de jogar mas, mesmo assim, não consegue encontrar características que diferenciem os jogadores expertos dos restantes?

Professor Vítor Frade: Acho que cada vez mais é indispensável o Entendimento do Jogo, aquilo que generalizadamente se designa por Cultura Tática, acho que isso é, cada vez mais, um background que faz a diferença e portanto deve ser um aspecto saliente na prática deliberada, que pretende ser continuada. Pensando em formação, se calhar é por isso que o Ajax é o que é. Umas equipas são o que são na formação de jogadores, porque de facto têm do jogo uma ideia que é uma cultura própria e depois procuram sistematizar e ordenar isso no tempo em termos de vivenciação e de aquisição.

É evidente que, do mesmo modo que uma pessoa sem uma perna não pode pretender ser jogador de futebol, pode acontecer que alguém, geneticamente, não esteja capaz e o processo tome conta da sua marginalização rapidamente mas, grosso modo, quem evidenciar alguma afinidade na relação com a bola, em muito miúdo, depois o mais marcante, do meu ponto de vista, é o Entendimento do Jogo. Eu digo várias vezes que aprender a jogar é fácil, porque

se aprende sozinho, e aquilo que eu costumo dizer é que é um saber fazer que se adquire fazendo com base em alguns padrões de comportamento, com algumas referências mas que são assimiladas anarquicamente, digamos assim. Todas elas têm a ver com o modo de entender o jogo só que, sendo de uma forma dispersa não emprestam essa consciência sobre esse saber jogar a quem fica a saber jogar. Portanto, aquilo que pode ser de facto determinante é a capacidade de tanto mais cedo quanto possível, o Entendimento sobre o Jogo, por parte de quem está no processo de aprendizagem, se faça. Acho que essa é a Inteligência sobre o Jogo.

Filipa Dias: o professor disse à pouco que às vezes quando vê miúdos infantis ou iniciados a jogar imagina que poderiam, potencialmente, vir a estar a Top. Quais os indicadores que acha mais importantes visualizar numa criança, ou num jovem, para determinar se poderá ou não vir a ser um jogador de elite?

Professor Vítor Frade: Sempre me preocupou o sentido de mobilidade que os miúdos tinham, se as suas acções estavam centradas no jogo ou em si próprios. Se cedo se manifestassem, de algum modo, centradas no jogo, para mim era um potencial jogador; aquelas que estivessem centradas nele, mesmo que fossem muito entusiasmantes do ponto de vista dito de adestramento, de técnica, eu tinha sempre as minhas dúvidas. Repare, durante os últimos 4 anos que estive no Porto havia 2 miúdos nos infantis: um, era ponta de lança, fazia golos de todas as maneiras e feitios, e outro que era ala direito, extraordinário. E eu dizia várias vezes que tinha a certeza que, se fosse eu a coordenar o processo, eles seriam... Porque para mim eram, um, o ponta de lança melhor que conheci, o Fernando Gomes como miúdo e, o outro, melhor que o Jaime

Magalhães, como miúdo. O problema é que eles eram pequenos e, em infantil isso não se notou muito, passaram a iniciados e... no Porto, uma equipa que até joga “mais jogo” que as outras, não cultivava tanto o jogo directo e portanto onde a capacidade atlética deles não se manifestava tanto. Mas, não passaram para a equipa principal e depois, como este ponta de lança era pequenino e quando se utilizava, passou-se a utilizar como segundo ponta de lança... Ele não era tanto aquele miúdo que deixava pronto, era aquele que aproveitava o que lhe deixavam pronto, estava sempre nas zonas mortas, abandonadas. Isso porque ele centrava a acção dele no jogo e não nele. Teriam que exacerbar isto como o mais importante mas não, começaram a requerer para ele coisas que não tiveram a ver com isso. E com o outro aconteceu a mesma coisa, quiseram que ele jogasse a defesa direito... Não sei o que é feito dos miúdos mas provavelmente desapareceram. Dou-lhe outro exemplo, o João Pinto era treinador dos juniores quando o Hélder Postiga e o Hugo Almeida... o ultimo, jogou pouco mais de meia época com o professor Guilherme e fez 30 e tal golos, depois passou para os juniores e o João Pinto passou a querer que ele jogasse na esquerda, cultivava um jogo muito directo. Então ele escondia-se na esquerda, transição de jogo alongado e... conclusão, passou 2 anos nos juniores e quando chegou à equipa B, só lhe faltava estar nos tacos, ele já estava preparado para partir... Eu não sei se ele tinha condições para mais mas provavelmente isso limitou-o. Já o Hélder Postiga que, com o professor José Guilherme, era um juvenil de eleição, depois passou para os juniores com o João Pinto e passou a jogar na ala do lado esquerdo. Esses 2 anos devem ter sido... por acaso acabaram por não o matar, não sei, porque ele não tem vingado, só vingou no ano com o Mourinho mas... Imagine que é uma bailarina de tango extraordinária e vai morar para o Algarve e

lá não a deixam dançar tango, obrigando-a a dançar só corridinho. Se calhar 2 anos depois já nem sabe dançar tango. Ora, e faz-se muito isso no futebol, por carência de entendimento e é por isso que, apesar de tudo, o jogar de rua não está sujeito a isto porque é jogar e o jogar, como é de rua, uma vez tem mais outra vez tem menos, uma vez é a subir outra a descer e, como tal, o imprevisível é sempre objecto de contemplação.

Uma das coisas importantíssimas e indispensáveis, do meu ponto de vista, para o crescimento, e o Ajax faz isso é, em determinada altura, os miúdos de 10 anos jogarem contra os de 12, colocado para os 10 como um processo, para que as dificuldades sejam maiores, os problemas que eles nunca vivenciaram sejam aí o dominante para que eles possam enfrentá-los e tentar resolve-los. Ora, isso no futebol de rua era uma constante. Esta esterilização da realidade, muitas das vezes dá cabo disso. Não é um problema de lógica, é um problema de “que lógica” e, normalmente, as más lógicas são fruto da canhas treza da nossa caixa córnea. Nós somos indivíduos diminuídos e fazemos as coisas há semelhança daquilo que somos capazes de entender. Ora o futebol é muito complicado, é muito complexo. Há equipas em que a bola muitas vezes anda depressa, os jogadores não andam, e a bola só pode andar depressa se uma racionalidade posicional estiver sempre presente senão não é possível e, quando isso é assim não se vê um jogador marcadamente a transportar a bola mas há um futebol que é ao contrario. Mas nem por isso deixam de haver “futebóis” do mesmo tipo a Top.

Portanto, há que tomar partido por uma Concepção de jogo, depois transformá-la em conteúdo e fazer com que o processo seja marcadamente isso, no sentido de equacionar o individuo como alguém que está a crescer e cresce

tanto mais quanto mais a relação for esta e não aquela, e isso sim é entender o que é uma criança. Por exemplo, vemos os miúdos a gatinhar em casa e, o miúdo vai a aproximar-se do sofá para subir, se a avó lá estiver ou até a mãe, a primeira coisa que fazem é pegar no miúdo e pô-lo em cima do sofá. Não, deve-se deixá-lo subir mas “ah, ele pode cair”, pois, então devo estar atento para depois deitar a mão mas ele só ganha se tentar subir. E no futebol, por desconhecimento de uma coisa e outra, não se equaciona o processo assim. Eu acho que a formação é importante mas, a formação pode ser formatação e pode ser deformação. Para ser formação é muito difícil.

Filipa Dias: Então pensa que para os jogadores chegarem a Top, mais importante que o talento (capacidades inatas) é a experiência que adquirem ao longo da vida?

Professor Vítor Frade: Se alguém nascer sem uma perna não é jogador de futebol e há de facto a possibilidade de, motrizmente, digamos assim, em termos motores, detectar que há indivíduos que dificilmente vão ser jogadores de futebol. Mas a prática tem pregado grandes partidas, ou seja, gente que muito cedo parecia não vir a dar nada e consegue, mesmo a esse nível, com a prática continuada, vir a superar as expectativas. Portanto, esse lado é de facto importante mas passa por uma insistência prolongada... Acabou o Futebol de rua, provavelmente essas possibilidades serão mais remotas... Ainda hoje em dia, no Brasil, há um manancial de indivíduos porque o futebol de rua ainda existe.

Costumo mostrar aquele filme daquela senhora sem pernas, vítima da Talidomida, que é obrigada a fazer com os pés aquilo que as mãos teriam que fazer. Ora, filogeneticamente, nós não somos dispostos para os pés fazerem tal, por isso teve que se processar ali quase que uma regressão para a solicitação de

predicados com pés que eram mais dos nossos primos primatas. Logo, o que conta é que o contacto com a bola apareça. Se uma criança for “quase normal”, esse lado supera-o com a familiaridade. Porque repare, toda a gente reconhece que o Quaresma é um virtuoso, mas também toda a gente reconhecia mais ou menos que ele não estava em condições de jogar a Top e a Top numa equipa como o Porto, que nem sequer é de maior Top. O que agora se começa a dizer é que ele já faz isto e aquilo, que está a crescer no entendimento que não tinha do jogo. Portanto, por si só, aquilo que era ele ser um “virtuoso” não lhe permitia satisfazer as exigências do jogar do Porto. Não são poucos os treinadores que ele não satisfaz, porque passou pelo Barcelona e também não... Ele satisfaz é a assistência, que está no futebol, a maioria dela, como está no circo... Por outro lado há gente que está a Top que não faz o que ele faz com a bola mas faz em função de concentrar a sua atenção no jogo e dar as respostas condizentes com o mesmo. Depois temos os casos que não são iguais a ninguém, como é o caso do Ronaldinho!...

Mas repare, por exemplo o Pele... ainda recentemente eu ouvi um programa da GNT, onde levaram o Carlos Alberto que, nos anos 70, era o capitão de equipa e perguntaram-lhe se não achava que o Robinho era um fora de série, um génio como o Pele e ele respondeu: “sim, ele joga no Real Madrid com a camisola branca como o Pele jogava no Santos. Joga com a camisola amarela na Selecção, como o Pele jogava. É preto como o Pele, embora o Pele fosse mais preto mas... só diz que ele era igual ao Pele quem nunca viu jogar o Pele”. Isto para lhe dizer o quê? O Pele era brutalmente inteligente, além de ter uma disponibilidade motora extraordinária, era muito inteligente. No entanto, aqui há tempos fizeram uma entrevista ao Pele e perguntaram-lhe o que ele achava ter de

diferente dos “super craques” para o considerarem “super super craque”, ao que ele respondeu: “ ter tido a felicidade de na rua onde morava ter mais buracos que nas ruas dos outros”. Falando por este lado do adestramento, talvez tenha razão, os buracos punham-lhe tanta imprevisibilidade que ele começou a treinar a inteligência para superar essas coisas, também se pode raciocinar nesses termos.

Para mim, é de facto o Entendimento do Jogo porque tem que se estar sintonizado com a uma configuração... E depois os detalhes, como se diz que o Top é uma cultura de detalhes, os detalhes não são normalmente o enfeite, o meter a trivela e não sei quê... é sentir/fazer dizer o que os outros não vêem, anteciparem-se... e isso resulta da inteligência de jogo. Dou-lhe o exemplo do Eusébio. As pessoas têm normalmente a ideia de que o Eusébio era um jogador potente e nada mais mas não, para mim, o Eusébio era extremamente inteligente, e em conversa com jogadores contemporâneos dele da selecção, meus amigos, todos eles diziam isso... só quem não o viu jogar é que não vê que ele era inteligente. Mas quando falo em inteligência é uma Inteligência Funcional, a inteligência do futebol, que se ganha vivenciando, não ganharão todos, mas só se adquire em função de se estar relacionado com o futebol e que pode não ser transferível para a inteligência de outras coisas. O Eusébio, provavelmente seria um péssimo treinador.

Portanto, para aquilo que você quer, um processo de prática deliberada, continuada, que “esquece” este lado do entendimento do jogo, muito dificilmente faz jogadores expertos, por isso é que eu lhe dava o exemplo do Ajax. O Ajax contempla cedo o saber sobre o saber fazer e quando os capta, fá-lo em função do fazer, do contacto directo com a bola mas o processo a que os submete é

cultural e tem logo a ver com o ganho progressivo dos miúdos em termos do entendimento que devem ter do jogo e é, se calhar, por isso que quase todos os anos sai um manancial de jogadores do Ajax para todo o lado e para os futebóis mais diversos. E há jogadores do Ajax a Top em todo o lado.

O fazer as coisas é importantíssimo mas, o fazer circunscrito a si próprio, como o exemplo do Quaresma, pode ser um “fazer chover no molhado”... Eu vou ao circo e vejo quem nunca jogou à bola, com duas bolas e mais um chapéu e não deixam cair nada. Mas, se os puserem no jogo eles não jogam... Agora, o Ronaldinho faz coisas como o Quaresma mas faz coisas a propósito, em função de decifrar bem os instantes do jogo, portanto o lado inteligente.

Ora, o fundamental é que o processo, mais do que particularidades ou características que ninguém tem à partida, dê um contexto de continuidade e facilitação de relação motora e dê, ao mesmo tempo, engendramento do Entendimento do que é o Jogo. Porque a verdadeira natureza do jogo é esta – é por isso que eu digo que é Tática, senão estou a contradizer-me. Mas o que é a Tática? É uma organização de qualidade, que tem a ver com o atacar, o defender, o passar da defesa para o ataque e vice versa e... entender isto bem, é indispensável.

E desde cedo as crianças têm défices de entendimento, como tem défices motores, emocionais ou fisiológicos. Défices, mas não são atrasados mentais, isto é, não são deficientes. Por isso, quanto mais cedo os levamos a familiarizarem-se com o que é o jogar tanto melhor. Dos miúdos portugueses que vi a mexer com a bola em infantis, o que mais me impressionou foi o Dominguez. No entanto, ele nunca foi propriamente um jogador de Top e, por aquela habilidade, deveria admitir-se que pudesse ser mas, por outro lado, se eu tivesse a possibilidade e a

felicidade de ter visto o Maradona em miúdo, também me teria entusiasmado ao ver o que consegue fazer agora e que parece já fazia nessa altura. Acho eu que se o processo tiver uma determinada lógica é mais fácil aparecer no estádio final mais gente de Top, e é por isso que eu dou o exemplo do Ajax.

Filipa Dias: é preciso o processo mas, não é um processo qualquer...

Quais as principais características desse processo? Bastará os miúdos fazerem qualquer tipo de jogos/brincadeiras ou são necessárias actividades mais específicas?

Professor Vítor Frade: As características do processo têm que evidenciar uma fidedigna afinidade com uma Concepção de Jogo. É indispensável uma identificação com uma forma de jogar, essa sim, que seja a expressão do Top, ou de algum Top, porque é essa que vai determinar os conteúdos como meios que vão permitir que o processo se faça sustentado nesses conteúdos do jogar. Portanto essa é uma condição indispensável, que é, ter do Jogo um certo Entendimento para poder fazer dele o dominante do processo, no que tem a ver com os conteúdos que vamos proporcionando. E esses, no que diz respeito à diversidade de relação do miúdo com o envolvimento, com a bola se quisermos, têm que ser muito ricos e tem que desde cedo proporcionar o lado do técnico. É fundamental que os pés e o corpo se relacionem dos modos mais diversos para que a coordenação na relação com o objecto que é estranho e que não nasce connosco, seja facilitada, porque contrariamente ao que acontece na relação dos olhos com a mão, a relação dos olhos com o pé é muito mais exigente, muito mais difícil é esta articulação e, quanto mais cedo se levar a efeito tanto melhor. Mas, as características do processo têm que fazer apelo a isso, porque há que imaginar a possibilidade de chegar a jogar deste modo, se bem que isso não se

passa, *in loco*, desde cedo mas, o modo como se vai fazendo tem sempre “afinidade com...”, tem uma certa evolução que se regista.

Agora, há um outro lado que é o lado da lógica de intervenção de quem ensina com quem aprende, e essa tem que promover, necessariamente, um tipo de relação autónoma dos indivíduos que aprendem, ou seja, eu não posso nunca dar as soluções. O Mourinho fala na “Descoberta Guiada”, e eu dou muitas vezes esta imagem. Tenho que identificar os indivíduos e o processo desta maneira. Isso permite um acrescento ou uma complementação de informação sobre o modo como se quer jogar, portanto, uma identificação com os temas chave do jogar. Nós vamos privilegiar defender assim, embora depois, o fundamental, seja na vivenciação, mas eu tenho sempre que deixar uma autonomia de investimento por parte de quem está a vivenciar o processo, ou seja, os miúdos. Eu costumo dizer que quero que eles façam “redacções sobre...”, muito embora eles depois façam a redacção com um erro aqui e a frase desajustada ali e eu, à posteriori, vou intervir, vou dizer-lhes “não, vocês cobriram, se calhar, uma zona pior assim...” mas, são eles que, sobre um tema, constroem porque, se não for assim, o lado da intenção prévia, no que diz respeito ao córtex frontal, não participa. Portanto, este lado consciente, lado subjectivo que é fundamental que aconteça para que a evolução individual se faça e ao fazer-se, dado que está perante condicionantes de ordem colectiva, faz com que ao crescer o “eu”, cresça em função da necessidade de me articular com os outros. Isto é muito difícil, acho eu, levar os próprios a fazer tendo consciência da importância do que estão a fazer para aquilo que se pretende. É este lado que eu costumo referir como crescer o saber fazer, a disponibilidade de jogar, em concomitância com um saber sobre um

saber fazer, ou seja, este lado tem a ver com o Entendimento do Jogo pois estou a fazer mas estou a entender o jogo, estou a crescer na Cultura do Jogo.

Quando há pouco dava o exemplo do Eusébio, da inteligência ser específica, ser funcional, aprende-se “em função de...”. Ora, o “de” tem de estar lá sempre presente, de maneira mais ou menos complexa, mas tem de estar lá sempre presente e o modo como eu promovo a relação de quem está a aprender com isso, também não pode ser de modo a que seja eu a apresentar as soluções. Tem de ser a actividade, porque cada instante da aprendizagem proporciona uma infinidade de decisões possíveis e, se eu disser que é esta, eles nem sequer tiveram direito a errar e até poderiam encontrar a mais conveniente. Mas, é evidente que eu não dizendo “é esta” eles também podem regularmente, optar pela menos aconselhável, agora é isso que me permite depois fazê-los comparar com a que, eventualmente, seria a mais ajustada e serem sempre eles os agentes. Há pouco falei-lhe das intenções prévias, mas estas intenções em acto... porque isto tem inclusivamente a ver com a nossa própria funcionalidade, ou seja, este armazenamento que eu vou tendo disponível no córtex motor, para poder ser chamado a utilizar, à conta do córtex parietal, em função de uma intenção que o córtex frontal me configura mas que eu ao executar, por força do envolvimento, pode ser desajustado. E é esta “campainha” que “alto, não é assim...”. Se eu tiver como referência a imagem daquilo que se pretende, que é a intenção prévia, tendo esta a ver com os conteúdos que eu selecciono, as grandes linhas, as grandes questões da forma de jogar. Há quem faça isso à revelia da sistematização, por exemplo, o futebol de rua proporciona muito disso mas não de uma maneira orientada. O que nós podemos acrescentar é essa sistematização, entendendo aquilo que é, de facto, o individuo, em termos de

funcionamento, para que o saber fazer não fique circunscrito exclusivamente ao “córtex dos dedos dos pés”, não tendo articulação com qualquer coisa que é simbólica, representativa de uma forma de jogar, ou seja, o processo ter isso como referencial.

Por isso é que eu costumo falar do futuro como elemento causal do comportamento. O futuro é uma ideia mas oxalá o meu futuro, ao nível do plano da execução, tivesse muitos Ronaldinhos. Portanto, com miúdos, nos balneários pelo menos, se pudesse tinha vídeos a passar permanentemente coisas que o Ronaldinho faz. E isso para eles era o futuro, mas era um futuro que ia determinar e ia implicar um registo de causalidade neles – tentarem fazer porque funcionámos muito por imitação, por modelos. Ora, o brasileiro é muito habilidoso porque vê o que o rodeia, tem aquelas referências, aqueles modelos. O processo pode é não descorar isso. Ter isso de uma forma organizada, orientada. Qualquer equipa, qualquer clube com tradição na formação, faz isso, melhor ou pior, entendendo o jogo de uma maneira, se calhar, menos rica, tendo um processo de intervenção dito pedagógico ou metodológico menos rico, considerando o miúdo menos capaz de autonomia mas, sistematiza. Portanto, onde pode estar a vantagem é terem os conteúdos identificação com o jogo de qualidade e a relação do sujeito com o objecto, portanto dos miúdos com o jogar, ser interferente nos dois sentidos, isto é, o miúdo está aquém quando contacta mas, pode perfeitamente emprestar novidade com a continuidade, sendo que só empresta se a inteligência lhe estiver a ser solicitada. Por isso é que eu digo, o processo é de ensino aprendizagem sendo que a aprendizagem é tanto mais rica quanto o tipo de intervenção da parte do ensino for menos congelante, menos castradora. E para não ser castradora é importante ter uma ideia condizente com aquilo que

efectivamente é uma criança, um ser humano, inclusivamente saber que o que há para saber sobre os pés está muito para além daquilo que se julga. Que o jogo não se deve limitar a mandar bolas para a frente e correr e não é absolutamente indispensável chegar à linha e cruzar... Que o jogo é mais rico e coisas bonitas não se podem fazer em todo o lado: o Ronaldinho não faz aquelas coisas à beira da área do Barcelona, mas o Quaresma muitas vezes faz. Este é o sentido das coisas. No entanto, o Quaresma muitas vezes ganha vantagem e depois vem para trás outra vez.

O processo pode emprestar esta capacidade de aferição e de calibração. Só não é mecânica se for não-mecânica e só é não-mecânica se for o indivíduo, no momento, a decidir. No treino você ainda pode “ajudar” mas, no jogo não pode, tem que ser ele. Se ele habitualmente é autónomo, em função de interesses comuns... é por isso é que eu digo *auto-hétero*, isto é, é um processo *auto* mas é *hétero* porque é condicionado aos interesses de um conjunto. Isto não é um paradoxo... Eu costumo dizer que o presente tem vários futuros possíveis e não há 2 jogos iguais, porque há coisas novas sempre e perante isso, tenho que as reequacionar e é o indivíduo que está implicado nisso directamente e não o treinador por ele. Mas ele só é capaz se o contexto de gestão privilegiar isso. Portanto, a característica do processo é essa, do meu ponto de vista. Alguns clubes fazem-no melhor que outros. Hoje em dia, em alguns clubes de formação, se se anotar a verbalização do treinador, 90% das coisas que diz é: “rápido, rápido, rápido...”. Ora, isto é uma castração, porque o “rápido”... Você fez rápido, nem que faça mal, fez rápido fez bem mas, fez mal! ... Não pode ser essa a lógica de entendimento do jogo, esse não pode ser um jogo de qualidade. Não só

não se entende bem a hierarquização funcional em termos de sistema nervoso do indivíduo, como inclusive se tem uma ideia de jogo que é extremamente tacanha.

Em Portugal ouve-se “passa a bola ao ponta de lança e... fica com ela”, e se não fizer isso diz-se que não tem técnica; os Ingleses recebem e põe um metro ao lado... Isto é uma intenção de jogo. Para quem vê de fora, se não recebeu parando aqui e deu para ali “é menos técnico”. Isto tudo faz parte do Modelo de jogo que é qualquer coisa muito difícil de explicar. Eu chamo-lhe, desde há muitos anos, bloqueios psicológicos, ou sócio-psicológicos, ou psico-sociológicos, intrínsecos a cada “modalidade”. Por exemplo, conhecia bem os jogadores brasileiros e uma diferença é que para eles um cruzamento era um tipo de passe diferente, eles tinham que olhar e ver. Eu via a maioria dos treinadores a dizer “não interessa, chega lá cruza que eles depois aparecem” e isso é mecanicidade... Em Portugal diz-se “passe ao primeiro poste”, não é a mesma coisa entender isto ou entender que é à zona do primeiro poste e, se calhar, é por isso que os jogadores metem sempre a bola junto à trave, que é sempre para o guarda redes e se fosse para a zona já a tiravam de lá. Ora, há jogadores que por si só entendem isto mas normalmente, a regra não é assim. É que nós funcionamos um pouco por reflexo condicionado e portanto o processo deve conter desde início, como prática deliberada, a tomada de consciência. Você vê um jogador ultrapassar um adversário em situação de 1x1, entrar na área, a bola bater num defesa e... deixar ir para canto mas, se a apanhasse ele ficava isolado e, ainda assim, deixa-a ir para canto (dizendo que ganhou um canto). Mas perdeu uma possibilidade de ficar isolado para rematar. Isto é absurdo! ... Eu digo que em Portugal joga-se de cor, “dá-se corda à bota”. Há países em que não é assim. Lá está, isso tem a ver com um Entendimento de jogo e vai pesar muito na

instalação do sistema límbico este automatismos culturais, emocionais que depois respondem. É por isso que é tão difícil mudar comportamentos. E nesta vivenciação, quando a sério, a razão calibra-se mas fá-lo sustentada na almofada da emoção e depois isto é importante, passa a ser um sentimento porque se o não fosse... ela desligou-se dele e ele não ficava em baixo e não sei quê... por isso, defender à zona tem que sentir-se que é assim, que não é só ser emotivo, andar atrás deles. Não, é depois reconhecer-se que quando se constituem em sentimentos, constituem-se em princípios de jogo, há uma articulação entre a razão e a emoção. Portanto, isso pode estar de uma forma hierarquizada, não é posto de uma só vez na cabeça dos miúdos, porque eles têm défices circunstâncias, motores, psicológicos, sociológicos, afectivos, tácticos, técnicos e nós temos que ser capazes de... é por isso que é importante, e difícil.

Ainda gosto mais dos primeiros filmes do Ajax, lá está, não aparecia o lado da preocupação dita física e eles já racionalizaram e sistematizaram a complementaridade desse lado que, do meu ponto de vista, só vem prejudicar, quando eles inicialmente tinham muitas preocupações com o que pede a bola. Em Portugal, faz-se ao contrário, logo os próprios médicos, os treinadores, os massagistas querem que os miúdos liguem os pés, que é tirar a hipótese de sensibilidade do próprio pé... Porque nós temos músculos, temos articulações, temos tendões que têm órgãos sensíveis. O músculo não é fundamentalmente uma coisa que produz trabalho, é fundamentalmente um órgão sensitivo, portanto eu tenho que o pôr a sentir e não é “calçar-lhe luvas” para fazer festas... E em Portugal isso faz parte do Modelo de jogo no lato senso.

Ora, se eu entender o jogo desta maneira, posso fazer com que o processo seja relevantemente marcado por conteúdos desse tipo e, na relação com eles, o

jogador entende e se entender, um saber sobre um saber fazer está a acontecer concomitantemente. Portanto essa articulação entre intenções prévias e intenções em acto está-se a fazer. Hoje em dia sabemos pelas neuro ciências que quem age primeiro é o nosso cérebro e só depois a vontade é que intervêm e muito mais para corrigir, portanto actuamos muito mais subconscientemente. Por isso é que eu falo em periodização táctica, e o que é que ela pode fazer mais do que as outras? É que, cedo, o processo tem as 2 vertentes: fazer mas fazer condicionado pelo futuro, ou seja, complementarmente, um saber sobre um saber fazer, é esse que é o futuro.

Para mim só faz sentido a prática deliberada se eu for à procura daquilo que aspiro fazer, de uma maneira ordenada. Falo em princípios de jogo mas também em princípios metodológicos, alicerçados numa lógica determinada, daqui para ali, cada semana ser representada quase sempre da mesma maneira e sem esquecer que uma criança é uma criança, não é um adulto. As preocupações de organização de jogo, no que o jogo tem na totalidade, não faz sentido eu estar preocupado com isso tudo em miúdo, porque é demais para o miúdo. Tenho é que proporcionar, gradativamente, a aproximação a isso. Faz muito sentido eu estar muito preocupado com o miúdo tocar a bola de calcanhar e receber, porque é o plano da diversidade dessa forma de jogar que eu entendo rica, portanto a relevância nas idades mais novas é para esse lado dito mais técnico mas que, para mim, é táctico-técnico porque faz parte de uma ideia que eu tenho de jogo, que é rica em termos de princípios e como tal eles fazem com que seja importante o detalhe, venha com passe de calcanhar, com simulação, isso também é importante. Faz sentido, sei lá, oitenta ou noventa por cento dos

conteúdos terem a ver com isso, em miúdo, e os lados mais globais, o sentido global, dez por cento mas, em graúdo é ao contrário.

Cada vez discordo mais de alguns pontos mas continuo a ser Ajax-dependente porque, para eles, o futebol é uma cultura e, como cultura, tem a ver com o mais íntimo de nós mesmos. Deve-se começar a vivenciar o mais cedo possível e ter uma racionalização disso e portanto, ter um entendimento daquilo que é o indivíduo em crescimento muito aproximado do que deve ser, mesclando isso. Do meu ponto de vista, negativamente de há uns anos a esta parte, os conteúdos ditos da preparação física estão lá. Costumo dizer que eles são os mais avançados no dito treino integrado porque continuam a considerar que é indispensável numa primeira fase cuidar da resistência, fazem-no tanto quanto possível em situações de jogo mas, o objectivo é esse, serem mais resistentes. Ora, penso que não é necessário isso nem é o mais conveniente e este é o senão que eu lhes aponto, mas que eles contemplam em termos de conteúdo, em termos do Entendimento do que é o indivíduo que se não passar primeiro por um desenvolvimento de resistência, não pode passar por um desenvolvimento de força e de velocidade... E está a ver que eles até lhes dão uns nomes mais pomposos "continuado extensivo, continuado intensivo", que é a mesma coisa, a lógica é a mesma. Ora, não só o Maradona não passou por isso, o Ronaldinho não passou por isso... Com o futebol de rua não passaram por isso. Passaram sim pelo jogar, que é sempre aproximado ao último estádio e portanto o processo pode ser construído em função desta lógica. O processo eles têm-no e têm os dividendos disso pois todos os anos comprovam a eficácia do que fazem.

Para sintetizar é importante uma Concepção de jogo, mais do que isso, uma concepção, uma identificação com um Modelo de jogo, que é mais amplo,

tem a ver com a Cultura de um povo. Repare, falei-lhe há pouco no inconsciente, eu posso querer estar a inculcar uma série de coisas que o que o inconsciente lá tem é contrário ao que eu quero, por exemplo, para um jogador brasileiro o driblar é o importante mas eu quero que ele jogue em passe... Ora, há uma conflitualidade e ... cedo, é capaz de se superar, tarde já tenho as minhas dúvidas. Portanto, é fundamental essa Concepção, esse Modelo, isto é, fazer um rastreio bom do sítio onde se está. Dou-lhe um exemplo, o Co Adriance, que não identificou a nossa realidade e pensou que poderia funcionar por geração espontânea... Ou seja, mais importante é a objectivação dos princípios do jogar que eu pretendo e depois, se calhar ainda mais difícil, é a distribuição hierarquizada da sua aquisição. Como é que eu faço isso? Através da selecção de conteúdos que têm a ver com os princípios e... colocando os miúdos a vivenciar isso, e isso impõem outros cuidados, como sejam os tempos de treino, o modo como treino e o que é que um individuo em crescimento e em desenvolvimento. É o que eu tenho que salvaguardar. Daí eu dizer “fazer redacções” e não “fazer ditados”.

É evidente que à partida não são todos iguais, geneticamente são diferentes mas o processo, feito deste modo, faz desaguar, no final uma percentagem muito mais significativa de gente de Top. É por isso que eu dou o exemplo do Ajax.

Filipa Dias: num dos seus livros, Valdano refere-se por exemplo a Di Stéfano, Pele, Cruyff e Maradona como “milagres genéticos” e a Zidane como fruto de todo um processo de formação, fazendo referência à capacidade de inteligência superior deste. Como interpreta o que Valdano diz?

Professor Vítor Frade: Pode o Zidane ter enfrentado uma sistematização mais ordenada pois em França, já em 1969 eles tinham uma grande preocupação com centros de formação, muito influenciados pelos países de leste, e portanto ordenaram essa formação, podendo o Zidane ter beneficiado desses centros de formação, embora tenha também muitas horas de futebol de rua, podendo, no entanto, o seu processo ser diferente do do Cruyff ou do do Pele. Mas não se pode dizer que estes não eram brutalmente inteligentes a jogar. Pode ser daquilo que, organicamente, naturalmente foi surgindo a cada um deles: o Cruyff num boom de importância de viragem do futebol, que começa, grosso modo, com o Rinus Michel, começando a interpretar o futebol de outra maneira, com a riqueza da qualidade. Um pouco como o Mourinho que foi treinador muito cedo, quando com 5 aos já ia com o pai para o treino. Lá está, eu costumo contraditar “especialização precoce” vs. “especificidade precoce”, ou seja, o Mourinho caiu cedo na “especificidade precoce”, como provavelmente também aconteceu com o Cruyff na qualidade do bom futebol holandês e com o Pele porque o Brasil é o Brasil.

Filipa Dias: *o professor já falou da importância do futebol de rua. Também muitos jogadores lhe fazem várias referências. Mas, actualmente, o futebol de rua tem vindo a “desaparecer”. Será que as escolas de formação dos clubes conseguem ocupar esse lugar ou ... estará de algum modo em causa a formação em futebol, uma formação de qualidade, que potencie jogadores também de qualidade, de Top?*

Professor Vítor Frade: Acho que o futebol de rua tinha a riqueza que a generalidade das escolas de formação nunca têm porque, para orientar bem o processo é preciso entender o processo como eu lhe disse e normalmente, não

só quem está nesses processos não entende, pese embora as boas intenções que possa ter, para além de que muitas delas possam ser para caçar dinheiro aos miúdos que vão para lá. Por isso, é mais um negócio que outra coisa.

Mas depois é como se entende o jogo e como se entendem as crianças. Portanto, o futebol de rua, mesmo não sendo uma coisa sistematizada, aquilo que ele continha era uma coisa fantástica que era indivíduos mais velhos e mais novos, a aprendizagem era por imitação do mais velho, a necessidade de estar com um olho no burro e o outro no cigano porque a policia podia vir, essa confrontalidade... porque perder e ganhar não era a mesma coisa, ficar de fora levava a choro... estão onze, jogam 5x6, inventa-se, é este o espaço joga-se de outra maneira mas, a sério... ou seja, a emoção foi sempre a almofada do que se fez. O que fazem muitas das vezes actualmente é colocar dez miúdos numa fila para fazer um remate à baliza! ... Isso não é nada. O lado da natureza do jogar tira-se muito mais facilmente ali, no futebol de rua não, Enfatiza-se uma lógica. Os brasileiros, são um bom exemplo, pois quase todas as escolas de formação têm fechado porque, era porreiro se, por exemplo, o Zico abriu uma escola mas ser ele a estar lá, mas não é... Depois, começa a ir muita gente, porque é do Zico. É maior a probabilidade de indivíduos ignorantes estarem à frente e... Não é daí que têm saído muitos jogadores.

Acredito muito pouco nas escolas de formação, uma ou outra poderá ser melhor mas... faz-me lembrar quando começaram a aparecer os ginásios, como era para ganhar dinheiro, interessava que o professor que fosse para lá não quisesse ganhar muito. Se viessem buscar um licenciado que, à partida, saberia mais qualquer coisa, teriam que lhe pagar mais, então ... as escolas de formação estão a ficar assim... são marcadamente um comércio, qualquer dia uma

indústria, mas é uma realidade!... Para além de outras motivações que começam a aparecer desde muito cedo e que são inclusivamente pré programadas para se tornarem necessidades, como por exemplo, os vídeos games, a publicidade e essas coisas todas que fazem isso regularmente...

Repare, eu estava no Porto e achava piada, porque eles diziam “prof. tem que ser assim, eles têm que trazer sapatilhas e calções”, e não percebiam que não havia lá miúdos da Areosa nem da Sé, porquê? Porque eles não tinham sapatilhas nem para andar calçados!... Como é que eles iriam para lá se não tinham hipóteses?! ... Quem pensa assim não pode ter um bom Modelo de Jogo, não tem comprimento de onda cultural do que é isto e, as escolas estão assim... Muitos emprestam o nome à escola e alguns a escola é deles mas não estão lá, é o caso do Domingos.

Eu quando cheguei ao Porto como responsável por toda a formação, quase todos os escalões de formação tinham indivíduos licenciados em Educação Física e eu deitei as mãos à cabeça com o que eles privilegiavam junto dos miúdos... fazer pliometria, com pisos de cimento, quando os miúdos precisavam era de jogar à bola. E depois, se os deixassem, queriam lá os miúdos todos os dias, a subir escadas e... Por isso, que adianta estar num clube como aquele se o que lhe oferecem não tem afinidade nenhuma com o tutano do núcleo duro do futebol de rua. O futebol de rua é jogar. O que podemos fazer é, sendo isso dominante, ordená-lo de forma diversa e fazer estabelecer uma relação mais profícua dos miúdos com cada momento, com cada situação porque se entendermos o jogo para além das limitações que eles têm em termos do Entendimentos do jogo e em relação àquilo que nós sabemos. Eles estão em crescimento e em desenvolvimento, necessitam de... mas, nunca sendo nós os protagonistas e sim

eles. Infelizmente, penso que o futebol tende a acabar e se calhar o que se afirma é o futsal... mas já não é a mesma coisa! ... Você vê Portugal, eu sei que os bilhetes são caros mas... quem tomou conta disto, os seus objectivos não são relacionados ao jogo pois eles têm do jogo uma ideia de... é ter jogos à sexta, ao Sábado, ao Domingo, à segunda... Por isso é que eu dizia que o futebol é um fenómeno *macro social total*.

Digo várias vezes, tenho 61 anos mas se tivesse 30 neste momento, provavelmente, não seria o maluco do futebol que sou, e sou porquê? Porque conheci o outro Futebol e é essa angústia existencial, essa carência, que me faz, como ao ver o jogo do Barcelona, e é um Real Madrid-Barcelona, não é o Barcelona contra o Senhora da Hora, e aparecer um Ronaldinho a jogar assim... dou pulos na cadeira. Hoje em dia, esta racionalização maldita, esta lógica castradora que eu chamo lofilizadora ou esterilizadora do jogo. Você vai ver jogos de miúdos, eles nem sabem cair, porque nunca andaram atrás dos eléctricos, nem andaram às pinhas... vê um jogo de iniciados, que deveria ser um jogo de aldrabões, de enganadores, de simulacro e não vê ninguém fazer uma simulação é só “rápido, rápido, rápido”. Fazerem as “operações altura”, virem buscar os maiores para ganharem mais rápido, porque naquelas idades mesmo um indivíduo que pegue bem na bola leva um infesto e pronto...

Um dos problemas portugueses também é a arbitragem. Por exemplo, o Jorge Coroado é um dos árbitros de quem tenho mais saudades pois embora digam que ele era muito rigoroso parece-me que ele entende o jogo, sabe o que é o jogo, coisa que actualmente não acontece... hoje o árbitro não precisa de entender o jogo, basta ser um polícia dos jogadores...

Tenho muita dificuldade em ver um jogo só como espectador. Se for ao vivo dificilmente isso acontece mas noto que cada vez mais na televisão tendo a ver como espectador, porque é tão foleiro, tão foleiro... a televisão por si só também mutila e depois os jogos são tão fracos que eu estou como espectador e passado um bocado “desligo”... Estamos a ver um jogo com porcarias em cima, os comentadores só a dizerem asneiras e o Jogo não tem nada de Jogo... É o simulacro no sentido negativo! ... Nesses casos não vejo, desligo, porque tenho um determinado Entendimento de jogo e como não condiz...

Acho que é de que precisa, um qualquer processo de acção deliberada que tem de ser uma acção deliberada para uma cultura, uma realidade que se identifique, que se delimite. O futebol pode ser isso mas depois disso, tem que ser distribuído no tempo, tem que ser racionalizado, hierarquizado. O simples facto de eu entender o jogo de uma determinada maneira pode fazer com que eu ache imprescindível começar pelos aspectos de organização defensiva em detrimento dos ofensivos ou ao contrário, mas isto depois é muito complicado, e é cada vez mais fundamental que a gente entenda o que é o individuo, o miúdo, um individuo em crescimento e o jogo. Quando você tem um bebé que não anda, e as avós congratulam-se muito com isso, quando a um miudinho que ainda não anda, põem-lhe as solas dos pés, carregam-lhe e dizem que ele já anda. Mas isso é um erro porque se calhar é melhor gatinhar primeiro. Ora, eles têm défices, mas esses défices desaparecem tanto mais rapidamente quanto mais rápido esse lado estiver em relação com qualquer coisa que permita fazer esse lado actuar. Mas não pode ser areia a mais para a camioneta deles, porque são miúdos.

O processo, no essencial, é isto. Tendo isto, são muito pouco relevantes as condições hereditárias. Hoje em dia há clubes na Argentina que começam com os

miúdos aos 3 anos a jogar. É evidente que não jogam do mesmo modo mas, o problema agora se calhar é que antigamente a primeira prenda, a segunda, a terceira, a quarta e a quinta era uma bola, os putos saíam à rua e viam gente a jogar à bola, e agora... nem há prenda nem há bola, e depois há outras solicitações e se descem à rua não jogam à bola, então o contexto não é o mesmo. Porque quem começa com uma bola aos 2 anos, quando chega aos 10 não se lembra que começou aos 2, até pensa que já nasceu com a bola mas não foi...

Filipa Dias: considera que a idade com que alguém se inicia numa modalidade desportiva é um factor determinante para o nível de desempenho que pode alcançar após longos anos de experiência nessa área?

Professor Vítor Frade: Acho que sim. Temos exemplos frequentíssimos disso. Você lembra-se daquele programa “Bravo Bravíssimo”, aí viam-se pianistas ou outros que começavam muito cedo, por volta dos 2 anos... Por isso, para o futebol é a mesma coisa e, antigamente, no futebol de rua era isso que se proporcionava. É evidente que nem toda a gente evolui do mesmo modo mas... toda a gente tem a possibilidade de jogar a bola.

O Ajax cuida da escola, da saúde deles, da relação social, levando-os inclusivamente a ter uma relação de proximidade com os jogadores da primeira equipa, semanalmente estão com eles em casa deles, vêm jogos com eles. Ora, é esta ideia que falta e que é mais difícil de ter.

Filipa Dias: mas, é de alguma forma possível quantificar essa experiência, esses anos de prática?

Professor Vítor Frade: Há aí umas monografias iniciais, feitas com jogadores internacionais e, todos sem excepção, enfatizavam o jogo de rua e diziam que era preciso os pais ir lá bater-lhes porque jogavam horas e horas e horas. Ora, quando começamos a andar demoramos muito tempo. Antropologicamente, a emancipação das pernas e da bacia é no sentido de nos deslocarmos e termos apoio e o que o futebol pede é o contrário disto, é deslocar-se mas a correr, a saltar, estar em apoio mas, em apoio num pé e em complemento dirigir bem as bolas, trabalho esse que seria mais para as mãos. Ora, estas características essenciais que a natureza de jogar tem são contra-natura, são contra antropologicamente, portanto é preciso investir cedo nisso, não tenho dúvidas, e nessas idades, quanto mais tempo melhor. Não há problema nenhum, desde que isso não vá fazer com que as crianças não façam as outras coisas normais. Agora, não há problema se a actividade dominante for o futebol, mas o futebol neste sentido diversificado como eu entendo que deve ser nessa altura... posso jogar futebol de muitas maneiras, até com 2 bolas, ou sendo os golos marcados só se a bola vier no ar, ou jogando períodos em que não posso levantar o rabo do chão mas, isso tem que buscar variedade, não é absolutamente indispensável que faça outras actividades para que a variedade fique contemplada.

Filipa Dias: *quando se questionam os jogadores sobre o que acham mais importante, se a quantidade ou a qualidade do processo ao qual foram submetidos, eles tendem a referir a qualidade, embora depois não saibam explicar muito bem o que isso significa. Considera que qualidade e quantidade são igualmente importantes para o sucesso na modalidade?*

Professor Vítor Frade: A quantidade é uma necessidade se for a quantidade da qualidade. E a qualidade só é qualidade se respeitar isso que lhe estive a dizer à pouco, isto é, uma identificação com uma realidade, e portanto ter a ver sempre com essa Especificidade e salvaguardar aquilo que as crianças são em determinado momento e o nível de participação que têm que ter para evoluir como pessoas, sem que o façam à revelia das obrigações dos compromissos que têm com os outros. É por isso que eu digo que ela é muito mais qualidade tendo em conta o que é essencial do jogar, a rebeldia que há que ter. A qualidade, de algum modo, não está toda mas está sempre mais no futebol de rua que nestes outros processos das escolas, que tiram estas 2 coisas, estilham o jogo mas não em jogo menos complexo, antes em coisas que dizem que é do jogo e a criança deixa de ter a necessidade de ser rebelde, no sentido de explorar.

Repare, o futebol só é isto se a relação de quem está a jogar com o jogar promover isso, portanto, não há uma coisa sem outra. O futebol bonito do Ronaldinho, mas o Ronaldinho estava lá e, para alguém poder, tem que passar por um processo que se relacione deste modo e depois fazer com que saia em termos de espontaneidade. Portanto, a qualidade é isso, é a natureza dos conteúdos ter a ver com o jogar, e com o jogar que se identifique e não com um jogar qualquer. Do meu ponto de vista só é qualidade isso.

O leste encharcou-nos com os planos perspectiva de preparar gente para os Jogos Olímpicos a quatro, oito ou doze anos mas, tinham que fazer um trabalho com cargas mais assim ou assado e para eles a qualidade estava incorporada nisso. Daí ter-lhe dito à pouco que, a partir dos anos oitenta o Ajax começou a privilegiar mais isto e começou a perder a qualidade que tinha até então, do meu ponto de vista. Portanto, a qualidade não é uma medida abstracta.

É uma medida que emana de um critério utilizado que tem a ver com a eleição de um certo tipo de jogar e com aquilo que necessariamente, hoje em dia, é perfeitamente possível entender como o que é um indivíduo em crescimento, por isso é que lhe falei à pouco das neuro ciências.

Quando Damásio fala dos marcadores somáticos, o que ele quer dizer é que o primado está no corpo. Nós só sistematizamos a informação boa ou má, em função de a vivenciarmos e ela armazena-se, constitui-se como imagem ou padrão neural e depois sai rapidamente, que é a capacidade de antecipação, ou como se diz na gíria, a equipa age e faz a outra reagir, faz com que o contexto seja, mas o contexto é, resultante da minha equipa se relacionar, não é estar a ver o filme a passar. Eu é que crio o jogo, ele é resultante da dinâmica que eu provoco. Ora a qualidade tem a ver com o entender isto. Repare, “ai, a concentração, como uma capacidade psicológica, é treinável”. Não, não... Você vai ao *Dalai Lama*, que faz meditação transcendental e tente logo à noite deitar-se e não pensar em nada e veja o quão difícil é. Isso tem ondas de um determinado tipo que são diferentes. Mas o *Dalai Lama* não consegue estar concentrado num jogo de futebol, porque não é o contexto dele, ele está é desconcentrado, porque ele não o equaciona. Ou seja, a sub dimensão psicológica tem uma sub-sub-dimensão, que é a concentração, que é treinável em função da necessidade táctica de jogar de determinada forma para a qual é preciso estar concentrado. Portanto a qualidade emana daqui.

É esta a grande diferença entre a Periodização Táctica e o resto. Isto não implica que eu diga que só se deve pensar no jogar de uma determinada maneira, não. Agora, eu penso desta maneira, você pensa dessa, esta especificidade do jogar comanda os conteúdos que você elege, esta outra especificidade do meu

jogar comanda os conteúdos que eu elejo. Se você concorda comigo que a lógica metodológica é a mesma, então estamos ambos na periodização tática, independentemente de estarmos preocupados com formas de jogar diversas. O professor Paulo Cunha e Silva dizia que uma Faculdade de Desporto não podia falar em Anatomia mas em Anatomias dos desportos... Ora cada forma de jogar tem anatomias diversas, porque a implicação específica é diversa uma vez que, embora estejam lá o ombro e o perónio, as relações dos abdominais com a bacia ou com o tronco, jogando futebol, não são as mesmas que jogando andebol ou basquetebol. E isto, contrariamente ao que se pensa, é muito mais difícil que o contrario.

Portanto, a qualidade, do meu ponto de vista, tem que se “desabstratizar”, não há qualidade abstracta, há uma qualidade em função de uma configuração que eu quero alcançar, privilegiar e, para isso tenho que saber duas coisas fundamentais: o que caracteriza essa realidade que quero verificar, que quero ver aparecer mas, essa realidade só aparece se tiver indivíduos a provocá-la, a realizá-la portanto, também temos que saber o que são os indivíduos.

Filipa Dias: será então redutor pensar-se ou dizer-se que um jogador será melhor quantas mais horas de treino/jogo acumular, da infância até ao alto nível?

Professor Vítor Frade: Acho que isso é um absurdo, porque, repare, um jogador quando chega a Top tem uma infinidade de horas de vivenciação de futebol, portanto aí, contrariamente ao que se pensa, não é necessário treinar muito. Por exemplo, o Mourinho nunca treinava mais de hora ou hora e meia e uma vez por dia. Agora, nas situações iniciais, até porque o grau de exigência não se põe em termos de exposição competitiva, é aprendizagem, não se deve ficar

por aí pela hora e meia. Se forem duas ou quatro, tanto melhor. Agora, o que me parece é que não é absolutamente indispensável expor-se os miúdos com o futebol mais de três vezes por semana e se eu puser como dominante a bola nas situações, hora e meia, no máximo duas horas para cada vez, dado que aqueles lados ditos mais analíticos do contacto com a bola devem estar muito presentes, e portanto o tempo deve crescer por isso mas, se a bola for uma constante. Agora, por exemplo em relação ao “aquecimento”, costumo brincar dizendo que nunca soube de nenhum indivíduo que fosse apanhado a roubar pela polícia e que aquecesse primeiro para depois fugir, ou seja, o aquecimento é fundamentalmente como prevenção, à posteriori... Posso fazer uma introdução à actividade mas com a bola e com coisas que tenham a ver com isso. Mas, vejo estarem meia hora com os miúdos em “estica, encolhe...” e isso é tudo desperdício. Tenho experiência disso, isto é, estar com os jogadores ao intervalo fazendo um meínho na eventualidade de estarem mais aptos para puderem entrar em caso de necessidade e, de repente, um indivíduo que ia entrar, porque outro se magoou, que estava no aquecimento comigo, “Prof., posso aquecer?!...”. Portanto, para eles aquecer tem que passar por esse ritual e quando estas coisas estão na cabeça das pessoas também são uma coisa, ou seja, quando um indivíduo tem na cabeça que jogar é isso, jogar também é isso e se é contrário ao meu jogar, tem que se desmontar, é uma espécie de tique e desmonta-se fundamentalmente no entendimento da não validade disso em função de outra coisa maior.

As horas, o futebol é como as outras actividades, eu digo que é fácil aprender mas só é fácil se os miúdos andarem na rua horas a fio a jogar a bola e em contacto com a bola. Ora, isso pode transportar-se para o jogo, agora o que

não implica um grau de exigência significativo o miúdo estar a brincar com a bola, em termos de desgaste. Por isso é que eu lhe falava que o critério não é o critério de Top, ou seja, a dimensão táctica nessas idades está um bocado ao “relanti” porque não é necessário vivenciar com o máximo de dinamismo para que determinada coisa se realize uma vez que é fundamental que a familiarização com um determinado objecto de faça até de modo a solicitar coisas que a gente sabe muitas vezes no futebol não se usam. Eu acho relevante que aos miúdos se diga “toca a bola no ar e vê se lhe acertas com as costas ou com o rabo”, porque temos, em termos filogenéticos, menor representatividade sensorial nessas zonas. Ora, eu posso é mais cedo fazê-lo treinar... ele está ali a tentar mas não acerta com as costas, isso não é desvantagem nenhuma e em termos de desgaste não conta absolutamente nada pois posso estar 3 horas, se tiver possibilidade, com essas preocupações sem isso ser lesivo para a criança, sabendo que quaisquer meia hora ou uma hora intensa é mais do que suficiente para os miúdos. Mas, é evidente que o número de horas, a quantidade de tempo que nos liga a qualquer coisa é uma condição fundamental e, se essa relação tiver um critério de qualidade... óptimo.

O Mourinho diz que uma das maiores mentiras do futebol é dizer-se que é preciso uma ou duas épocas para formar uma equipa pois a sua “fez-se” em três meses e vieram jogadores novos. Primeiro ele entende o treino de outra maneira, entende o jogo mas, o grande problema dos outros é pensarem que só se chega aí passando por fases que não têm nada a ver com o jogar. Ora, isso, do meu ponto de vista, constitui-se como um empecilho. É a mesma coisa que a gente gravar uma cassete com música pimba como indispensável para depois tocar Beethoven... Vamos tocar Beethoven e ouve-se um som de fundo, esquisito. Ora,

o Ajax solicita que eles levem a bola para casa, agora o que é fundamental também é que o miúdo estude, se calhar brinque, se calhar com a bola, que invente, não há problema absolutamente nenhum... Qual é o problema em dar-se meia dúzia de balões aos miúdos e dizer “toma lá, joga futebol em casa com os balões”, até nem partem nada e andam lá a inventar, e dá tempo para dar de calcanhar e, tudo isto é ganho, é ganho relacional do corpo com o envolvimento, não é desperdício.

Vejo que hoje os miúdos nem sabem cair, porque entretanto a gente sabe que o envolvimento é outro, nós caíamos muitas vezes sem querer, não era de propósito. Repare, no tempo do Maradona no Nápoles, via-se todos a aquecer de modo tradicional e ele a aquecer, feito “maluquinho”, caía para um lado e para o outro, antecipando o que eventualmente ia suceder e ele fazia isso, não entrava nos outros. Permitiam-lhe porque era o Maradona mas, eu pergunto: porque é que os outros também não faziam? Isto prova que ele era um jogador inteligente.

Há clubes, concretamente no México e na Argentina que começam aos quatro anos ou até antes com os miúdos. Têm tempo, duas ou três horas por dia e isso associado ao resto das actividades que os miúdos têm que fazer. Mas nesse tempo estão exclusivamente em contacto com a bola. Agora, como eles ordenam, a ideia que têm de futebol, isso já não sei. Se a ideia que eles têm de miúdo é a que eu tenho e que acho ser a que se deve ter, isso já não sei. Mas acreditemos que não seja absolutamente indispensável que sejam universitários para não serem burros. Muitas das vezes quem é universitário tem mais possibilidade de receber uma hipótese de hierarquização e de sistematização que não é nada condizente. Imagine que esse indivíduo tem a ideia de que é o futebol táctico-físico, com certeza os conteúdos aí são diferentes e o que ele pensa sobre

o que é o indivíduo, não tem nada a ver com aquilo que deve ser, provavelmente a qualidade dele é outra. Portanto, antes da qualidade temos que definir o contexto de validação da medida, é este que é importante, porque ele é verificável em função de conteúdos que se apresentem e de uma relação dinâmica de gente com esses conteúdos. Em função do que eu penso disto e daquilo é que me é permitido categorizar a qualidade.

Filipa Dias: Até que ponto a qualidade da prática está associada a um bom treinador?

Professor Vítor Frade: Tem que estar necessariamente, a qualidade e a falta de qualidade. Digo que há treinadores e treinadores. Dou-lhe o exemplo de um treinador em que eu sugeria determinados conteúdos para os treinos e ele dizia-me “Prof. isso não, não quero que vá até aqui porque senão depois balançam-me com o contra ataque...” e eu dizia “mas e então, a equipa acaba aqui, e o resto?!”. Está a ver e, era treinador e foi campeão.

Filipa Dias: Mas, quais as características mais marcantes de um treinador, na formação e no alto nível?

Professor Vítor Frade: Comecei no futebol sénior pelo Boavista, durante 6 anos e depois fui convidado para pegar na formação toda do Porto. Resultante de como eu era, convidaram-me para sair da formação, para ir para os seniores e é óbvio que eu na formação ganhava uma coisa e nos seniores ganhava outra... Agora, seria importantíssimo que as pessoas tivessem alguma qualidade sobretudo na formação. Volto a salientar, o que o Ajax faz, e não me identifico a cem por cento com o clube do Ajax mas o que eles fazem é aquilo a que eu chamo “*periodização à la longe*”, é fomentar a existência de uma cultura

desportiva mas, dentro do futebol, que proporciona mais facilmente o aparecimento de percentagens significativas de indivíduos para Top.

Na formação, no processo inteiro, o importante é o plano e o plano é de alguém que está para além de um treinador. Eu trabalhei com o Ivic um ano e ele foi treinador do Ajax 2 anos. Ele tinha uma ideia de jogo que não era condizente com a ideia de como o Ajax jogava mas sujeitou-se. Eles convidaram-no para um determinado perfil mas ele teve que se sujeitar ao padrão e ao perfil de jogo do Ajax, mesmo estando em discordância mas, se não respeitasse, mandavam-no embora. Ficou e foi campeão. Ou seja, para o processo ter uma caracterização, um perfil, não é o treinador, é o clube, que é uma empresa que quer que se jogue assim, que tem valores, uma axiologia, uma caracterização e um perfil qualquer, que é extensivo a todas as equipas. O treinador é de facto importante para não desvirtuar o processo, para dar continuidade ao que se pretende. Mas, é o treinador, para o bem e para o mal, o responsável, porque é ele que treina, é ele que liga o processo, que pára o processo, que intervêm, que faz com que o que domine no processo sejam estes conteúdos e estas preocupações. Veja o Valdano, foi convidado para o Real Madrid para ser director desportivo, para tipificar o futebol mas depois o que se passava, a lógica do clube não permitia e, de facto, havia enviesamentos de todo o tipo, porque quem treinava, por isto ou por aquilo, autonomizava-se ao ponto de conflitualizar e o Valdano foi embora. E havia, no papel, tudo limpo e tudo bem mas, o fundamental é a operacionalização, mesmo que para dizer como se deve operacionalizar possam contribuir, mesmo só no que diz respeito a uma equipa, os elementos da equipa técnica e o treinador depois, o importante é a operacionalização, em concreto, e isso tem que ser o treinador a provocá-la. Por isso, se ele estiver um pouco deslocado com

certeza que vai fazer com que aquilo não se adequê. Portanto, o treinador é a chave.

Filipa Dias: Mas, não destaca diferenças significativas nos treinadores, na infância e no alto nível?

Professor Vítor Frade: A personalidade e o carácter dos jogadores nos estados mais avançados está já mais pronta, digamos assim. A percentualidade de contemplação dos conteúdos é que deve ser diversa, portanto, como disse, a Top, estou preocupado com conteúdos que têm muito mais a ver com aquilo que é a organização de jogo do que com os “enfeites” da organização. Ora, o contrário é verdadeiro para os mais miúdos. Por outro lado, aquilo que é um miúdo, dado que está em fabricação, é fundamental que, por intuição, por isto ou por aquilo, eu saiba o que é um miúdo. O peso, a interferência negativa que eu posso ter é se calhar muito grande. Digamos assim, eu quase que posso não perdoar a qualquer indivíduo como graúdo porque é perfeitamente reconhecível que regras são regras e são para se respeitar, se foi... acabou. Ora isso, para miúdo não pode ser assim, tenho que ter muito mais paciência. Os aspectos do jogar com que eu tenho que estar marcadamente preocupado em adulto não são os aspectos com que tenho que estar preocupado quando um miúdo tem 10 anos, embora seja o mesmo jogar. Portanto, são esses aspectos que me levam a poder dizer que, um treinador de Top, sabendo o que o futebol é, entendendo bem o que é o jogo, se não souber a diferença entre um adulto e um miúdo, pode não ser um treinador nos escalões de formação. Talvez o contrario seja mais verdadeiro porque eu, embora privilegiando o lado menos macro, pelo menos nos estados primeiros de formação, estou a fazê-lo em articulação com um futebol, também macro, que eu também devo dominar e, nesse sentido permite-me estar mais ou menos bem

identificado com o que é necessário para Top mas tenho a vantagem de entender o que é o miúdo e mais facilmente entender como é o graúdo. Mas também posso não ser um bom treinador de Top, porque isto não se esgota aqui: tenho o peso da televisão, a obrigação de ganhar todos os dias, não sei quantos espectadores... Estas coisas são singulares de modo diverso e em estádios diversos.

Mais uma achega para a contextualização da qualidade. O Mourinho começou há quatro ou cinco anos e, ganha uma vez, duas, três, quatro, cinco, provavelmente não põe dúvidas agora, se tivesse ganho só uma vez... provavelmente, “vamos ver!”. O facto de ele poder ganhar cinco e não ganhar a sexta não quer dizer que não seja bom porque estas coisas... ganhar é só um, o segundo já não ganha... Mais do que fazer afirmações, é trazer à tona a complexidade da problemática, entende-la e nestas circunstâncias, são milhentos os momentos em que a decisão que tomamos é uma mas podíamos ter tomado mais algumas. Às vezes “se tivesse tomado outra”. Não, já foi aquela. Pode é, alguns dias depois, a configuração ser aproximada e isso levar-me a já não tomar uma mais parecida à que tomei e tomar outra mas, posso também enganar-me.

Em regra, os jovens são jovens mas não são todos iguais, como os graúdos também não são todos iguais. Uma das coisas que o Mourinho referiu quando chegou a Inglaterra é que a grande diferença destes jogadores é que “é assim, faz-se”, enquanto aqui! ... No entanto, eles querem saber porque se faz, querem ser elucidados, não para ripostar e isso, se calhar, culturalmente já é um ganho. Em Portugal, “isso é com o treinador, eu só tenho que jogar”, como se o lado colectivo não fosse importante.

Eu tenho muito medo das generalizações, até desta que estou a fazer, porque, como na vida, estas coisas do treino, cada treinabilidade, cada operacionalização é uma história. Agora, sendo histórias diferentes, as do Mourinho, a partir do momento em que se alicerçam nos mesmos pilares fundamentais, passam a cumprir um princípio de cientificidade, são repetíveis. O que continua a dirigir é o jogo, portanto o mesmo pressuposto, a mesma lógica de treinamento. Ou seja, em condições diversas, com pessoas diversas, respeitando as mesmas coisas, obter os mesmos resultados, é o que a ciência diz – repetitividade... é o experimental!

Costumo dizer que o jogo de qualidade tem demasiado jogo, tem demasiado disto do inopinado, das particularidades para ser medível na lógica científica convencional... Sei lá se o Ronaldinho ia dar de calcanhar mas deu, com eficiência!. A diversidade é tal que não é quantificável, não pode ser e ainda bem que é assim porque a riqueza do jogo cresce por este lado dito técnico, portanto eu digo que a qualidade de jogo tem demasiado disto para ser “ciência” mas, por outro lado, é demasiado científicável, que é o suporte, o contexto disto (os princípios de jogo) para ser só isto. Porque o que é científicável são os grandes princípios de jogo, porque os grandes princípios, os subprincípios são de qualidade, proporcionam os subprincípios dos subprincípios e esses resultam da manifestação que vamos verificando das efectivas características dos jogadores, ou advém da relação e da confrontação permanente que se tem com os adversários. É isso mas, é esse lado aberto, esse é que é o lado aberto que em termos cibernéticos eu designo regularmente por comando exterior ao sistema regulado, ou seja, é qualquer coisa da relação que, face à dinâmica, eu não controlo completamente – se for você a passar a bola para eu rematar, eu não

controlo totalmente porque eu não sei o que vai fazer pois pode pôr mais curto, mais longo ou não sei quê mais, se for eu a pôr eu domino, ou então se for você e fizer sempre da mesma maneira. Portanto, em termos cibernéticos estas coisas chamam-se um regulador, ou um servo mecanismo, colocando na realidade ou no sistema níveis de organização articulados entre si. Ora, o jogo é isso, tem níveis de organização defensivos, de ataque, de um lado para o outro, articulados entre si, mas eu não sei quando vou perder a bola, eu não quero perder mas perdi...

Esta coisa da qualidade é fundamentalmente dependente de como eu entendo as coisas mais relevantes e protagonistas do processo que são: os conteúdos de jogo, do jogar, que se constituem como uma aspiração mas realizável nos seus contornos, porque eu costumo dizer que o Modelo de jogo é qualquer coisa que não existe em lado nenhum, todavia anda-se à procura dele na intenção de o encontrar, porque ele não está, agora a configuração está... Também costumo dizer que não há nada que interfira mais no futuro que o próprio futuro. Se tenho uma ideia de jogo de qualidade, é evidente que o futuro não está mas, esta ideia de qualidade que condiciona o evoluir para esta qualidade vai condicionar o futuro, não exactamente nos seus traços totais assim ou assado porque isso não sei, nas particularidades. O Carvalho entende o jogo de forma diferente do Mourinho mas, como é o jogo que condiciona os conteúdos e depois o modo metodológico é o mesmo, estão ambos na periodização táctica, mas são diferentes. Isto é assim para o mais restrito, para a periodização a curto prazo, tal e qual para a periodização a longo prazo. Tenho que criar uma cultura e uma cultura quando o é, tem a ver com uma postura, não é uma “im-postura”. E, para ser uma postura tem que ter tempo, tenho que me emocionar por certas coisas

mas para depois ser racional na cultura, tenho que dominar o ter sentimentos e depois dominá-los em função... do meu ponto de vista, o futebol é isso.

Filipa Dias: Tal como a quantidade, os jogadores também referem frequentemente a concentração como um aspecto importante...

Professor Vítor Frade: Mas eles não são capazes de dizer que estão concentrados em função de estarem motivados e, estão motivados em função da satisfação que aquilo lhes dá. O Mourinho disse na entrevista que deu à *Sport TV* que é um erro dizer-se que em Portugal o jogador não gosta de treinar, pois eles não gostam é de treinar mal. Aliás, a espaços eles dizem “tem bola, nem custa tanto...”. Portanto, a lógica de vida do jogador é pragmática, é através do fazer que eles têm uma capacidade de expressão motora significativa mas pode não ser condizente com a expressão verbal, por exemplo, dá gosto ouvir um jogador espanhol falar, ou até um brasileiro, já um português! ... Refugiam-se depois “é cultural...”. Mas isso não é sintoma de insuficiência, de ignorância, da capacidade de expressão no jogo. Mesmo em termos de hominização, a linguagem é secundária em relação às outras capacidades de expressão que são primeiras na nossa espécie. O Damásio fala disso muito bem. É secundariante, é qualquer coisa de importante já para a consciência mais alargada. Ou seja, como a lógica de apreensão de vida do jogador é pragmática, é a dos exercícios, a linguagem dele é essa, esta aqui (boca) é um engano, porque ele fixa “bem, o que é correcto ou o que é que eu hei-de dizer para não me comprometer”.

O caso do Mourinho, eu nunca o ouvi dizer “é isto aqui porque é o principio de jogo, porque é o Modelo de jogo”, ele não falava neste tipo de linguagem mas, era isso que ele tinha na cabeça, e os jogadores entendiam porque a linguagem que ele utilizava era o exercício. “Quero pressão em profundidade”, não, não,

pode dizer-se antes “o primeiro ataca a bola aqui e aqui, concentrados...”. A linguagem dele é essa e os jogadores entendem o exercício. Portanto, se isto é possível e se a equipa joga e eles entendem e crescem, se calhar normalmente a nossa linguagem só dá para atrapalhar... e digo o Mourinho porque ele até é académico. Ouve-se, por exemplo, o Cruyff ou o Valdano falarem em táctica mas no sentido negativo, de camisa-de-forças, no entanto eles dizem que o mais importante é a técnica, falando depois da ordem necessária colectiva. Ora isso é que é o lado táctico mas nem toda a gente entende do mesmo modo o que se quer dizer...

Por isso é que eu digo que o táctico é o lado dinâmico, é o lado da verificação da existência, da organização, por isso eu lhe chamo “supra dimensão”. Se chamamos dimensão às outras que se subalternizam, que aparecem como consequência da idealização e da engendração desta, então a Tática é qualquer coisa que emerge de um conjunto de outras coisas, portanto é “supra dimensão”. É “supra” porque inicialmente nasce na cabeça... não é isto nem aquilo mas sem eles ela não é.

Os bons treinadores não usam isto mas não se enganam no essencial. Agora há quem sistematize, outros têm na cabeça mas, se são bons é porque não têm incoerência e o modo como definem as coisas, como entendem as relações e as levam a entender para que o que querem apareça... tem que ter algo de relevante.

Por isso é que eu digo que não se deve dar ouvidos a quem nunca fez e diz como se deve fazer. Porque o treinador a Top é quem faz, o que eu tenho é que descortinar a lógica que sustenta o processo dele, porque tem coerência, necessariamente tem. Dou o exemplo do Robson para quem o futebol não era

como eu o entendo, nem o processo de treino era como eu achava que deveria ser, mas o que é facto é que ele tirava dividendos... e as pessoas diziam “então, porque é que ele não escreve”, isso até dá vontade de rir!... quem tem que escrever, para ser promovido na carreira e não sei quê, são as pessoas aqui, essa é a lógica ascensional dos académicos, que não tem nada a ver com a dos treinadores. Agora o que as pessoas podem é “alto, se este ganhou, vamos lá saber o que ele faz”, sendo que para ele dizer o que faz, não é normalmente através da linguagem, ou melhor, é da linguagem que ele utiliza com os jogadores para que estes possam fazer isso, é através da visualização do que ele habitualmente faz. Portanto, onde as coisas estão a acontecer, tentar logo perceber e “tirar-lhes a fotografia”... Goste-se ou não se goste, hoje, uma janela de observação é o Mourinho, o Ajax é outra, o Ancelotti, o treinador da Juventus também, o do Manchester, o Wenger... O que é curioso é que eles são, apesar de tudo, diferentes entre si.

Eu bato sempre na mesma tecla, o problema é a Concepção das coisas. Que me interessa dizer que jogar futebol é um sistema dinâmico adaptativo de causalidade não linear se depois, a treinar, não sei o que isso é?!... Portanto, isto para mim serve para tudo, porque o jogo tem a ver com isso, os indivíduos são isso, a relação dos indivíduos com qualquer contexto tem a ver com isto... O objecto interfere no sujeito mas este reage com o que tem e pode alterar o processo e alteram-se os 2. Por isso é que eu dizia que o jogo não é um filme que passa havendo um processamento da informação, pois aqui o contexto de informação é muito pernicioso, tem aspas de certeza absoluta, porque é de informação que se trata mas não tem a ver com todas as relações que uma multiplicidade de coisas assume e que com o vivenciar continuado se

transformam continuamente e modificam-se e, são outra carne e outro osso em nós. É isso que o futebol deve provocar.

Ultimamente muita gente se tem preocupado com a Expertise mas... o lado abstratizante está ali muito manifesto, não sendo por isso verdadeiramente equacionado para o futebol. O que devemos fazer prevalecer é o que identifica o futebol como Especificidade, o que entendemos dos indivíduos e como é que eles têm que crescer numa lógica colectiva, de comprometimento, desenvolvendo-se em relação a si próprios mas num contexto de facilitação de uso e manifestação desses comprometimentos que são referências colectivas.

O direccionamento, a adaptabilidade no processo, é ditada fundamentalmente pela selecção dos conteúdos que devem ter a ver com aquilo que ainda não está adquirido. Muitas vezes as pessoas usam a teoria do caos mas neste caso é um caos determinístico. Na realidade, a relação, qualquer que seja, não deve perder a variabilidade e a imprevisibilidade... por exemplo, você passa-me, eu passo-lhe novamente mas, se você me passou e “pirou-se”, há aqui um grau de variabilidade simples, é o seu lado caos, o imprevisível – não sei se você está mais longe ou mais perto e, como tal, tenho que ajustar isso. Mas é determinável a necessidade de passar. Ora, o processo é de teoria do caos mas é um caos determinista, porque está determinado, à partida, em função do futuro que se pretende, e esse futuro inicialmente tem que existir de uma forma mais ou menos entendível, identificável e diferenciável. Depois, há um processo que leva a isso, não tal e qual mas por dimensões e orientado de modo nada convencional, para daí exprimir a maior eficácia e portanto ser o mais qualitativo, do meu entendimento.

Repare, por exemplo no caso de Iapaloni, que vive em Portugal há 40 anos e, mesmo assim, nota-se que não é portuguesa, porque a sua cultura sempre esteve implicada na língua. Ela quando está a pensar, a expressão que usa tem a ver com a sentimentalidade, portanto, a língua é uma coisa mais tardia, de acordo com Damásio, secundária, que tem relevância. Mas, sendo de uma cultura manifestamente diversa, não foi capaz de mudar totalmente a sua cultura. Isto pode ser transferível para o futebol e, o importante é, desde cedo, submeter o processo a uma lógica de coerência com aquilo que se quer. Agarrando os miúdos o mais cedo possível e submetendo-os a essa lógica, pelo menos até aos períodos mais marcadamente sensíveis a essa interferência. Como à semelhança da Iapoloni, a quem nunca mais saiu o sotaque, também há “sotaques motores” que não saem quando são adquiridos na infância. Por isso, devemos “dar-lhes” os referidos sotaques de acordo com o futebol que queremos. Agora, este não pode ser um “*futebol mixuruca*”, pelo contrário, deve permitir um entendimento expressivo/abrangente do futebol - daí ser importante reconhecer a diferenciação desenvolvimental do indivíduo em questão, em função da dimensão temporal do processo.

Se hoje dizemos muitas vezes que o futebol há uns anos atrás se jogava muito melhor do que actualmente, grande responsabilidade do futebol de rua, uma vez que era o que predominava nessa altura. Então o núcleo duro do processo tem que ser muito aparentado ao que acontecia no futebol de rua. Importa por isso caracterizar o que se passava nesses “futebóis” de rua e ser isso a estrutura de suporte das dinâmicas que queremos levar a efeito, pelo uso destes conteúdos ou daqueles.

Filipa Dias: Considera que apenas as actividades que exigem grande esforço e concentração, ainda que realizadas sem prazer ajudam, os jogadores a melhorar o seu nível de desempenho?

Professor Vítor Frade: Damásio diz-nos que a sentimentalidade positiva, ou seja, os marcadores somáticos, são altamente importantes, até para a confiança em si mesmo e não sei quê... Portanto, o prazer emana daí, da consciência do que queremos com o que fazemos para lá chegar, ou seja, é o prazer da minha evolução no processo, da capacidade de fazer melhor isto e aquilo. Repare, eu sei que o não prazer resultante de uma derrota circunstancial ou momentânea pode não ter interferência nenhuma, é uma coisa absolutamente natural, desde que não se constitua como regra, para se chegar a Top. Portanto, o prazer, efectivo, resulta da possibilidade de comparação e de relativização circunstancial por tomada de consciência do que ocasionalmente aconteceu. O Mourinho dizia por exemplo que o facto do jogador português não gostar de treinar tinha a ver com a concepção de treino dos portugueses, pare quem treinar não é jogar. Ora, se o treino não pode ter jogo, como o jogador gosta à brava de jogar à bola, é provável que não goste de treinar dessa maneira e, portanto, não sente prazer. Mas o Mourinho também diz, porque tem outra concepção de treino, que o jogador não gosta é de treinar mal. E repare, quando o jogador começa a treinar com bola e não treina o resto “isto vai chegar?”, ou seja, também deixa de sentir prazer porque pensa que vai peliçar. Mas, quando entende que de facto isso não é preciso, começa a sentir prazer e aquele “*desprazer*” associado ao “então não fazemos isto?” deixa de ter sentido.

Este lado absolutizante do Ericsson com o prazer sem dizer o que este quer dizer... não concordo nada com ele, porque acho que o prazer deve crescer

pela tomada de consciência da importância que assume aquilo que estamos a levar a efeito e, com uma criança de 4 anos não posso estar a perder tempo, porque sou burro, em levá-la a perceber o quão importante é passar por aqui para chegar ali. Mas é fundamental mostrar-lhe que pode vir a fazer o que a outra que tem mais dois ou três anos já consegue. Ou seja, o facto de ainda não conseguir mas de perceber que o pode vir a fazer aumenta-lhe o prazer. Porque o prazer “nasce” quando ela vê a outra fazer e, ainda que não conseguindo, imita para “fazer prazer”. Portanto, o “desprazer” que a criança sentiu não foi um “desprazer” porque reconheceu que, imitando pode fazer e quando faz, fica a sentir prazer. “Sei que, mesmo que me custe, fazendo isto vou melhorar”, ora isto não tem prazer? Vejamos, o Ronaldinho falha e ri; quando o jogador português se engana, ri para dar a ideia de que não fez bem porque não se aplicou totalmente - é uma espécie de simulacro (como o jogo português está cheio de simulacros) mas o Ronaldinho não, ele muitas vezes ri quando falha porque sabe que jogando nos limites do possível, há a possibilidade de calhar mal, no entanto não é por isso que daqui a um bocado não tenta fazer outra vez.

Como é possível imaginar que uma criança de 8 anos, que goste de jogar a bola, quando lhe propiciamos que ela jogue, isso tenha que se transferir numa falta de prazer para se constituir uma evolução? Não entendo, sinceramente. E constituirá, se calhar, com muito mais prazer se ela, jogando, também se aperceber que o que fazia está muito diferente do que agora faz, para melhor, merecendo inclusivamente as referências dos outros. Então isso não lhe dá prazer? O Mourinho dizia assim “eu quero que eles vão para aqui mas quero que sejam eles a reconhecer que devem ir. Não é para onde eles querem ir, é tomarem consciência e, só o fazem, depois de perceberem que tenho razão”.

Inicialmente, quando não entendem é um desprazer mas, quando entendem é um prazer.

Por isso, essa relação tem que ser muito relativizada... Relativamente ao não ter prazer, acho que o Ericsson deve ter treinado cãesinhos ou é influenciado por Pavlov.

Filipa Dias: E relativamente à concentração?

Professor Vítor Frade: Uma ocasião com o Mourinho, pouco antes do César Peixoto se ter lesionado, eu dizia “um jogador que me parece estar a dar sinais de poderes contar com ele mais regularmente é o César Peixoto, pois vejo-o na transição já a perceber bem o que é” e ele respondeu “ele nem sequer sabia o que era a transição, depois começou a perceber quando era com ele e agora já percebe que tem que fazer a transição quando a bola é perdida mesmo sem ser com ele e que, ao vir para trás, vai permitir mais eficácia...”. Como é que um jogador pode estar concentrado para isto se não entende isto? É por isso que a concentração não é abstracta... ele até pode estar “super concentrado” para uma situação mas não o estar para outras... A “supra dimensão” Táctica não é a técnica, a psicológica, a física nem a estratégia mas, também não é sem a existência destas e, para ser a “supra dimensão” Táctica, que eu acho que deve ser, ela requer de cada uma destas particularidades. Também em relação à sub dimensão psicológica, concentração.

O facto de eu estar muito concentrado a ver filmes, não significa que passe para outra actividade e que a manifeste. Eu só cresço para a concentração que se me pede quando entendo convenientemente o que me estão a pedir. Portanto, ela só é ganha/treinável, dentro do contexto. De que modo? Se calhar progressivamente, como o Mourinho me disse, porque... o primado está no corpo.

É provável que antes de fazer bem a colectiva, o César Peixoto fizesse bem a individual mas já sabia que a colectiva era importante, daqui para cima (cabeça), o corpo ainda não reconhecia. Depois já fazia, ou seja, o corpo espontaneamente já.

Numa entrevista, o Mourinho fez referência ao facto de ter utilizado duas estruturas de jogo em dois anos consecutivos. Assim, num primeiro ano enfatizou a estrutura 4-3-3 depois, no segundo ano passou a utilizar o 4-4-2, sobretudo para superar um problema de disciplina. Mas, o problema resultante da facilitação com que os jogadores já estavam no 4-3-3 e que os levava, com facilidade, a ter perda de concentração. Então, para resolver um problema de uma sub dimensão, Mourinho reequacionou a periodização táctica, ou seja, pôs maiores exigências em função do Táctico para que os jogadores o cumprissem na medida em que, para evoluírem, tinham que estar atentos e ser disciplinados. Portanto, ele resolveu um problema de sub dimensão psicológica, através do lado táctico - como havia novas exigências, com as quais os jogadores não tinham a mesma familiaridade, Mourinho obrigava-os a estarem atentos e a serem disciplinados. Isto é que é difícil de fazer.

Não é qualquer um que imagina isto como o Mourinho imaginou: por um lado dava-lhe jeito ter 2 estruturas onde suportar a dinâmica de jogo que queria mas, para além disso, ele percebeu que era preciso mudar, no jogo, não em termos de multas ou de coisas assim. Podemos também aqui perguntar: terá isso constituído um “desprazer” para os jogadores? ”Não, há que enfatizar a relevância que daí constitui a equipa poder suportar o jogo e poder passar de uma estrutura para outra e evidenciar qualidade. Mourinho refere mesmo ter evidenciado o lado

negativo do 4-4-2 para que os jogadores comesçassem a sentir que tinham que estar atentos. E o problema foi resolvido a partir do Tudo.

Já leu a monografia do Simão Freitas? Para mim a concentração é, sem tirar nem pôr, o que o Mourinho lá refere.

Filipa Dias: Já falou várias vezes na importância do “social” em todo o processo mas, em que medida o meio social e cultural em que os jogadores estão inseridos, bem como o apoio dos pais, é um aspecto fundamental no seu desenvolvimento?

Professor Vítor Frade: Muitas das vezes, o querer que o filho seja jogador é um investimento. Portanto, quem está mais afastado da identificação com este tipo de concepção que referi são os pais. Daí eu dizer que eles são os indivíduos mais perniciosos que podemos encontrar. Porque, enquanto os miúdos estão uma ou duas horas connosco, estão muito mais tempo perto dos pais, sendo o pai o seu primeiro modelo essencial. Ou seja, a interferência dos pais é enorme e aquilo que podem dizer é sagrado.

No Porto, no escalão dos 9 ou 10 anos, tinha um miúdo fabuloso, que jogava inclusivamente um ano acima e, a partir de certa altura o miúdo começou a ter um comportamento nada condizente com o que tinha até aí. Achamos estranho porque se o que ele tinha era uma grande virtude, que era o deixar quase pronto para os outros, passou a rematar quase de trás da baliza... Fomos constatar que o pai e o avô, à disputa, tinham “se marcares x golos dou-te x”. Uma coisa absolutamente de *pormenor* que interferiu como *pormaior*.

Assim, como os pais não têm um entendimento de como são os miúdos, como também não têm do jogo, são de facto um aspecto a ter em atenção. Aliás, eu conheci um pai que era uma coisa caricata: o filho era ala direito e o pai

passava o tempo todo a correr de um lado para o outro a dizer o que ele havia de fazer e se o miúdo não obedecesse... isso influenciava, claro. E eles (pais) muitas das vezes, para nós até podem disfarçar mas...

Filipa Dias: E como encara a realidade actual, isto é, antes, os pais praticamente não acompanhavam, alguns até não queriam que o filho jogasse. Agora, são os próprios pais que levam os miúdos?

Professor Vítor Frade: Mas antes isso se calhar era positivo, porque os miúdos iam até sem o pai saber e este não interferia negativamente. Hoje em dia, se calhar é o próprio pai que leva e quer e já aparece com botas e tal... O Professor Guilherme tem um jogador, o João, até me admirei deste ano ele estar tão transformado mas, chegou quase a cair, precisamente pelo lado negativo dos pais. Tenho as minhas dúvidas se recuperará em pleno mas está manifestamente diferente... Também, o Professor Guilherme não é um indivíduo qualquer, tem um nível de interferência de contraponto que pode ter tido muita interferência. No entanto, o Professor também tem lá um jogador, o Rui Pedro, um ponta de lança fabuloso, tendo eu já visto por 2 vezes vi um jogo à frente da sua família. O miúdo sobressai mas o pai está permanentemente a dizer mal de todos os outros. Não sei até que ponto este tipo de relação pode interferir de modo negativo. Por exemplo, também já assisti a um treinador dando concelhos a um júnior que ia dizendo o que é que o jogador havia de fazer: “não lighes aos outros, a primeira coisa que fazes é dar um pontapé forte para dar nas vistas e depois jogas para ti”. E era um treinador a dizer isto... Ora um pai pode facilmente não ser diferente!...

Basta ir à Constituição, os pais vão lá e estão lá de princípio ao fim, a relatar que é uma coisa incrível. Está a ver, numa criança de 10 anos, o peso do

pai é importante e, como se calhar até deu uns toques na bola e “eu é que sei, o treinador nunca jogou, não percebe nada”.

